

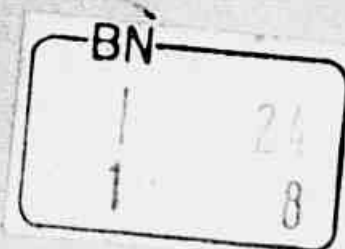
REVISTA DA SEMANA

ANO XLV N.º 32
5 de Agosto de 1944

CR\$ 2,50 NA CAPITAL
3,00 NOS ESTADOS



SUPLEMENTO
E MAPAS
DA GUERRA



ANEXOS



O EMBAIXADOR DE PORTUGAL E SRA. NOBRE DE MELLO, PADRINHOS DO NOIVO.

AO LADO — OS NOIVOS PERANTE O ALTAR, VENDO-SE A PRINCESA D. THERESA DE ORLEANS E BRAGANÇA E O PRINCEPE CZARTORYSKI EM BAIXO — ASPECTO DA ASSISTENCIA AO ATO RELIGIOSO.

NUPCIAS

ENLACE LILIANE HIME = ANTONIO D'OREY
CORREIA SAMPAIO MELLO E CASTRO

Constituiu um acontecimento social de grande expressão e brilho o enlace matrimonial da senhorinha Liliane Hime com o sr. Antonio D'Orey Correia Sampaio Mello e Castro, visconde de Castello Novo, celebrado a 22 de Julho ultimo na Igreja Nossa Senhora de Copacabana. A noiva é filha do sr. Norman H. Hime e de sua esposa, sra. Rose Hime, e o noivo é filho do Visconde de Castello Novo e de sua esposa, a Viscondessa D. Maria Izabel, residente em Lisboa.

Na cerimonia religiosa, oficiada por monsenhor Leovegildo Franca, serviram de padrinhos, pela noiva, os Principes Czartoryski, e, pelo noivo,

o sr. Embaixador de Portugal e sra. Nobre de Mello. O ato civil foi testemunhado, por parte da noiva, pelo sr. Guilherme Perestrello D'Orey e sra. Luiz Biolechini e, por parte do noivo, pelo sr. Luiz Perestrello de Albuquerque D'Orey e sra. Guilherme Perestrello D'Orey.

O tradicional templo de Copacabana achava-se repleto dos elementos mais representativos da nossa sociedade, que cercaram os nubentes e suas ilustres familias das maiores demonstrações de afeto e estima. A REVISTA DA SEMANA colheu da solenidade os flagrantes que ilustram este registro.



Nas suas velhas páginas deliciosas, em que se encontra ainda tanta graça parisiense, Alphonse Karr afirmava que se poderia reconstituir toda uma época, mesmo toda uma sociedade, apenas através dos simples enfeites femininos que dentro dela estiveram em voga. Futilíssimos na aparência, visando somente efeitos de elegância, esses adornos superam o próprio destino e adquirem muitas vezes um sentido maior, revelando as condições da vida, as tendências do ambiente, os influxos do tempo. Não deixam de ser, até certo ponto, autênticos documentos históricos. Interessam tanto ao sociólogo como ao cronista mundano.

E' que, em singular paradoxo, as grandes preocupações da existência transparecem nesses ornamentos da gente despreocupada. A granfina que se encanta com o ultimo capricho da moda, tão fértil de fantasia na criação de berloques decorativos, poderá ostentar a maior indiferença pelos graves assuntos e problemas do país ou do mundo. Mas, inconscientemente, conduzida sem saber pelas inclinações obscuras que determinam a sua escolha de um novo enfeite, demonstra que ela mesma não conseguiu fugir às sugestões da fase e aos impulsos do meio a que está necessariamente submetida. Na comédia ligeiríssima dos figurinos também se representa o drama universal. E quantas indicações preciosas não se poderiam extrair da evolução dos adornos através das idades!

Observe-se, por exemplo, como o prestígio dos "balangandans" corre ponde ao renascimento do interesse literário e artístico das velhas coisas brasileiras, com esse néo-romantismo de casas-grandes, sinhas-moças, solares imperiais e mucamas dengosas, que o sr. Gilberto Freyre promoveu em tantas obras. Foi sob a influência desse retorno ao passado que a mulher aderiu ao antigo talisman das "baianas" convencionais. E o êxito que também veio a alcançar nos Estados Unidos menos se deve à Carmem Miranda do que à intensa curiosidade americana pelos aspectos pitorescos do resto do continente, desenvolvida pela política de boa-visinhança.

Há muita dama de altas rodas e muita senhoria frequentadora de festas requintadas que manifestam risonhamente o seu egoístico proposito de não se preocupar com os lances da guerra. Pelo seu gosto, viveriam à margem das batalhas contemporâneas, como se a sorte delas, como a de toda a humanidade, não estivesse empenhada nesses combates atuais. Entretanto, a guerra as domina, sem que o desejem. Para vê-la, para senti-la, nem é preciso que leiam os jornais, que escutem radios, que assistam a sessões do cinema. O conflito lhes aparece nos próprios enfeites. São inumeráveis os que andam por aí, inspirados nas armas modernas. Azas de avião, esteiras de "tan s", tudo serve para os imaginosos inventores das frivolidades ornamentais. E se alguns sujeitos carrancudos rismungam ao encontrar esse futil aproveitamento de motivos trágicos, outros descobrem nisso a força inspiradora de tais motivos, aos quais ninguém pode fugir. Censuras íntimas, alvitres sub-conscientes, levam a "ino-



Carmen Miranda foi a consagradora dos "balangandans". Eles existiam desde muito antes, mas não podiam difundir-se com a presteza e a eficiência da "estrela" que um dia trocou o rádio e os "night-clubs" cariocas pelo cinema americano. Ela é um sucesso prolongado de biheteria, exceto no Brasil, talvez porque "ninguém seja profeta na própria terra": lá nos Estados Unidos e mesmo na Grã-Bretanha, de onde, agora mesmo, regressou Pascheal Carlos Magno, cujas declarações a respeito, publicadas em outro local deste número, são por demais eloquentes. Todos conheciam a Bahia e as baianas, mas só conseguiram certificar-se melhor do que elas têm através da canção de Dorival Caymmi e da interpretação de Carmen. Os "balangandans" e outras coisas típicas ganharam a mais ruidosa e gratuita publicidade que aí da se fez no Brasil, um desmentido formal aos preconceitos antigos contra a reclame. Os filmes de Carmen Miranda incumbiram-se do resto, que era tudo. E os "balangandans" jamais tiveram tanto consumo, na Bahia ou fora dela...

cente do "Leblon" a preferir adornos que lembrem a guerra, a própria guerra que pretende esquecer.

Outra indicação curiosa é o aparecimento atual de certos enfeites baseados em costumes tradicionais do país. Veja-se, entre outros, esse que agora surge em tantas vitrines, atraindo atenções fidalgas e plebéias... E' um pequeno adorno que apresenta, em estilização pitoresca, a bomba e a cuia do mate.

Nada mais simples em sua graça decorativa. Lembra as frias noites do sul, com os pés reunidos em torno do fogo, sorvendo o "chimarrão" retemperante. E é bom sinal de que tendemos a procurar aqui mesmo, no país, os motivos de beleza e encantamento para a nossa vida. O verdadeiro sentimento nacional não pode alheiar-se dos aspectos da terra, dos costumes da gente, do que exprime um pouco do nosso modo de ser. E ainda bem que a moda se encaminha nesse sentido. Como já dissemos, ela sempre diz muito mais do que se pensa na sua aparência frívola.

**ASPECTOS SERIOS
DE UM ASSUNTO
FÚTIL
GENOLINO AMADO**



PASCHOAL CARLOS MAGNO FALA SOBRE A INGLATERRA. "SOFRI TÔDA A "BLITZ-KRIEG" EM LIVERPOOL". O QUE OS INGLESES PENSAM DO BRASIL. "STEFAN ZWEIG E CARMEN MIRANDA, OS MAIORES PROPAGANDISTAS DO NOSSO PAÍS. "CHAMAR HEROICO AO POVO INGLÊS E' UM PLEONASMO: O INGLÊS E' UM POVO CONSCIENTE DO SEU DESTINO". A CHEGADA DOS BRASILEIROS A NÁPOLES. REPERCUSSÃO NA IMPRENSA INGLESA. O QUE OS INGLESES PENSAM DA RÚSSIA: "TOMARA QUE OS RUSSOS CHEGUEM EM BERLIM ANTES DE NÓS". "NÃO CORA A PENA DE OMBREAR COM A ESPADA". O AMBIENTE ARTÍSTICO E LITERÁRIO NA INGLATERRA. GARCIA LORCA E' O POETA EM VOGA. BERNARD SHAW SEMPRE POPULAR. E CHARLES MORGAN? O CINEMA E O TEATRO. LONDRES E' UMA CIDADE ALEGRE, NADA DE FILAS.

Conversar, e ouvir as impressões de uma pessoa recém-chegada de Londres, da Londres heroica que resistiu à "blitz-krieg" de 1940, que está resistindo às desumanas "bombas voadoras", e escrevendo as páginas mais heroicas da história das guerras, é uma coisa excitante. Mas si este homem é, além do mais, inteligente, capaz de analisar as reações sociais, as consequências da guerra na grande metrópole, cresce muito o interesse. A chegada de Paschoal Carlos Magno, vice-cônsul do Brasil em Liverpool, transferido mais tarde para a Embaixada do Brasil em Londres, velu despertar o interesse dos cariocas.

Fomos encontrar o diplomata atrapalhadíssimo com os chamados telefônicos de amigos e admiradores, que procuravam novidades, faziam encomendas, convites para conferências. Paschoal atendia a todos com paciência evangélica:

- Acho que não poderei descansar muito aqui no Brasil antes de voltar para Londres.
- Pretende então voltar logo?
- Salvo ordem em contrário, devo embarcar em Dezembro. Poderia permanecer ainda por algum tempo, mas pretendo desenvolver um plano destinado a tornar o Brasil mais conhecido na Inglaterra.
- Que impressão tem os ingleses do Brasil?
- Apesar de ser o nosso país dolorosamente caluniado por escritores apressados, todo inglês anseia por conhecer o Brasil. Esse interesse é claramente demonstrado pela correspondência que chega à Embaixada e pelas perguntas que nos fazem.
- Que espécie de perguntas?
- As mais inquietantes, sobre a política, a cultura, a economia do nosso país. Aliás,

UM BRASILEIRO QUE VIU AS BOMBAS VOADORAS

Esse interesse pode ser verificado em todas as classes, quer entre o povo quer entre as grandes figuras da sociedade londrina, ou mesmo nos círculos literários e artísticos. O Penn Club Internacional pretende organizar um Congresso Internacional de Escritores, tendo escolhido para sede o Rio.

- Para quando acha que será?
- Logo que termine a guerra. E' fácil imaginar como seria vantajoso para o nosso país a realização desse congresso aqui no Rio.
- Como se manifesta a imprensa inglesa sobre o Brasil?
- Do modo mais elogioso. Ultimamente vem sendo publicados artigos especiais destinados a fazer propaganda do Brasil.
- Escritos por ingleses?
- Não; escritos por brasileiros. E o mais interessante é que esses escritores recebem dinheiro pelos direitos autorais. Com esse dinheiro será patrocinada em Londres uma exposição de arquitetura brasileira, que percorrerá oito cidades principais da Grã-Bretanha e subsequentemente toda uma série de cidades menores do interior do país. A exposição consistirá em fotografias mostrando a evolução da arquitetura brasileira.
- Como se faz a propaganda do nosso país em Londres?
- O Brasil tem na Inglaterra muitos propagandistas inesperados. Quer conhecer alguns? Stefan Zweig e Carmen Miranda. O livro de Stefan Zweig, "Brasil, País do Futuro", foi talvez a mais bela propaganda que o Brasil teve até hoje na Inglaterra. As edições se veem esgotando uma após outra. E por falar em Zweig: sabe que os herdeiros do grande escritor estão esperando apenas que a guerra termine para transportarem para o Brasil todos os seus bens e se radicarem em nosso país?

- Qual a sua impressão sobre o povo inglês?
- Dizer que o povo inglês é sereno é apenas um lugar comum. Dizer que é heroico é um pleonismo. O povo inglês é, antes de mais nada, um povo consciente do seu destino. Seus atos de bravura e heroísmo são praticados sem estardalhaço, e parece até que se envergonham do que estão fazendo.

O inglês não odeia. Quer uma imagem do soldado inglês que combate em todos os pontos? Há algum tempo jantava eu num pequeno restaurante de Londres, com um amigo, piloto da RAF. Conversando, contou-me acidentalmente um episódio de um "raid" que fez ao norte da Itália. O "raid" destinava-se a bombardear as comunicações das tropas alemãs. Esse rapaz de vinte e dois anos, que não era literato, não tinha preocupação de construir frases para impressionar, disse-me com uma simplicidade simplesmente comovente:

"Estávamos no inverno. Quando cheguei nos Alpes olhei para baixo, era tudo tão bonito, as montanhas, as florestas, as casas cobertas de neve, que fiquei me perguntando por que me teriam mandado ali para destruir tudo aquilo."

São assim os ingleses. Não estão na guerra por amor à farda ou à procura de glórias feitos militares. Esse é o verdadeiro inglês. Raramente encontramos nos jornais ingleses louvores individuais a soldados ou aviadores. A causa é comum a milhões. E o heroísmo quase sempre se perde no anonimato.

Os ingleses são, seguramente, um dos povos mais discretos do mundo.

E' por isso que devemos considerar algo de extraordinário o destaque com que os jornais ingleses se referem à chegada de aviadores brasileiros à África ou aos preparativos da Força Expedicionária Brasileira. Nesses casos, abrindo exceção, a notícia era dada nas primeiras páginas dos jornais.

— Mudando de assunto: parece que se esqueceu de falar em Carmen Miranda, quando disse que era uma das nossas maiores propagandistas.

— E' verdade. E o caso merece referências. Todos os ingleses pensam, aliás muito justificadamente, no Brasil como um país carregado de sol, habitado por um povo chelo de vida. Em grande parte isto é devido a Carmen Miranda. Em Londres o sucesso dessa artista é simplesmente espantoso. Nos cinemas formam-se filas enormes quando está anunciado um filme de Carmen. Sua popularidade é tão grande que muitos aviadores não dispensam o seu retrato nos aviões. São inúmeras as suas imitadoras na "City".

— Como encaram os ingleses a questão da Rússia?

— Os ingleses tem pela Rússia a mais sincera admiração. Conhecendo a sua fraqueza sentimental, tem medo que se repita o erro de Versailles, quando os alemães conseguiram uma situação que lhes permitiu desencadear, vinte e um anos mais tarde, nova carnificina. Em Londres é muito comum ouvir-se esta frase: "Tomara que os russos cheguem a Berlim antes de nós". Eles sabem perfeitamente como os russos tratarão os nazistas.

— E as relações entre os ingleses e americanos em Londres?

— Multíssimo cordiais. Embora apenas algumas praças estejam literalmente ocupadas pelos americanos, tem-se a impressão de que eles estão em toda a cidade.

— A guerra não paralizou as atividades intelectuais?

— De modo algum. Neste como em todos os outros setores a vida da cidade continua normal. Particularmente, tenho tomado algumas iniciativas para tornar mais conhecida a literatura da nossa pátria. Ultimamente criei em Londres o "Prêmio Brsil". Não sabendo como agradecer aos ingleses a acolhida que dispensaram ao meu livro, instituí esse prêmio, que será concedido a um poema de vinte linhas, sob os auspícios do Penn Club. Foi constituído um júri de três grandes figuras da literatura inglesa contemporânea: Herbert Read, Richard Church e Ceyl Day Lewis. Quando saí de Londres já havia mais de 500 inscrições. O prêmio em dinheiro nosso é aproximadamente de 4.000 cruzeiros.

E Paschoal Carlos Magno entusiasma-se quando fala no ambiente literário da Inglaterra:

— Por falar em poesia: você não imagina a popularidade que tem os versos na Inglaterra. Como poeta, o que mais me comovia era ver a quantidade de gente, humilde ou rica, que lê versos na terra de Shakespeare.



Paschoal Carlos Magno tem residência efetiva no Rio, embora suas funções diplomáticas o obriguem a ausentar-se demoradamente. Foi em sua casa da Tijuca que atendeu ao nosso redator.

— E essa paixão abrange também as forças armadas?

— Vou lhe contar um fato que servirá de resposta à sua pergunta: Há pouco tempo surgiu uma antologia de poemas ingleses denominada "Flôres dos Outros", de autoria do famoso general Lord Wavel. E a coisa não fica por aí. Um dos maiores sucessos da última temporada livresca foi uma coletânea de "Poemas do Deserto", os quais foram escolhidos numa competição patrocinada pelo jornal do 8.º Exército e para o qual contribuíram mais de 7.000 soldados. O prefácio desse livro foi escrito pelo general Montgomery.

Em cada uma de suas unidades o exército inglês mantém o que chamam "sala educacional", onde se realizam conferências sobre todos os assuntos. A frequência a essas conferências é obrigatória. Aliás, não havia necessidade de se impor, pois todos os soldados e oficiais mostram-se enormemente interessados.

— Teve ocasião de falar alguma vez às tropas combatentes?

— Inúmeras vezes. Tenho bastante experiência sobre esse auditório. Talvez a minha maior emoção tenha sido falar sobre o Brasil em hospitais de guerra. Recordo-me que de uma feita, chegando a um desses hospitais, a enfermeira superior perguntou-me si não me oporia a fazer minha conferência numa sala em que havia mais de doze aviadores feridos, deitados em suas camas: — "Eles manifestaram tanto desejo de ouvir falar sobre o Brasil, que seria um crime negar-lhes esta alegria". E' fácil imaginar a emoção com que falei àqueles homens sobre o nosso país.

Aliás, os ingleses tudo fazem para divertir os seus guerreiros. Companhias inteiras atravessam os mares em navios de guerra, cruzam os ares em aviões, para amenizar a vida, não apenas dos soldados, mas daqueles que trabalham nas minas, nas fábricas, nos campos de lavoura.

Não faz muito tempo, meus amigos Magle Elliot e Cyril Richard viajaram para o Cairo e daí para o deserto, representando o seu último sucesso de Londres. Chegando ao Cairo, foi-lhes imediatamente concedida permissão para organizarem os coros com os próprios soldados do 8.º Exército. Uma nota curiosa do espetáculo foi que muitos deles fizeram o papel das "chorus girls".

Os soldados ingleses parecem incansáveis. Nos intervalos das batalhas, para diminuir as aguras da existência, foram organizados no exército cursos de extensão universitária, pintura e desenho por correspondência.

Há pouco tempo realizou-se uma exposição de pintura dos soldados dos quatro cantos do Império Britânico. Isso define o seu nível intelectual. E entretanto não se julgam "super-homens".

— Os escritores brasileiros são conhecidos na Inglaterra?

— Pouco. Você ficaria espantado si eu dissesse que um dos livros brasileiros que maior sucesso fizeram na Inglaterra foi "Casa de Pensão", de Aluísio de Azevedo.

Depois do aparecimento do meu livro, fui aproximado de grandes editoras inglesas, que se mostraram desejosas de publicar obras de outros autores brasileiros, e acredito que isso se realizará assim que termine a guerra e haja possibilidade de obter mais papel.

— Qual o autor inglês mais em voga?

— Creio que ainda é Bernard Shaw.

— E os escritores americanos?

— Tem um grande público na Inglaterra. Acho que a coisa chega a despertar ciúmes entre os escritores ingleses. Há pouco tempo houve um debate público, presidido por Louis Goldring, sobre o tema: "Escrevem os americanos melhor do que nós?"

— E qual foi o resultado?

— Como todos os debates, foi apenas um pretexto caloroso e palavroso para responder à pergunta.

E aqui quisemos fazer uma pergunta a Carlos Magno cuja resposta nos reservava uma surpresa:

— Charles Morgan tem na Inglaterra muitos leitores?

— Toda a vez que me reteria à popularidade desse escritor no Brasil, ouvia uma frase entre irônica e piedosa: "Coitados dos brasileiros que leem Charles Morgan!"

— E a que atribui essa frase? perguntámos espantados.

— Os ingleses consideram-no um escritor artificial. Não preciso dizer que discordo inteiramente dessa opinião. "Fountain", obra desse escritor, é uma das melhores recordações de leituras que tenho.

— E a poesia?

— Já lhe disse como me impressionou a paixão dos ingleses pelos versos. Sabe qual é o poeta mais em voga atualmente na Inglaterra? Garcia Lorca.

Não encontrei lá essa preocupação de ser modernista ou passadista. Os poetas e o público se preocupam muito mais com o conteúdo do que com a forma. O que importa é que o poeta tenha idéias e saiba exprimi-las musicalmente.

— O mesmo se dá nos outros setores da arte?

— Não. Na pintura, por exemplo, nota-se uma forte tendência modernista, podendo-se citar como corifeus do movimento Graham Sulterland, Spencer, Moore.

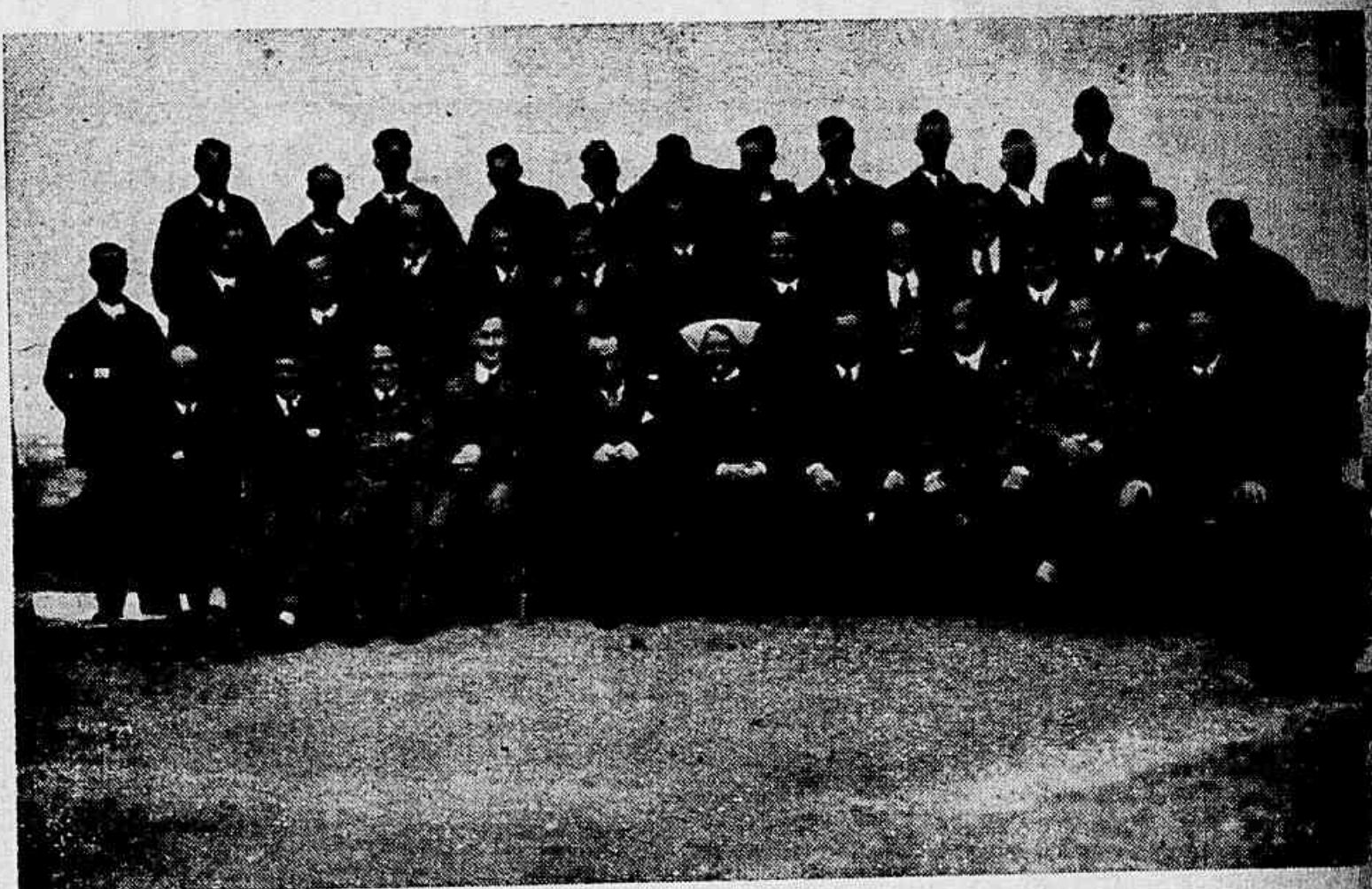
— E o cinema?

— Desenvolvendo-se cada vez mais, com amplos estúdios.

Quando saí da Inglaterra, atendendo a uma sugestão minha, a "Gainsborough Film" pretendia lançar um concurso latino-americano para julgar novelas traduzidas para o inglês, que seriam depois filmadas por eles.

Não poderia falar em cinema sem me referir orgulhosamente a um dos maiores diretores de cinema do mundo, que se encontra atualmente em Londres: Alberto Cavalcanti.

— Brasileiro? perguntámos.



Paschoal Carlos Magno realizou diversas conferencias sobre o Brasil em hospitais de guerra na Inglaterra. Aqui o vemos num desses hospitais, com a enfermeira e os convalescentes.

— Brasileiríssimo. Não me admira que não conheça o seu nome, pois ele é quase desconhecido no Brasil. E' uma pena que não o chamem para ajudar o desenvolvimento da nossa pobre arte cinematográfica. Na Europa e na América seu nome dispensa adjetivos.

Não poderíamos dar por encerrada a entrevista sem perguntar a Carlos Magno algo sobre o movimento teatral em Londres. Todos sabem o papel que, nesse setor, desempenhou Carlos Magno em nosso país, criando o Teatro de Estudantes.

— Há um grande movimento de renovação de valores, tanto de autores como de atores, no teatro de Londres. Uma das coisas mais curiosas nesse setor é o fato de Noel Coward ter permitido que a "première" de uma das suas últimas peças fosse assistida num campo de prisioneiros de guerra britânicos em território alemão.

— Tem saudades de Londres? perguntámos sem nenhuma ironia. O escritor não respondeu diretamente à nossa pergunta:

— Você não pode imaginar a saudade que tive do Rio quando estive em Londres. Da cidade, dos amigos, dessas pequenas coisas com as quais nos familiarizamos. Entretanto, a cidade está muito diferente.

— Em que sentido?

— Está muito mais triste. Sabe de uma coisa que talvez pareça absurda? Londres é uma cidade muito mais alegre que o Rio.

— Mesmo com as "bombas voadoras"?

Chegado há uma semana, Paschoal Carlos Magno encontrava-se em Londres desde o começo dessa campanha desumana dos nazistas. Ele entretanto esquivou-se habilmente à pergunta, e fingiu não tê-la percebido.

— Os londrinos não modificaram o seu modo de viver. Todos se divertem como antes da guerra, e talvez até mais.

— Não será isso um modo de disfarçar o nervosismo produzido por tantos anos de luta?

— Absolutamente. Eles tem a alegria de um povo que está vencendo a guerra e caminhando para um mundo melhor que ajudaram a construir.

— E as "filas" em Londres?

— Filas? Não tive ocasião de ver em Londres uma única fila. Há racionamento, está claro, mas cada qual recebe a sua porção de alimento em casa, de acordo com o cartão, sem entrar em fila. Nem mesmo para esperar condução o londrino entra na "bicha".

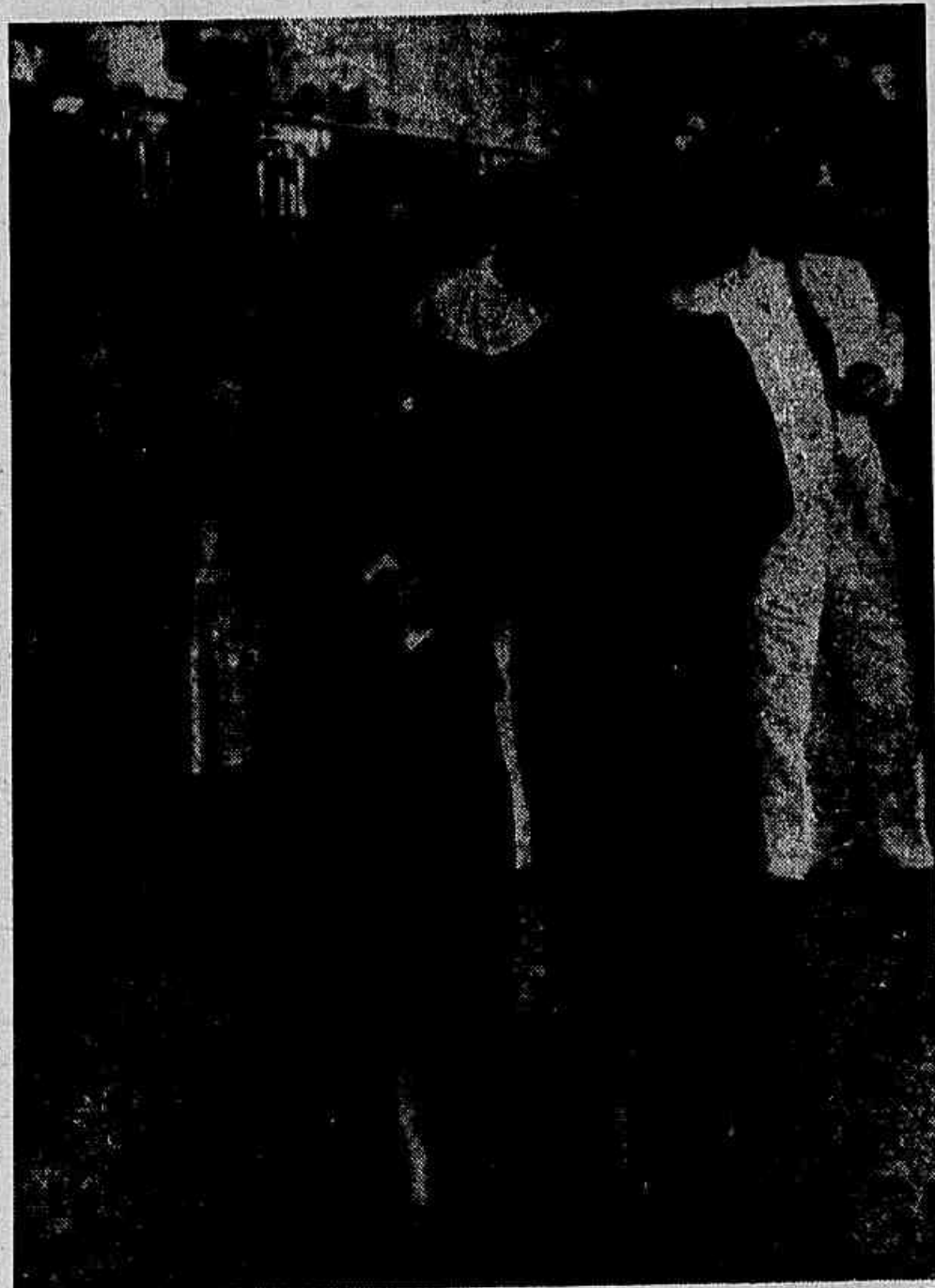
Por falar nisso, vamos andando, pois tenho compromisso na cidade e estou atrasado. Precisamos tomar um taxi.

— Taxi nessas alturas e a esta hora? (Estávamos na Muda da Tijuca). Você se esqueceu de que estamos no Rio e não em Londres?



JOCKEY CLUB MUNDANO

No decorrer da reunião turfística de domingo ultimo no Hipodromo da Gavea, a nossa reportagem fotografica, enquanto as graciosas aficionadas do nobre esporte passeavam pela "pelouse" ou assistiam entusiasmadas os lances emocionantes das carreiras, colleu os cinco sugestivos flagrantes que aqui reproduzimos.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLV --- 5-8-1944 --- N. 32

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia.
Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal
434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.
Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS E SUPLEMENTO DE GUERRA ANEXO

Sumário

LITERATURA:

Aspectos serios de um assunto fútil (Genolino Amado).....	3
Aventura da Estrela Assustada.....	15
O Mensageiro (Odette Garnier).....	19
Coincidência.....	26/27
Livros Novos.....	38/39
Artes e Artistas (Escragnolle Doria).....	41

REPORTAGENS:

Um brasileiro que viu as bombas voadoras.....	4/5
A morte de Clovis Bevilacqua.....	8/9
Jockey Clube.....	6
Figuras e Fatos.....	34/35

FEMININAS:

Modelos da Semana.....	25/25
Nos Bastidores Femininos.....	30
O que se deve evitar.....	32/33
Outros Modelos.....	49

CURIOSIDADES:

Em qualquer parte do Continente.....	20/21
Você tem vocação para detective?.....	31
Duas interpretações de Bernadette.....	28/29

SEÇÕES:

De Teatro.....	10/13
Artes Plásticas.....	14

No proximo número:

Novas revelações sobre o palpitante caso Humberto de Campos.

E uma sugestiva série de modelos femininos para a estação.

Dôr de Cabeça

Quando V. S. tiver dôr de cabeça, lembre-se que muitas vezes ela é causada por desarranjos e perturbações do estômago, intestinos e fígado e não esqueça nunca que somente tratando estes órgãos é que ficará curado.

Se V. S. tem qualquer dúvida a este respeito, consulte o seu médico.

Não basta tomar pílulas ou comprimidos calmantes da dôr, porque com isto só se conseguirá suprimir o sintoma e não se fará nunca desaparecer a causa da dôr de cabeça, se esta tiver sido provocada pela prisão de ventre.

Em todas as doenças o mais importante é tratar a causa, e os médicos sabem que a dôr de cabeça é frequentemente causada por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos; por isto convem limpar estes órgãos usando **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre trata racionalmente a prisão de ventre, estimula o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, que perturbam as funções do fígado e causam a dôr de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, língua suja, falta de apetite, mau gosto na boca, empachamento, peso e dôr no estômago, mal-estar depois de comer, arrôtos, azia, indigestão, dores, cólicas e outros desarranjos do ventre, mau hálito, preguiça, sonolência e moleza geral, certas coceiras e erupções na pele, nervosismo e outras alterações mais graves da saúde.

Tenha todo o cuidado com sua saúde.

Para evitar a dôr de cabeça e todos estes sofrimentos provocados pela prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio esplêndido, que é tão amplamente conhecido e aplicado, dentro e fora do país.

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

A guerra em marcha.....	16/18
De Cinema.....	42/54
De Rádio (Djalma Maciel).....	45

NOVELA:

Covardia — por Berliet Junior.....	47/48
------------------------------------	-------

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	22
"Charge" de Raul.....	50

ANEXO: — SUPLEMENTO DA GUERRA COM MAPAS

Nossa Capa

A influência da guerra na moda feminina continua em franco desenvolvimento. As famosas boinas do general Montgomery não estão sendo copiadas apenas pelas damas simpáticas das Nações Unidas, que se entusiasma com os feitos do bravo militar britânico, mas também pelas mulheres de Viena, com que pese a todas as fiscalizações da Gestapo, há je em período de desmoralização e decadência. E ninguém pode negar que o chicpe, apreendido por C. n. t. n. e. M. o. r. e, n. s. b. r. e. a. p. o. p. o. n. ú. m. e. r. o, sofreu também influência direta das modernas *casquettes* que andam cobrindo milhares de cabeças dos destemidos invasores da Fortaleza de Hitler. Não tardará que os uniformes da Defesa Passiva se reproduzam, mais ou menos disfarçadamente, nas *toilettes* de Hollywood, e daí para o mundo civil, onde ainda existem pequenas bonitas defendendo o direito de vestir com elegância; mesmo economicamente, será um pequeno salto. Tão curto que há de deixar em confronto desolador a travessia da Mancha. Mulheres sabem

tirar partido de todas as emergências para bem aparecerem ao *bicho-homem*. E os menores detalhes de uma indumentaria de guerra podem perfeitamente servir para realçar-lhes os encantos nas avenidas, nas confeitarias e nos cinemas da moda... (Foto RKO-Radio).

REVISTA DA SEMANA



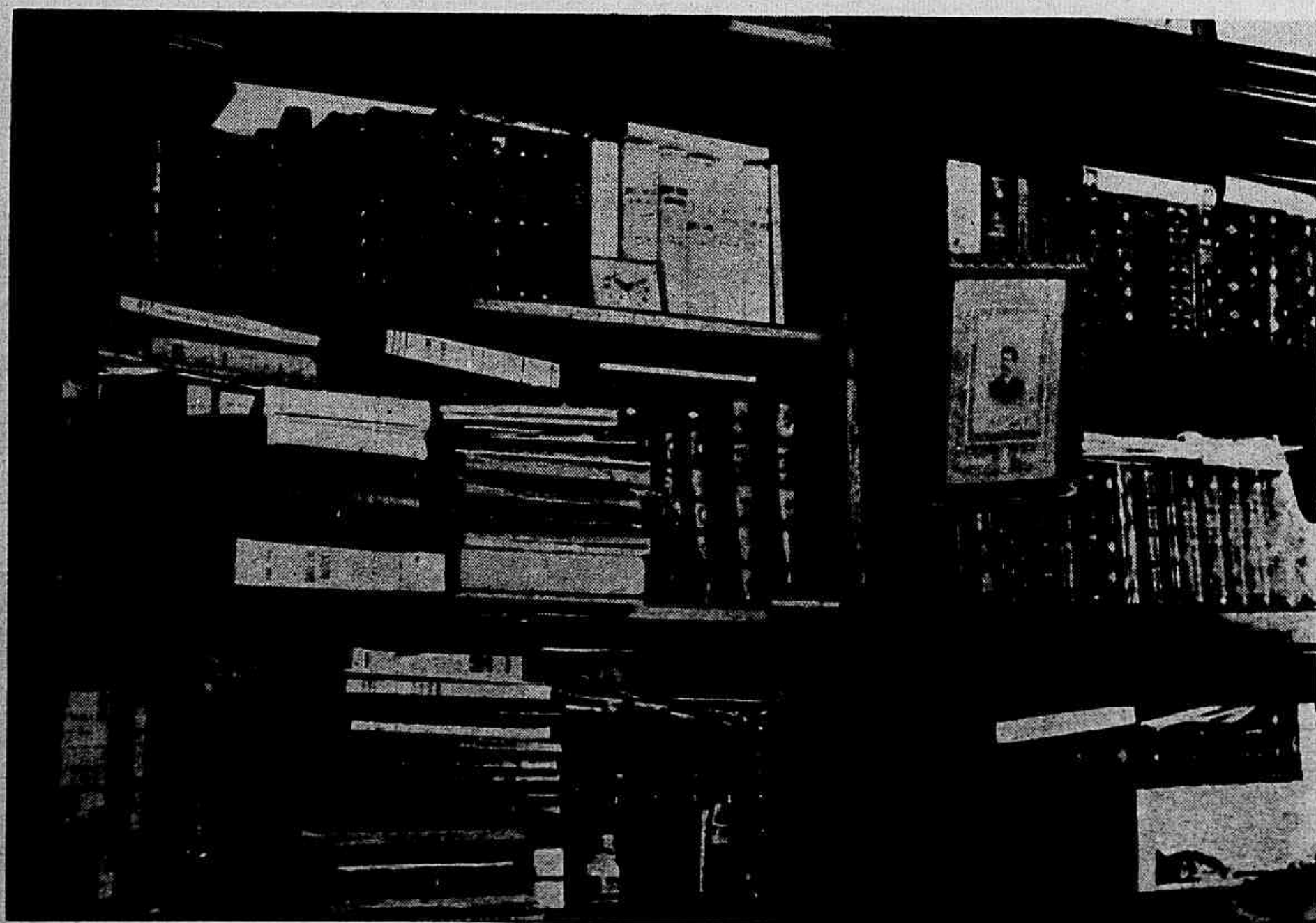


A CASA DA RUA BARÃO DE MESQUITA 508, ONDE FALECEU NA MADRUGADA DE 26 DE JULHO, O PROFESSOR CLOVIS BEVILACQUA, VITIMADO POR UM COLAPSO CARDIACO, QUANDO INICIAVA A SUA TAREFA QUOTIDIANA.

A MORTE DE CLOVIS BEVILACQUA

O súbito falecimento do professor Clovis Bevilacqua, jurista de renome no Brasil e em todo o mundo, autor do Código Civil, membro de várias organizações de direito, no país, na América e na Europa, autor de muitos livros clássicos de direito, veio abrir imenso claro na cultura jurídica nacional. Seu desenlace deu-se na manhã de 26 de Julho último; várias pessoas da família foram encontra-lo vitimado por um colapso cardíaco, junto à sua mesa de trabalho, quando, presume-se, iniciava a tarefa de cada dia. Nos últimos meses a saúde do ilustre extinto não era satisfatória; entretanto, nada indicava um desenlace iminente. Os funerais foram realizados a expensas da União, pois tão logo teve conhecimento do passamento o presidente da República deu determinações nesse sentido, atendendo aos relevantes serviços prestados ao Brasil pelo professor Clovis Bevilacqua. Também foi decretado luto oficial.

A morte de Clovis Bevilacqua tem a significação de perda nacional. Porque o insigne cearense constituía sólida reserva da inteligência, da cultura e da dignidade do Brasil. Homem que podia ter sido galardoado com as maiores honrarias e, no entanto, repeliu-as todas. Não se entregou às seduções da vaidade. Nem se viu fascinado pelo jogo da política. A ambição passou de largo da cela onde ele trabalhou, em benefício da Pátria



UM DETALHE DA PRECIOSA BIBLIOTECA DO ILUSTRE MORTO, NA QUAL OS SEUS TRABALHOS SE ESTENDIAM PELA NOITE A DENTRO, APEZAR DE SUA AVANÇADA IDADE, OITENTA E CINCO JANEIROS DE LABORIOSO ESTUDO.

e de sua gente, na realização de uma finalidade jurídica que expressa, entre a força e a inteireza dos princípios, o bem estar coletivo. Jurista e filósofo, permaneceu fiel aos objetivos dos pendores próprios. Nada o moveu disso. Ninguém o suplantou, nem no valor do talento e da sabedoria, nem na grandeza de consciência feita de ternura e daquela simplicidade que era a linha do seu caráter e do seu temperamento. Viveu para ser bom e para ser justo. E a compleição pequenina, acanhada, conduzia a individualidade de um gigante do pensamento e do prestígio moral. Muito dizia a aura de respeito com que não apenas os discípulos e os cultores do direito o cercavam quando o viam, porém também os indivíduos do povo, da massa. E' que sabiam estar ali a figura da retidão e, sobretudo, do idealista que combateu o predomínio da violência e os abusos dos privilégios, conforme ele assentou nas linhas mestras da obra monumental da sua mocidade.

No tempo, seguiu Clovis a evolução do direito; introduziu, em nossa terra, tudo quanto as correntes modernas transportaram de acordo com o progresso humano.

A profissão de fé pela democracia, ele nunca a abandonou. Antes lhe consagrou as máximas energias da personalidade, combatendo mistificações e subornos, desvios e enganos que deram ocasião às tiranias da época hodierna. Desde o irrompimento da segunda conflagração, declarava-se contrário aos fascismos e aos nazismos de toda casta, espécie e categoria, nos quais sentia a preocupação de algemar os pulsos livres e abalar as vozes dos direitos das criaturas. Proclamara, certa vez, a sua convicção na vitória das conquistas civilizadoras, assinaladas e protegidas pelo direito, porque é o direito que tem a seu lado "a força material capaz de subjugar o arbitrio e a prepotência dos que não se submetem a seus preceitos." Um passo sequer não recuou dessa atitude. Assim finou-se, coberto pela glória, que a honra eterniza, de nunca haver vacilado em face da própria consciência, ativo no entardecer da vida, circundado pelos reflexos do sol que lhe emprestava reverberos de meio dia.

Muito moço quando lançou os trabalhos fundamentais da sua bibliografia. Com o Código, sobrelevam-se, também, os *Princípios do Direito Internacional*, a *Teoria geral de Direito*, o *Direito de Família* e mais outras. Recordar-se, neste instante do seu desaparecimento, o clamor provocado ao lhe ser cometida a execução do nosso estatuto civil. Houve quem julgasse que a incumbência devia pertencer a jurista de cabelos brancos, não a um moço. E Clovis faz o trabalho. Si admiravelmente o concluiu, maior se mostrou quando o atacaram. A defesa do Código representa vitória definitiva. Guindou-se, portanto, ao acume da jurisprudência e da jurisperícia nacional. Com Teixeira de Freitas, manteve a preeminência ainda não ultrapassada no direito pátrio. Teixeira de Freitas foi o sistematizador. E Clovis o edificador, porque o codificou. Da mocidade de Clovis é de rememorar, hoje, a atuação como consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores, ao tempo de Rio Branco. Vezes inúmeras, conta um biógrafo, o barão ficava, horas e horas, a ouvir a opinião do ilustre cearense. Os pareceres do mestre valiam como arestos firmados pelo profundo conhecimento das doutrinas internacionalistas.

Extingue-se na pobreza o lumiar civilista do direito brasileiro. E' o título mais belo da vida do lida-dor. Ele, que amou a ordem garantida pelos preceitos legais, desce ao tumulto sem a menor mancha na túnica de sacerdote e iluminado. Fica-lhe na terra o sulco da existência de pureza e a impressão da fibra inatacável e incorruptível. Clovis não se apaga no silêncio da morte. Não. Pois principia, de agora em diante, a maior consagração dos seus meritos invulgares e que hão de perdurar no monumento por ele erguido para a grandeza do seu povo. Símbolo remanescente, para os paladinos da nova jornada que se avizinha. Ao se travarem os choques em busca da estabilização do amanhã de reivindicações sociais, afim de serem reinstituídas e mantidas as liberdades conspurcadas pelas ideologias absorventes e despoticas da sanha faci nazista, a figura de Clovis será necessariamente exaltada, como exemplo de repulsa a todas as espécies de tirania e de opressão.

DADOS BIOGRAFICOS

Clovis Bevilacqua nasceu a 4 de Outubro de 1859, na cidade de Viçosa, no Ceará, sendo seu pai José Bevilacqua. Iniciou seus estudos na cidade de Natal, ingressando em 1872 no Ateneu Cearense e daí transferindo-se para o collegio oficial de Fortaleza, em 1875. Em 1876, com 17 anos apenas, embarcou para o Rio, onde, depois de ter frequentado com proveito as aulas do Externato Gaspar e do antigo Mosteiro de São Bento, ultimou seus preparatórios juntamente com Paula Ney e Silva Jardim, seu melhor amigo.

Em 1878 embarcava para Recife iniciando ali, na tradicional casa de saber, seus estudos jurídicos. Após a formatura, desejando seguir a carreira de magistrado, era nomeado promotor público de Alcantara, no Maranhão, em 1883.

Desde então sua vida prossegue num sentido ascensional. Vitorioso o regime republicano, pelo qual se batera, é eleito deputado à Assembléia Constituinte do Ceará. Foi a primeira e última vez que ocupou uma posição política. Convidado para a Câmara dos Deputados e para o Senado Federal, recusou. E' que o seu espírito conduzia-o antes ao recesso dos gabinetes, do que às agitações da vida política. Em 1884, já casado com D. Amelia de Freitas, presta ele um brilhante concurso para lente de Filosofia da Faculdade de Direito de Recife. Inicia, então, a sua série de obras jurídicas que o haveriam de credenciar perante o país, justificando o gesto de Epitacio Pessoa, em 1896, convidando-o a elaborar o Código Civil Brasileiro.

Transferindo-se para a Capital da Republica, em Março, no mês de Outubro do mesmo ano Clovis Bevilacqua realizava o milagre intelectual de terminar a sua obra que, a 1 de Janeiro de 1916, depois de 16 anos de discussões, era transformada em lei oficial.

Em 1906, o Barão do Rio Branco conduziu-o ao posto de consultor jurídico do Ministerio das Relações Exteriores, onde se manteve até 1934. Publicou, então, Clovis Bevilacqua a sua célebre obra *Direito Internacional Privado* e, em 1910, o *Direito Internacional Publico*.

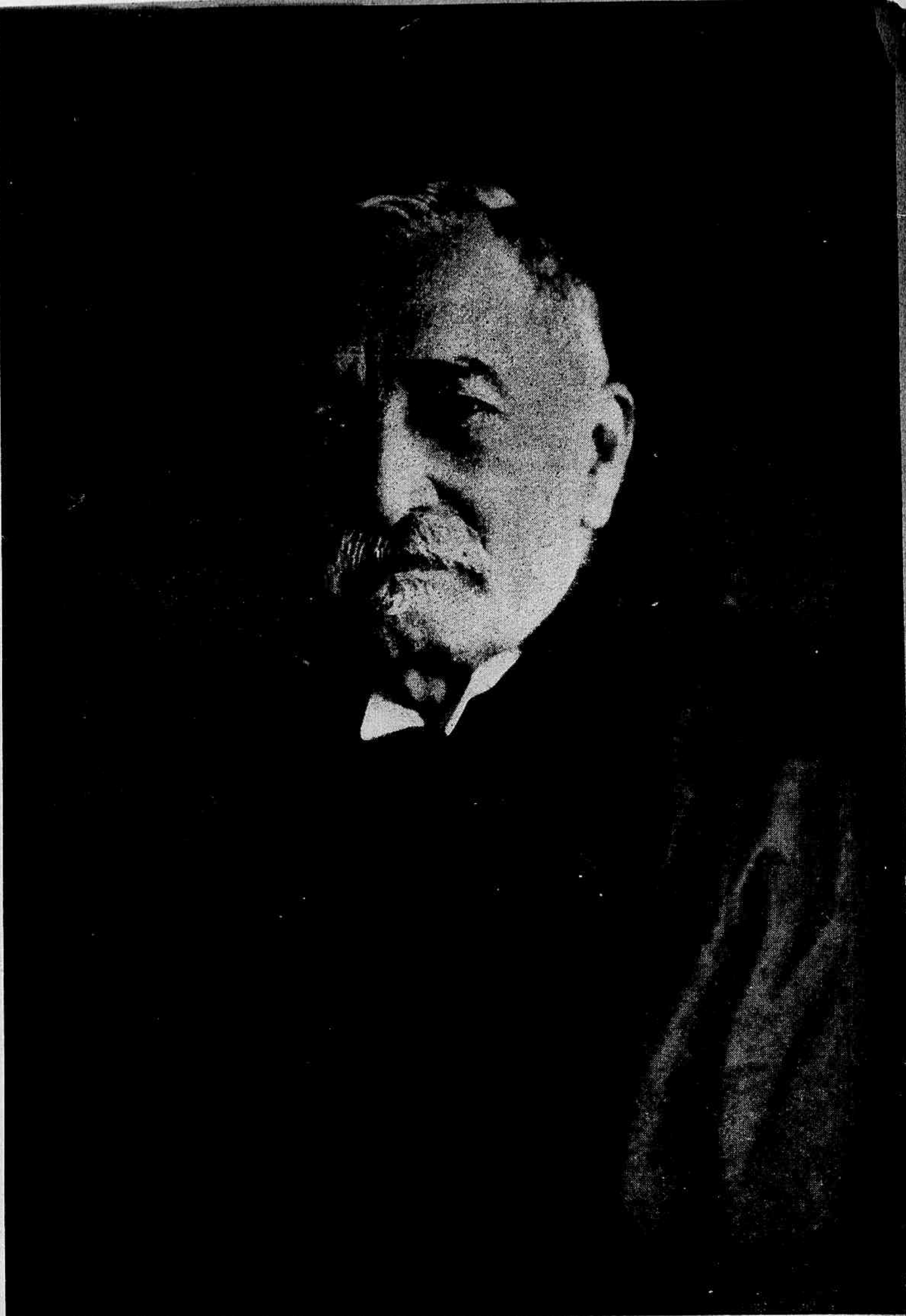
Em 1920 é ele convidado a fazer parte do comité dos juristas do conselho da Sociedade das Nações.

Novos livros de literatura e direito publica o velho mestre, entre eles: *Perfis Juridicos* e os *Comentarios ao Código Civil* em seis volumes. Em obras especiais, estuda diversas partes do código: *Direito da Família*, *Direito das Obrigações* e, agora, o ultimo: *Direito das Coisas*.

MEMBRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Era Clovis Bevilacqua um dos poucos sobreviventes dentre os fundadores da Academia Brasileira de Letras. A' sua instituição, porém, só por pouco tempo pertenceu ativamente. Há longos anos anunciou o seu propósito de afastar-se da Academia, da qual, como se sabe, não se podia desligar oficialmente, pois os estatutos do sodalicio não reconhecem a renuncia dos seus membros. Resignatario, praticamente, Clovis Bevilacqua nunca mais frequentou a Academia, nem participou de nenhuma

A HUMILDE MESA DE TRABALHO DO GRANDE BRASILEIRO. FOI AI QUE PESSOAS DA FAMILIA O ENCONTRARAM JÁ [SEM VIDA.]



PROFESSOR CLOVIS BEVILACQUA.

das suas eleições, a partir do dia em que anunciou a sua deliberação de afastar-se do gremio.

Em 1929, o Conselho da Ordem dos Advogados conferiu-lhe a medalha Teixeira de Freitas. Era membro não nacional da Comissão de Conciliação entre os Estados Unidos da América e a Lituania. Em 1942, teve o seu nome inscrito no Livro do Mérito.

Clovis Bevilacqua era casado com a sra. Amelia de Freitas Bevilacqua, pertencente a tradicional família do Piauí, e conhecida escritora, com varios livros publicados. Deixa quatro filhas: Florisa, Doris, Vitoria e V.leda.

TITULOS

Clovis Bevilacqua foi membro da Côrte de Arbitragem de Haya; professor *honoris-causa* da Faculdade de Jurisprudencia de Buenos-Aires; socio correspondente das Academias de Jurisprudencia de Quito e de Bogotá; presidente honorario do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros; professor honorario das Faculdades de Direito de São Paulo, do Ceará e do Maranhão; membro correspondente do Instituto Argentino de Direito Internacional; socio correspondente do Instituto de Coimbra; socio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; membro da Academia Brasileira de Letras e de sua congênere do Ceará.



DE TEATRO SETIMO CÉU

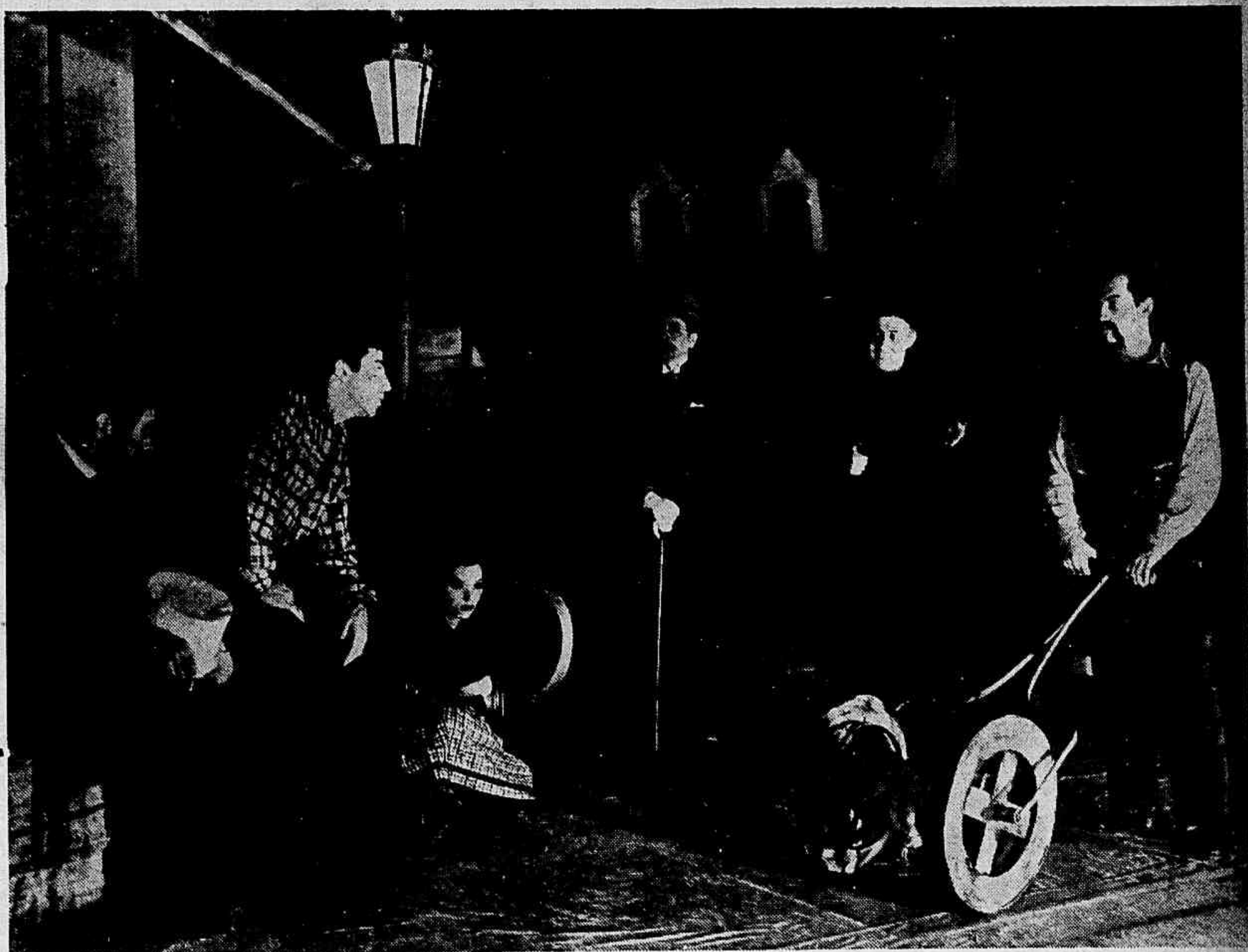
I NUM BECO SÓRDIDO DE PARIS... Algumas vidas florescem na lama do "bas-fond". Todas as características de um beco sórdido. A entrada do café, o automóvel quase imprestável, o pregão de jornais, o gendarme... Arlette, a filha do taverneiro, espanca "Rato", pobre diabo astucioso e velhaco, que acaba de lhe surrupiar duas garrafas de vinho. O vendedor de jornais amola a paciência de Boul, o dono da "Heloisa", aquele taxi incrível que anda... de vez em quando. E' assim a vida naquele pedaço de Paris, mal iluminado e ainda pior frequentado, onde, não raro, as autoridades policiais tem de entrar em ação e conduzir alguém para as grades...

2 NO OUTRO LADO DO BECO... Em frente ao café moram Naná e Diana, duas pequenas que fugiram de casa e agora levam má vida. Ninguém sabe de onde vieram, mas procedem de boa família, sem dúvida. Naná olha insolentemente para Brissac, comissário de polícia, e para Blonde, o advogado que descobriu onde elas estavam morando, a pedido de uns velhos tios, subitamente enriquecidos. Do boeiro vai surgindo o rosto magricela de "Rato", sempre espantado quando se trata de gente da guarda. E, lá ao fundo, a "Heloisa" continua impassível, quietinha... Mas Naná, em atitude de desafio, parece muito pouco disposta a prestar qualquer esclarecimento...



A REVISTA DA SEMANA está oferecendo aos seus leitores, sempre que se oferece oportunidade, o resumo ilustrado de uma peça de teatro cujo sucesso tenha sido, realmente, observado pelo público e pela crítica. Hoje é a vez de "Sétimo Céu", aquele filme antigo, duas vezes editado, a primeira com Charles Farrell e Janet Gaynor, a segunda com James Stewart e Simone Simon — agora apresentado no Teatro Fênix, pela Companhia Bibi Ferreira. Ela mesma, Bibi, vive o papel de Diana, enquanto Ribeiro Martins faz o de Chico. A parte de Naná é confiada a outra atriz de real mérito, Suzana Negri, sendo o coronel Brissac — Jorge Diniz. Há ainda um desem-

3 NANA COSTUMA PERSEGUIR DIANA... E Diana, a irmã mais moça, sente-se realmente infeliz naquela vida de vício, muito contra seu temperamento. Do boeiro de esgoto surgiu também Chico, outro rato-de-esgoto, que a protege contra a irmã perversa. Por intermédio do padre Chevillon, vigário da igreja parisiense ali vizinha, Chico inesperadamente consegue ser nomeado lavador-de-ruas, uma de suas maiores ambições. Chico faz questão de dizer que é ateu, mas a realização desse seu sonho o deixa perturbado. Diana escuta, sob aparente indiferença, as palavras do rapaz. Boul desistiu de fazer "Heloisa" funcionar, e Chico, eloquentíssimo, fala, fala pelos cotovelos...



penho de relêvo, o de Boul, *chauffeur* da "Heloisa", desempenhado por Ferreira Leite. Mas todos os intérpretes têm suas oportunidades: Nurpié Bittencourt (Arlette), Fernando Delmar, Maria Isabel, Edmundo Lopes e Hamilton Ferreira. A peça de Austin Strong é traduzida por Elsie Lessa. Os ambientes são do cenógrafo João Maia dos Santos. Os ensaios foram dirigidos por George e Henriette Morineau, dando-lhe um sabor genuíno e tipicamente francês. Anteriormente, "Sétimo Céu" havia sido levado por outra companhia, aqui no Rio, mas sem o êxito de agora. A ação transcorre na guerra de 1914, em Paris, refletindo o "bas-fond" da Cidade-Luz. A direção geral é de Carlos Lage com a assistência de Miroel Silveira.

4 NUM IMPETO DE GENEROSIDADE... Chico resolve levar Diana para casa, depois de escorçar Naná, a quem ameaça de piores consequências si voltar a importuná-los. — "Eu sou um sujeito formidável!" — costuma dizer Chico com ou sem propósito. Ninguém mais feliz, mais convencido nem mais bem servido de coração que o pobre lavador-de-ruas... Agora, com o seu emprego, livre do trabalho imundo nos canos de esgoto, poderá sonhar mais alto, mudar de roupa, alimentar-se melhor... E por que não proteger a pobre Diana, arrancando-a àquele antro de vícios? Toca para casa... E vão na "Heloisa", que sempre se resolve a andar. Boul parece dizer: — "Heloisa andar? Que otimismo!"





5

TRÊS DIAS DEPOIS... Boul vai visitar o casal, e Diana lhe diz que ela e Chico não estão vivendo juntos, não... Que ele a levou para lá apenas para livrá-la daquele meio e libertar-se da polícia, passando por seu marido... Boul promete chamar Chico à ordem. Então o rapaz não compreende que a pequena gosta dele e muito? Idiota! E ainda se considera "um sujeito formidável"! Palermo, eis o que ele é, um grandíssimo palerma...

6

QUANDO CHICO CHEGA... tudo se esclarece. Espontaneamente ele fala em casamento, e conclui, diante de Diana e do vizinho e colega Gobin: — "O homem só é completo com mulher, foi o que eu descobri agora... Sim, porque, não tenham dúvida, eu sou um sujeito formidável!" Diana está de pleno acôrdo. Formidável, de bom coração e muito digno do seu amor... Só por isso prepara-lhe um bom caldo. Mas a vizinha, enferma, é quem vai saboreá-lo...



7

MAS A TIA DE DIANA... resolve vir buscá-la e convence Chico de que ela será mais feliz na companhia dos tios do que na de um pobretão como ele. Chico disfarça a sua revolta, a princípio, mas acaba dizendo-lhes meia dúzia de verdades. Ele não tem dúvidas em reconhecer que os tios de Diana jamais poderão dar à moça a felicidade que ali encontra, a seu lado, embora não queira ofendê-los... E o encontro termina após maior troca de desaforos.



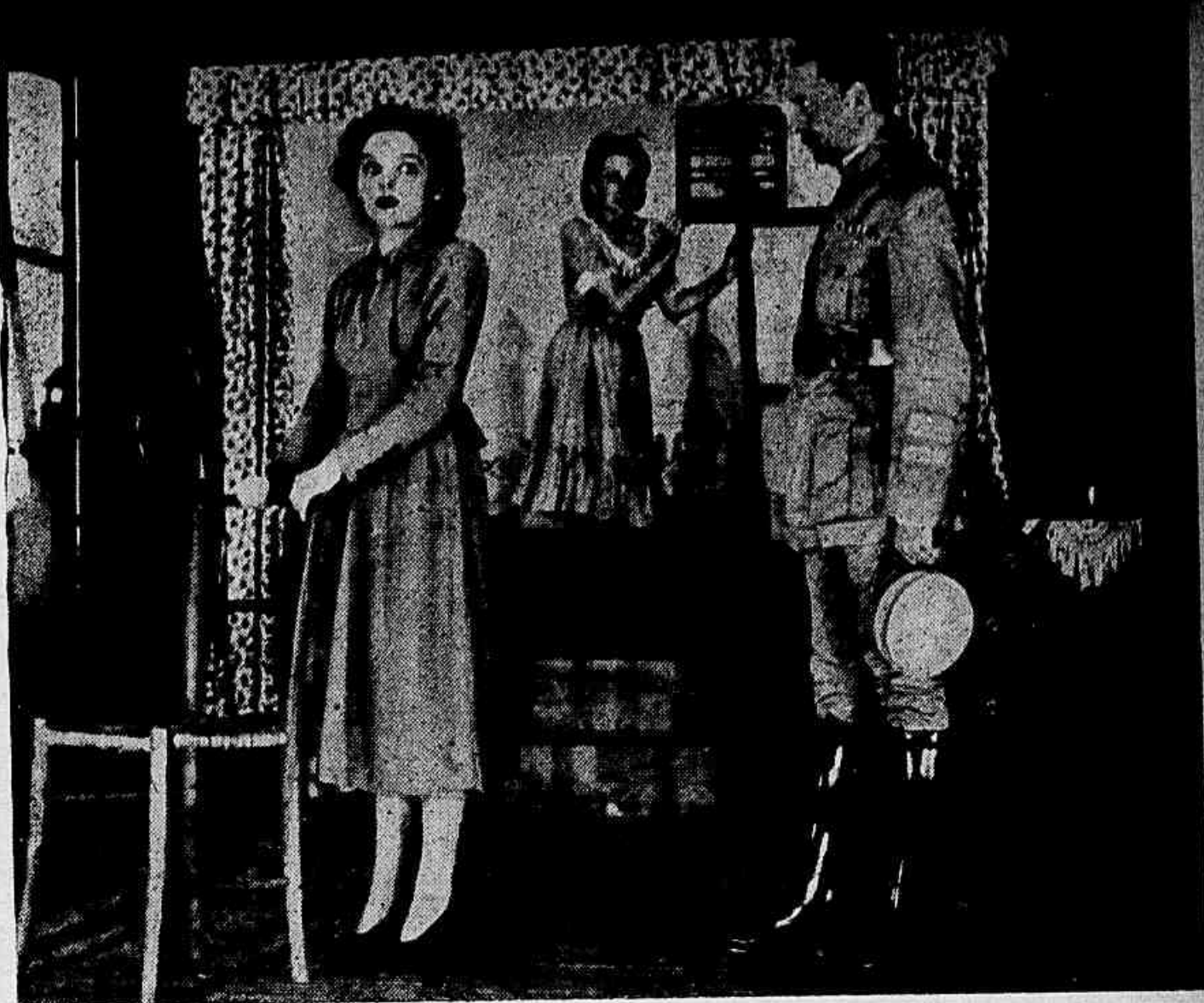
8

DIANA NÃO ACEITA... Não troca aquela pobreza singela por todo o fausto em casa dos tios. Enfim, tudo se esclarece. Casando-se, ninguém poderá interferir na vida de ambos. Mas quando vão sair, para legalizarem a união, chega a notícia: "Estalou a guerra entre a França e a Alemanha!" Chico tem de partir imediatamente para o "front". Então, eles se casam simbolicamente, sozinhos perante Deus. São onze horas. Chico diz a Diana: — "Fique aí onde está... Quero vê-la assim... Todos os dias, a estas horas, hei de estar aqui junto de você... "Au revoir"! Chico... Diana... Céu! Chico... Diana... Céu!



9

E QUANDO CHICO PARTIU... Naná aparece, em desespero, ansiosa por vingar-se. Pensa que poderá continuar insultando a irmã e surrando-a como em outros tempos... Mas engana-se. Diana grita-lhe que não tem mais medo "porque é a mulher de Chico". Jamais voltará a deixar-se dominar pela jovem e está pronta a reagir. O amor pelo marido a impulsiona para essa atitude desassombrada. Chico está na guerra, ela precisa respeitá-lo a ausência... E, depois de inutilmente aconselhar Naná a também se corrigir, diante de novos insultos mune-se de um rebenque e põe a irmã para fora de casa às chicotadas.



10 SÃO PASSADOS QUATRO ANOS. Durante todo esse tempo Diana esperou fielmente por Chico. Os seus amigos sabem, no entanto, que ele morreu... Boul vem contar como foi que sua "Heloisa", heroica, desapareceu na guerra, "morta" por uma granada... Ele levava o velho automóvel para o "front". Os oficiais ordenaram que se utilizassem os carros para dar uma "arrancada" contra o inimigo... Veio uma bomba. Zás! Espatifou a "Heloisa"... Mas com que heroísmo, com que bravura ela se portou, coitadinha...

11 O CORONEL BRISSAC, apaixonado por Diana, vem pedi-la em casamento. Diana se nega, dizendo-lhe: — "Eu já sou casada". — "Com quem, Diana?" — "Sou casada com Chico..." E diz mais: — "Quando a guerra acabar ele voltará..." O coronel Brissac diz, então, que Chico morreu. Desesperada, Diana quer se suicidar. Será possível? Agora, quando podia esperar um pouco de paz, de tranquilidade, com o marido querido ao lado, aquele bravo Chico... poderia ter morrido? E as lágrimas saltam-lhe aos olhos. Mas de repente...



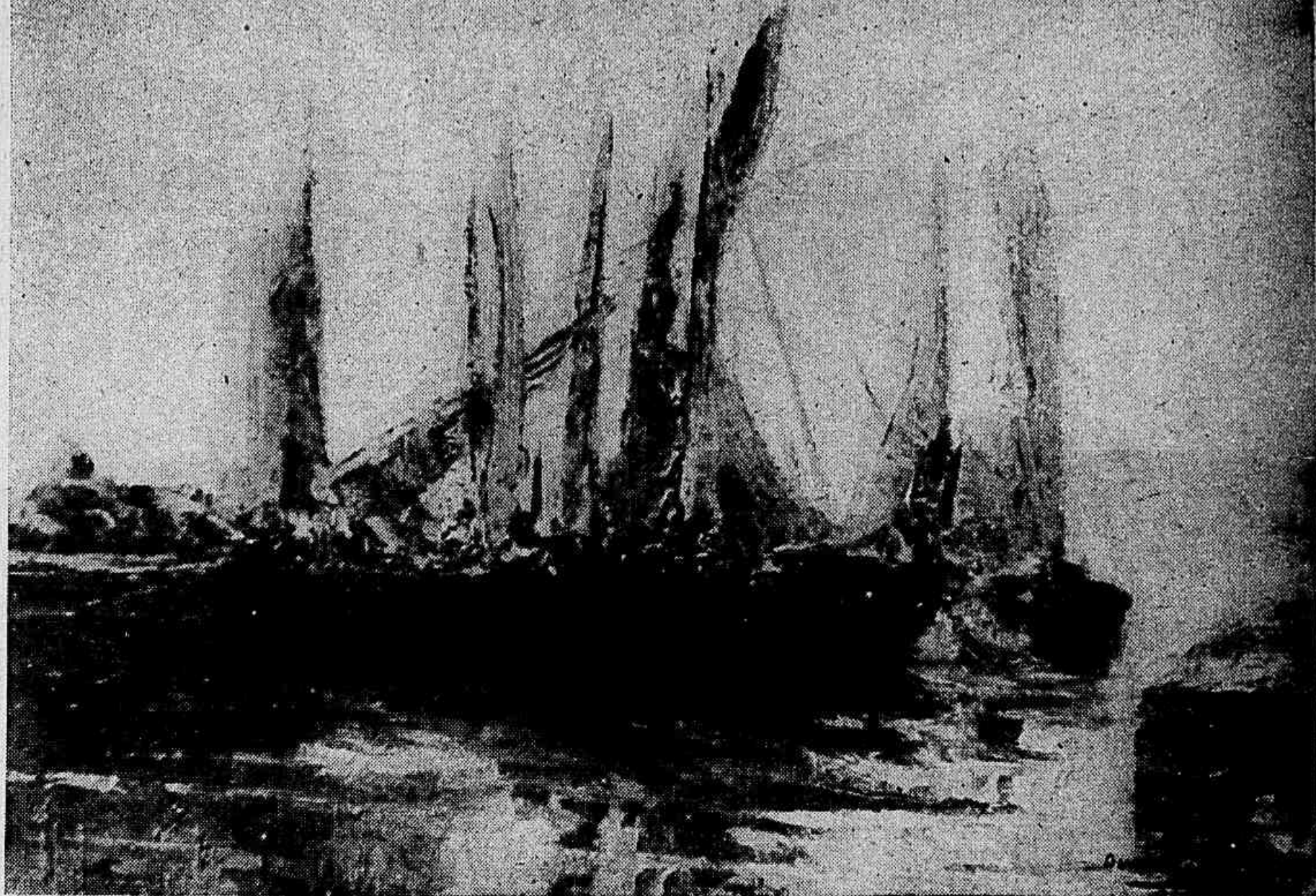
12 FINALMENTE CHICO APARECE! Não, não morreu, era mentira... Vem cego, abatido, mas não derrotado. Brissac espanta-se... O velho sacerdote poderá enfim abençoar o jovem par... Todos se alegram... E Chico, palpando o caminho, sem enxergar ninguém, vai tateando, tateando... Voltou convalescente. Poderá restabelecer-se ali dentro, em casa, nos braços de Diana, sua mulherzinha querida... E diz-lhe: — "Querida, agora que estou cego é que meus olhos vêem... Sim, Diana, Deus existe! Ele me há de fazer tornar a ver... Eu sempre disse a você, Diana: eu sou mesmo um sujeito formidável!"



O PROFESSOR ANIBAL MATOS, POR J. KAUKAL.

SOB os auspícios da Sociedade Brasileira de Belas Artes e a Sociedade Mineira de Belas Artes, o professor Anibal Matos levou a efeito no salão de honra do Palace Hotel a sua 54.^a exposição de pintura, em homenagem ao exmo. sr. comandante Ernani do Amaral Peixoto. O artista laureado e veterano, premiado com a grande medalha de ouro H. C. do Salão Nacional, foi discípulo de Daniel Berard, J. Baptista da Costa e Zeferino da Costa. Num total de setenta quadros, sua mostra de artes plásticas foi, por espaço de alguns dias, o motivo artístico de sensação na cidade. Nesta página oferecemos três reproduções dessas obras e um retrato do expositor, que é também antigo escritor teatral, porventura hoje menos conhecido. Nada menos de dez peças de gêneros diferentes — comédias burlescas, episódios dramáticos, peças de ficção, em verso, em prosa, etc. — ele já produziu, muitas representadas em teatros da capital e do Interior. Anibal Matos é um nome que se impôs

"PAISAGEM DO SUL DE MINAS".



"CÁIS EM FLORIANÓPOLIS".



"S O L".

pelo seu próprio mérito. Ultimamente, arredado dos grandes centros, concentrando o melhor de sua atividade artística em cidades do "hinterland", tem feito apurar mais e mais a sua arte. Seus quadros mais recentes, êstes que agora se expuseram em nossa capital, mostram-nos um artista seguro, com absolutas noções da sua modalidade e senhor de um poder de impressionismo que mereceu apreciáveis recomendações por parte da crítica e dos conhecedores de pintura. Êstes que mostramos em nossos clichés servem apenas de índice, de uma pálida amostra, porque o conjunto da obra de Anibal Matos favorece extraordinariamente o seu realizador, hoje em plena forma e credor das homenagens que os nossos meios artístico-sociais lhe renderam, por motivo da exposição em apreço.

ARTES PLÁSTICAS

Investigando o motivo que levava a estrêla a abandonar o estudio, no apogeu de sua carreira, Ellery Queen descobre um assassinato...

A AVENTURA DA ESTRELA ASSUSTADA

MUITOS já conhecem esse grupo. Porém, como ainda pode haver quem nunca tenha lido uma história de Ellery Queen, deixemos apresentá-lo. Em primeiro lugar Ellery, não sendo o mais velho, é a cabeça que dirige os outros três. O inspetor Queen, pai de Ellery, é um policial muito inteligente, que sabe aceitar conselhos, quando é preciso. Os conselhos, via de regra, partem de Ellery. Nikky Porter é o membro mais moço dessa sociedade reduzida e bem escolhida. Há quem diga que está apaixonada por Ellery. Mas não se pode ter certeza, porque, conforme o próprio Ellery disse, sempre há quem diga os maiores absurdos. Não pensem, por isso, que Ellery tenha especial predileção pelas coisas óbvias e as diga como se fossem novas. Ninguém melhor do que ele sabe que muitas observações que parecem partir do Conselheiro Acácio encerram, muitas vezes, uma verdade depreciada mas não menos valiosa. Deixei para o fim o quarto membro do grupo, dedicado, bom, prestimoso mas, infelizmente, dotado de uma inteligência um pouco reduzida. Isso, porém, só torna mais extraordinários os periódicos ataques de bom senso que o acometem e que o forçam a fazer observações muito justas. E' Velie, subordinado do inspetor.

Esse grupo, muito unido, achava-se, certa vez, no apartamento de Ellery, a conversar com este. Um calor sufocante fizera morrer a palestra, pouco a pouco, e gradualmente as réplicas foram se tornando menos vivas até reinar um silêncio de sufocamento e exaustão.

— Meu Deus! disse Nikky por fim. Ellery olhou para ela.

— Você sabe que está infringindo as regras que regulam o procedimento das secretárias bem educadas, dando mostras de cansaço físico, diante do patrão?

— E você sabe que é contra a regra dos patrões que teem um pouco de solidariedade humana reparar quando elas deixam escapar uma exclamação de pura exaustão?

— Gostei da resposta. E, como não estou com suficiente energia para sustentar uma discussão, é melhor que fiquemos por aí.

Velie, que, com sua habitual perspicácia, notara que o tempo, de fato, estava muito quente, em vista dos indícios patentes nas fisionomias dos companheiros e de abundante suor na sua própria testa, vendo confirmada sua dedução pelo ar desencorajado de Nikky, aventurou-se a observar:

— Creio que o calor aumentou. A luminosa dedução foi acolhida com notável indiferença e Velie resignou-se a voltar a calar-se.

— Calor horrível! murmurou o inspetor Queen.

Ellery pulou na cadeira:

— Querem ter a bondade de parar com essas observações estúpidas? Já se sabe que está fazendo calor, já se sabe que estamos sendo cozidos por esse sol terrível...

— Está bem, está bem. Não precisa ficar exaltado.

— Quem é que está exaltado?

— Você, ora essa!

O inspetor disse:

— Calma, calma. Esse calor está enervando a gente...

— E' verdade, disse Ellery. Desculpem.

— Vamos mudar de assunto?

— Com muito prazer.

— Vocês sabem alguma novidade do Strozzi?

— Quem? O italiano que matou a mulher?

— E'.

— Desapareceu.

— Desapareceu, como?

— Fugiu, azulou, evaporou-se...

— Não diga!

— E' a pura verdade. Soube disso hoje de manhã, lá na chefatura. O superintendente estava maluco!

— Pudera! Não lhe invejo a sorte. Perseguir um criminoso, com um calor desses!

— E' mesmo. Que desastre!

Nesse momento, Velie exclamou:

— Ellery, vem gente aí.

— Como é que você sabe, meu pôço de reflexões?

Velie sorriu, envaidecido com a ironia, e disse:

— Parou um carro aí em baixo, e entrou um homem.

— Mas que dedução espantosa! Confesso que eu não seria capaz de juntar os fatos de tal maneira que me mostrassem a dedução correta da maneira admirável que você faz!

O inspetor resolveu intervir.

— O calor está fazendo mal aos seus nervos, meu caro Ellery. O sarcasmo não lhe vai nada bem. Mude o disco, sim?

— As suas observações serão devidamente consideradas, porém nada prometo, pois a minha conduta é diretamente proporcional ao bem-estar

do meu fígado, e, francamente, com esse calor, ele funciona com singular deficiência...

Está bem. Está bem. Não recomece.

— Quem é o visitante?

— A esta hora? Quem poderia ser? Tony Pepper.

— Por que, Ellery?

— Porque é a única pessoa, na América do Norte, que tem a falta de educação suficiente para fazer uma visita a esta hora da madrugada.

— Você sabe que horas são, Ellery?

— Devem ser umas seis e meia...

— Nada disso. São oito e dez.

— Oito e dez?

— Sim!

— Puxa!

A porta abriu-se. Um homenzinho baixo, atarracado, com ar de próspero negociante, entrou.

— Tony Pepper!

— Ellery, eu estou quase acreditando que quando você descobre um criminoso é por pura sorte. Com a dedução errada, você chega ao resultado certo...

— Meu distinto pai, o senhor tem a certeza de que quem faz as deduções erradas não é o senhor?

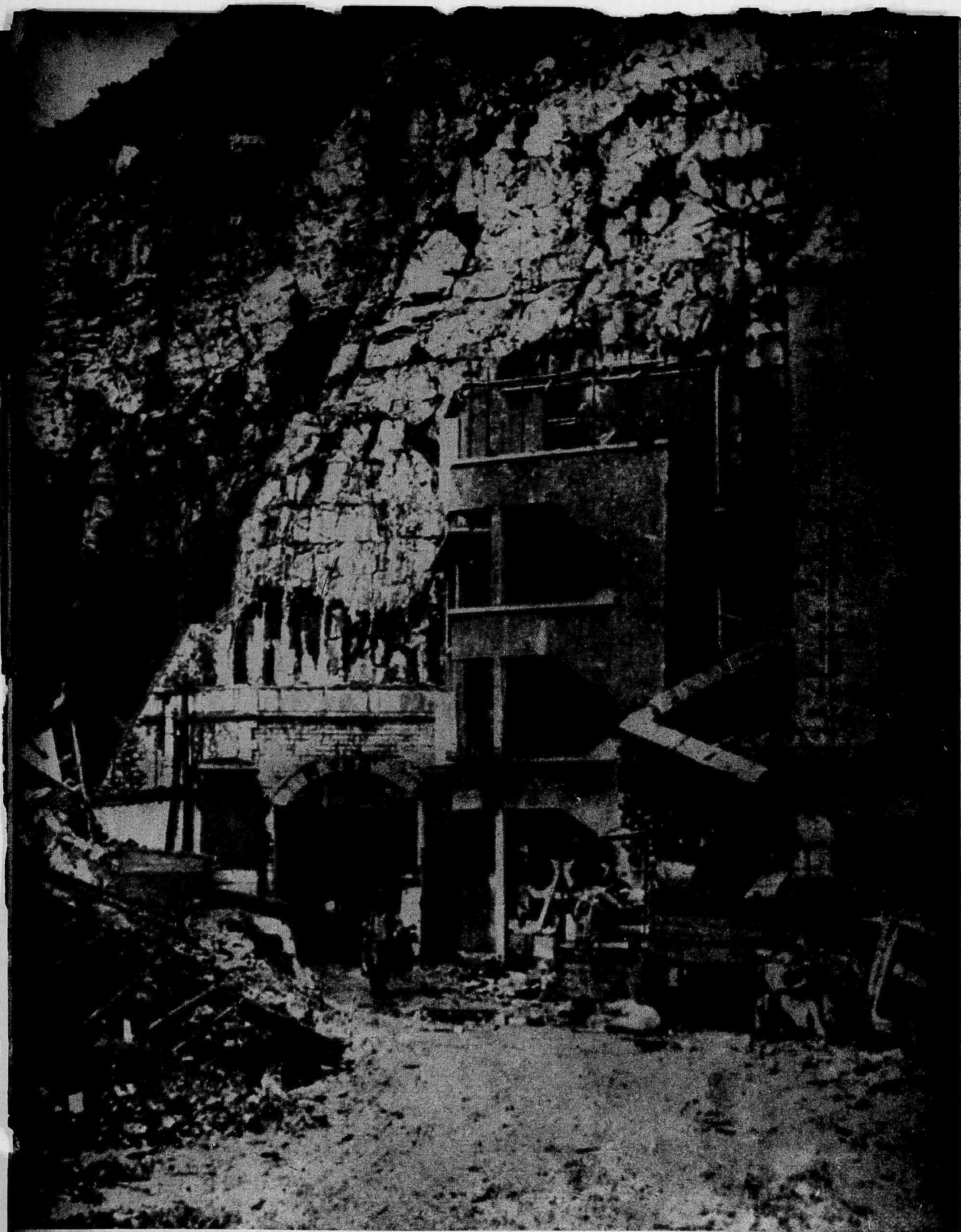
Popper protestou.

— Mas vocês nem cumprimentam a gente e põem-se a brigar, na frente das visitas?

— Perdão; amavel Pepper, estava imerso em discussão com o autor de meus dias e não pude dispensar-lhe a devida atenção. Como vai? Como vão

(Continua na página 36)





FORTE NAZISTA CAPTURADO — CENTENAS DE PRISIONEIRO NAZISTAS RENDERAM-SE COM ESSE FORTE QUANDO AS TROPAS NORTE-AMERICANAS CAPTURARAM CHERBURGO. O GRANDE FORTE CAVADO NO ROCHEDO FAZIA PARTE DA GABADA "MURALHA DO ATLANTICO" DE HITLER E ESTAVA CHEIO DE MUNIÇÃO E ABASTECIMENTO. APARECEM NA FOTOGRAFIA SOLDADOS AMERICANOS INSPECIONANDO A POSIÇÃO FORTIFICADA DEPOIS DE SUA CAPTURA

A GUERRA EM MARCHA

A vibora começa a devorar-se

E' uma figura muito conhecida e explorada, principalmente no setor político, aquela vibora que, não tendo mais o que devorar em redor e insaciável no seu monstruoso apetite, começou a se devorar a si mesma.

Está claro que não precisamos esclarecer quanto ao modo de "aplicar el cuento" na presente situação política do mundo.

Ela é tão evidente em face dos últimos acontecimentos na política interna da Alemanha nazista, que isto se tornaria superfluo.

Depois de esmagar e devorar todas as vítimas que se encontravam ao seu alcance, a ambiciosa serpente lançou para mais longe as vistas, tendo mesmo alcançado os povos deste lado do Atlântico.

Uma revolução interna rebentou no terceiro Reich, ameaçando pôr fim à guerra.

Como era de esperar, esta revolução nasceu da animosidade entre o partido nazista e os Junkers da Prússia.

Dizemos que era de esperar porque estas duas forças, que levaram a Alemanha a provocar a mais criminosa e fantástica carnificina de que ha me-

mória na história do mundo, nunca se viram com bons olhos.

Os Junkers são a fina flôr do exército alemão, constituindo mesmo uma aristocracia, cuja linhagem vem das origens da nação.

São homens que nascem para a guerra, tendo para isso uma vocação hereditária.

Eles constituem uma casta com as suas tradições e o seu orgulho. E o partido nazista? Aqui se trata de algo mais complexo.

O nazismo, nacional-socialismo, surgiu depois da grande guerra e é um fenómeno político dos nossos dias.

Além dos chefes e de alguns outros fanáticos conta, nas suas fileiras, principalmente com a geração de depois da grande guerra de 1914-18, criada e educada dentro da criminosa teoria do nazismo.

Estes são os verdadeiros apaixonados, cegamente enamorados pelo partido. Para eles "Mein Kampf" é uma bíblia e Hitler, seu criador, um deus.

São nazistas e se consideram irremediavelmente nazistas, porque nunca puderam imaginar de outro modo, o mundo.

Aprenderam as teorias do nazis-

mo assim como nós, brasileiros, aprendemos o português e o falamos.. pela simples razão de que nascemos e aprendemos a falar nessa lingua e sempre a ouvimos falar.

Não é provável que as gerações anteriores tenham este entusiasmo cego pelo partido que dominou o seu país

A luta entre o exército e o partido nazista vem ha muitos anos se esboçando e alguns atritos já se têm produzido.

Aquele necrológio que Hitler fez ao general Dietl, morto em combate na frente oriental, é bem sintomático.

Expressa nesta oração, o ditador da Alemanha, o seu descontentamento quanto á atitude de alguns de seus generais, talvez ainda muito presos aos Junkers e afastados do partido.

Ora, é sabido que se foi possível desencadear a guerra com o sucesso inicial que teve a Alemanha isto foi devido ao fanatismo dos nazistas e ao poder militar, á organização do exército alemão, sempre disposto a guerras de conquista.

A cisão que vem de se verificar, seja qual fôr o seu desfecho dentro da Alemanha, não poderá deixar de abalar seriamente, não apenas a propria

estrutura política interna do país, mas também a eficiencia e o moral dos soldados nas quatro frentes de luta: França, Italia, Russia e a frente aérea.

A unidade interna da Alemanha talvez pudesse conseguir prolongar ainda por algum tempo a resistência dos exércitos nazistas á formidável pressão dos exércitos aliados, que levam de roldão as tropas do Reich, para dentro do território alemão.

A dissenção interna tem consequências imprevisíveis e fatalmente abreviará a guerra.

A revolução foi sufocada em sangue. Muitos dos melhores e mais competentes generais do Reich foram assassinados. Todos os que conspiraram contra Hitler e muitos que não conspiraram desapareceram.

Isto que a propaganda nazista chama depuração não passa de mais uma formidável sangria, que se junta ás outras quatro. Hemorragia interna, certamente fatal.

E aí estão os governos que apregoam existir para o bem do povo.

Quando se viu ameaçado de perder a vida e o poder, Hitler não hesitou em sacrificar esse povo a quem se dirigiu, logo depois, chamando "querido".

NAZISTA MORTO — COM TODO O EQUIPAMENTO, UM ALEMÃO JAZ NA CALÇADA DE UMA RUA EM CHERBURGO, ONDE FOI MORTO PELAS FORÇAS LIBERTADORAS. UM SOLDADO NORTE-AMERICANO, Á FRENTE DE UMA COLUNA ENCARRREGADA DE "LIMPAR" OS FRANCO-ATIRADORES DO ESTRATÉGICO PORTO DA CIDADE, OLHA COM DESPREZO O ALEMÃO MORTO. OS NAZISTAS NA FRANÇA ESTÃO TRAVANDO UMA BATALHA DESESPERADA, NA QUAL LANÇAM TODOS OS SEUS RECURSOS.





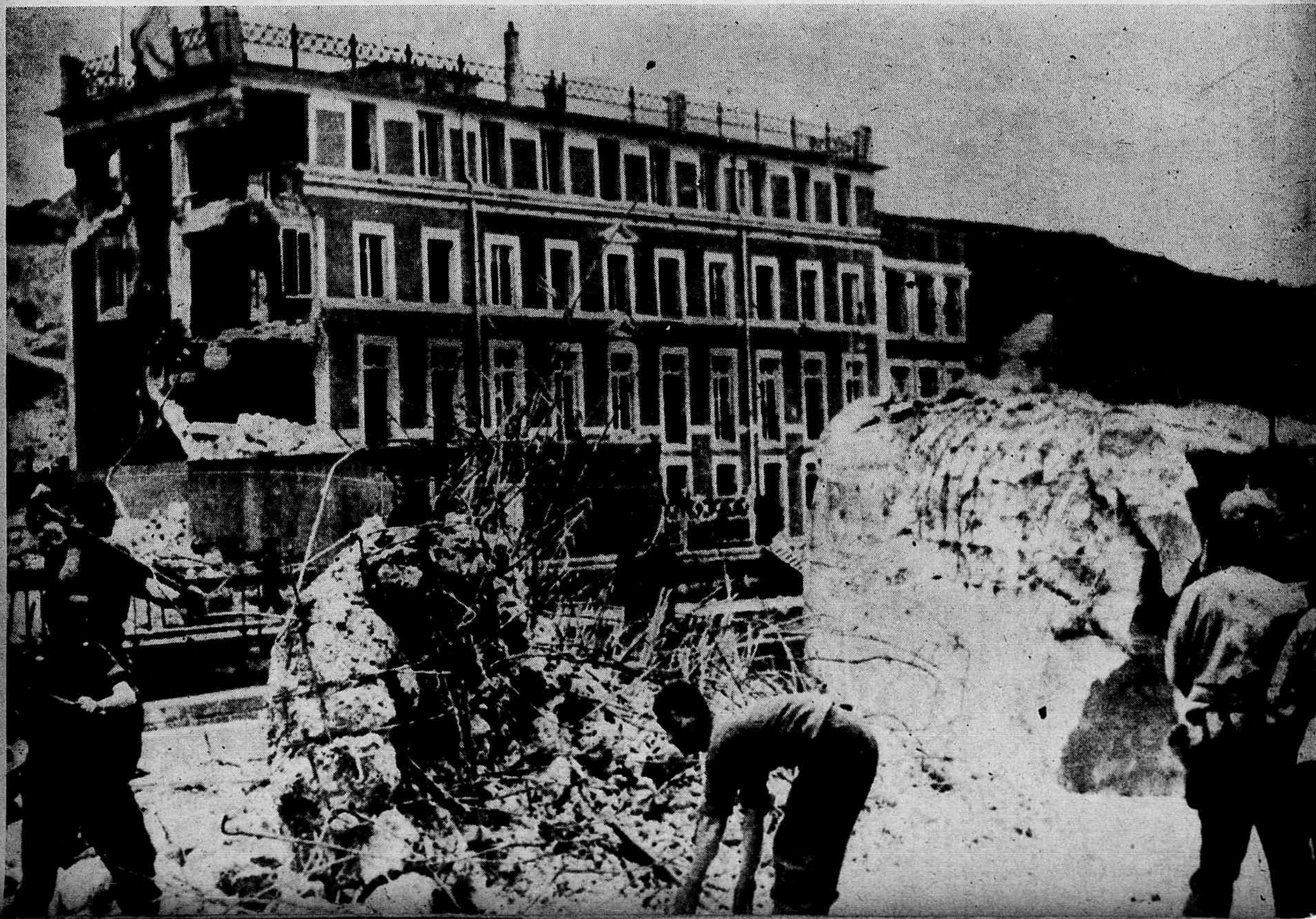
O ASSALTO FINAL CONTRA O PORTO DE CHERBURGO — UM PODEROSO CONTINGENTE AMERICANO AVANÇA CONTRA A PRAÇA DE CHERBURGO, TIRANDO PARTIDO DE TÔDAS AS VANTAGENS OFERECIDAS PELO TERRENO. OS SOLDADOS AMERICANOS AVANÇARAM DE TRÊS DIREÇÕES E CONCLUÍRAM SUA OPERAÇÃO COM UMA VITÓRIA COMPLETA, QUE TERMINOU COM A CAPTURA DOS COMANDANTES MILITARES E NAVAIS NAZISTAS.



GENERAL LADISLAU ANDERS, COMANDANTE DO CORPO POLONÊS QUE TOMOU DE ASSALTO O FAMOSO MONTE CASSINO E QUE FOI CONDECORADO POR ESSE FEITO COM A ORDEM BRITÂNICA DO BANHO, NAS POSIÇÕES DO SEU Q. G. EM COMPANHIA DO GENERAL CHEFE DAS TROPAS FRANCESAS NA ITÁLIA.

♦ ♦

ENGENHEIROS DO EXÉRCITO BRITÂNICO, EM BESSIN, NA NORMANDIA, ENTREGAM-SE À ÁRDUA TAREFA DE REMOVER OS OBSTÁCULOS E AS DEMOLIÇÕES QUE OS NAZISTAS ALÍ FIZERAM, POR OCASIÃO DA DEBANDADA. ESSE FOI O PRIMEIRO PORTO CAPTURADO PELOS ALIADOS NO DESEMBARQUE EM FRANÇA.



O Mensageiro

CONTO DE
ODETTE GARNIER



19

Um engano uniu-os e um mal entendido quasi os separou.

O homem recomendara, ancioso: — Uma rosa azul no peito, broche de brilhantes. Chama-se Mariana.

Paulo agradeceu:

— Obrigado. Não esquecerei...

Era deveras desagradável a tarefa de que ele era forçado a se desincumbir. Mas não havia alternativa. Desde que a notícia da morte do irmão lhe chegara, num telegrama, puzera-se á procura da cunhada desconhecida, a quem deveria informar da morte de Roberto a pedido do pai, que temia que um telegrama sêco a desesperasse. Não poderia dizer: Minha senhora, seu marido morreu. Era preciso inventar rodeios, descobrir um meio de amortecer o golpe. E ele, em vão, procurava encontrar a solução para o problema; não conseguia. Enquanto estivera ocupado procurando a cunhada, cujo endereço o pai, na pressa da partida, esquecera de lhe dar, ele não tivera tempo para pensar; mas, enquanto se encaminhava para o salão do hotel, certo de encontrá-la conversando com umas amigas, ele sentia crescer o embaraço e temia muito o momento que se aproximava.

O casamento de Roberto fôra rápido. Nem tivêra tempo para levar a noiva á casa dos pais, que moravam no interior. Logo depois do casamento, a moça ficara doente. Tudo se passara com tanta rapidez que Paulo mal conseguia fazer ideia do tempo decorrido. Dois meses. Roberto fôra chamado, ás pressas, para assistir á agonia da mãe, e deixara a mulher passando mal, porém não em estado grave. Chegando junto á mãe, que há tempos não via, abalado com a morte desta, ele, que sofria do coração, morrerá subitamente, de um ataque que nem dêra tempo para que lhe acudissem. E, temendo os efeitos desastrosos de um telegrama numa senhora convalescente, o pai enviara Paulo, irmão mais moço, para dar a notícia.

Depois de procurar durante um dia inteiro, não tendo obtido resposta ao telegrama em que pedira ao pai o endereço esquecido, Paulo lembrou-se de que o irmão lhe dissêra, em carta, que, casando-se, iria morar provisoriamente em um certo hotel do centro. Imediatamente dirigiu-se para lá e informaram-lhe que, de fato, Madame Roberto de Abreu morava ali e que estava naquele momento tomando café no salão.

Um grupo de senhoras, sentadas ao um canto, tagarelava alegremente, no salão. De repente uma delas disse:

— Que linda rosa, Mariana!

A moça a quem fôra dirigida a observação olhou a rosa azul que trazia no peito e respondeu:

— Acha? Pois não sabe o que aconteceu de mais divertido. Essas coisas contadas não se acreditam.

— Que foi?

— Imagine você que há, neste hotel, uma outra senhora chamada Mariana, Mariana de Abreu e hoje pela manhã, quando descí para o café, fiquei surpreendida...

— Que aconteceu?

Imagine que tinha uma rosa azul de veludo, no peito, igualzinha a minha e que usava um broche de brilhantes muito parecido com o que eu uso...

— Essas costureiras são uma coisa horrível!

— E' o que eu já disse... A Liane...

— Liane? Aquela, então, é uma coisa horrível. Vende um modelo, garante que é exclusivo, cobra os olhos da cara e depois, mal a gente sai com o vestido, vê uma outra moça com um exatamente igual. Até parece irmã gêmea indo ao cinema!

As outras riram.

— Mas, Mariana, você conversou com sua xará?

— Conversei. Ela é muito amável. O marido anda para fóra. Foi ver a mãe que está muito mal e deixou a

mulher aqui, também sem saúde. Estão casados há pouco tempo...

— Que família azarenta! Sai!

Nesse momento uma das moças do grupo observou:

— Mariana, está vendo aquele rapaz, alto, louro, ali perto da porta. Ele parece que está impressionado com os seus encantos...

— Bobagem!

— Sério! Lança-lhe uns olhares de peixe morto!

— Credo! Vocês são uma coisa horrível. O pobre do rapaz não pode olhar nesta direção e vocês logo começam...

— Mas, olhe só como ele lança uns olhares românticos, minha filha...

— Não me interessam...

— Parece que ele quer vir falar com você mas não tem coragem...

— Faz muito bem em não vir, porque se vier...

— E vem mesmo... Lá vem ele. Vamos embora, pessoal! Deixemos o campo livre. Se nós ficarmos aqui a Mariana vai fazer chiquê...

— Lucia! Laurita! Onde é que vocês vão?

— Passear no bosque, minha filha. Boa sorte!

— Lucia! Venha cá!

Mas as outras moças já se tinham afastado rindo e conversando. Paulo, muito compenetrado, aproximou-se de Mariana. Ela esperava um galanteio qualquer e estava disposta a mostrar ao audacioso qual era o seu lugar. Não esperava, porém, o rosto grave e o ar respeitoso, nem imaginava que lhe fosse dirigir a palavra em voz séria e chamando-a pelo nome.

— A senhora é D. Mariana?

— Sim...

— Sou Paulo, irmão do Roberto. Roberto! pensou ela. Que teria acontecido ao seu primo?

— Não sabia que Roberto tivesse um irmão.

— Ele não lhe disse?!

— Não.

— Com certeza esqueceu-se.

Roberto, de fato, era um parente afastado, mas a camaradagem que existia entre ela e ele tornava muito estranho o fato dele não ter contado a ela que tinha um irmão.

— Que há com Roberto? Traz-me algum recado dele?

Teria o rapaz arranjado a entrada para o baile, conforme ela lhe pedira?

— Sim.

— Que mandou ele dizer?

Houve uma pausa.

— Escute, Mariana... Posso chamá-la Mariana, não é verdade? Afinal de contas somos parentes...

Mariana assentiu.

— Escute, Mariana, eu... Eu não sou homem de rodeios. Você precisa ser forte e...

— Mas que houve afinal. Que notícia desagradável me traz?

— Roberto... Roberto morreu, Mariana.

Impossível! Vira-o, havia três dias, alegre, feliz, despreocupado. Roberto, morto! Meu Deus! Lentamente uma lágrima correu pelo rosto de Mariana. O seu espanto fôra tão grande que nem encontrou palavras... nem soube formular perguntas... Afinal, com um esforço, perguntou:

— Como, como foi?

— Você sabe que ele sofria do coração...

— Não sabia.

— Ele, com certeza, ocultou-lhe isso para não afligi-la.

— Com certeza...

— Teve um ataque de repente...

— Oh, meu Deus! Que coisa!

— Eu compreendo, Mariana, a sua dor. Você o amava, realmente...

— Amava?

— Sim, como não? Afinal de contas...

(Continua na pag. 46)

Julho, 1944 (Com a F. A. B. e a Fôrça Aérea Norte-Americana, numa Base Aliada, em qualquer parte do Continente) — Estamos percorrendo uma das maiores e mais importantes bases aéreas do continente. E' uma bela manhã de Julho. Nem quente nem frio. Parece que estamos em plena primavera. O "Jeep" que nos leva nessa excursão, depois de correr, aos trambolhões, pela base inteira, pára subitamente (Os "Jeeps" sempre param subitamente). Estamos no limite da grande pista central, de cimento, onde deslisam elegantemente, roncando num vendaval de hélices, aviões militares, de guerra e transporte, dos mais variados tipos.

Aquí vemos, então, brasileiros e norte-americanos — pilotos, mecânicos, radiotelegrafistas, bombardeadores e metralhadores — unidos em franca e cordial camaradagem, símbolo real da verdadeira Bôa-Vizinhança continental.

Espectáculo deveras interessante é êsse a que assistimos, vendo decolar e pousar, após manobras difíceis, dirigidas com excepcional perícia, aviões e mais aviões, de bombardeio e caça, em constante treinamento.

São centenas os brasileiros que aquí se preparam para lutar na frente de guerra da Europa invadida. Vemos desde o soldado razo de segunda classe, auxiliar eficiente de manobras e mecânica, até o oficial piloto, em perfeita harmonia, aperfeiçoando seus conhecimentos para enfrentarem, devidamente preparados, os inimigos da Liberdade.

Fomos convidados a tomar parte, como tripulante, num treinamento aéreo de mergulho e combate simulado entre duas esquadrilhas. Aceitámos, por curiosidade, o convite.

Nosso avião, um rápido "Vengeance" de mergulho, rompeu o espaço numa velocidade incrível. Estamos voando. Não sabemos, bem ao certo, a altitude em que nos encon-

U. S. NAVY COMMANDER CHARLES W. LORD, REPRESENTANTE DA AVIAÇÃO NAVAL DOS EE. UU. JUNTO AO GÔVERNO BRASILEIRO. Á SUA COOPERAÇÃO E INTERESSE, COMO AMIGO DO BRASIL, DEVE-SE A EÔA VONTADE DO GÔVERNO NORTE-AMERICANO, COLABORANDO PARA A FORMAÇÃO DOS AVIADORES COMPETENTES PARA AS NOSSAS FORÇAS AÉREAS, NAS ESCOLAS DAQUÊLE PAÍS. NUMEROSOS PATRÍCIOS NOSSOS TEEM DALÍ SAÍDO PRONTOS PARA ENTRAR EM AÇÃO.

O 1.º GRUPO DE AVIAÇÃO DE CAÇA DA FAB É COMPOSTO NA MAIORIA DOS FAMOSOS TIGRES VOADORES. SÃO AVIÕES VELOZES, ÁGEIS E ELEGANTES, QUE POR VEZES TEMOS VISTO EM FILMES CINEMATOGRAFICOS E QUE ATRAVESSAM OS CÉUS EM VÔOS MAGISTRAIS, DANDO CONTA DE SUAS IMPORTANTES FUNÇÕES. NA GRAVURA, UM DÊSSES, PERTENCENTE Á FAB; PRONTO PARA DECOLAR E COM AS CARACTERÍSTICAS INCONFUNDÍVEIS DO SEU PRECIOSO "NARIZ".

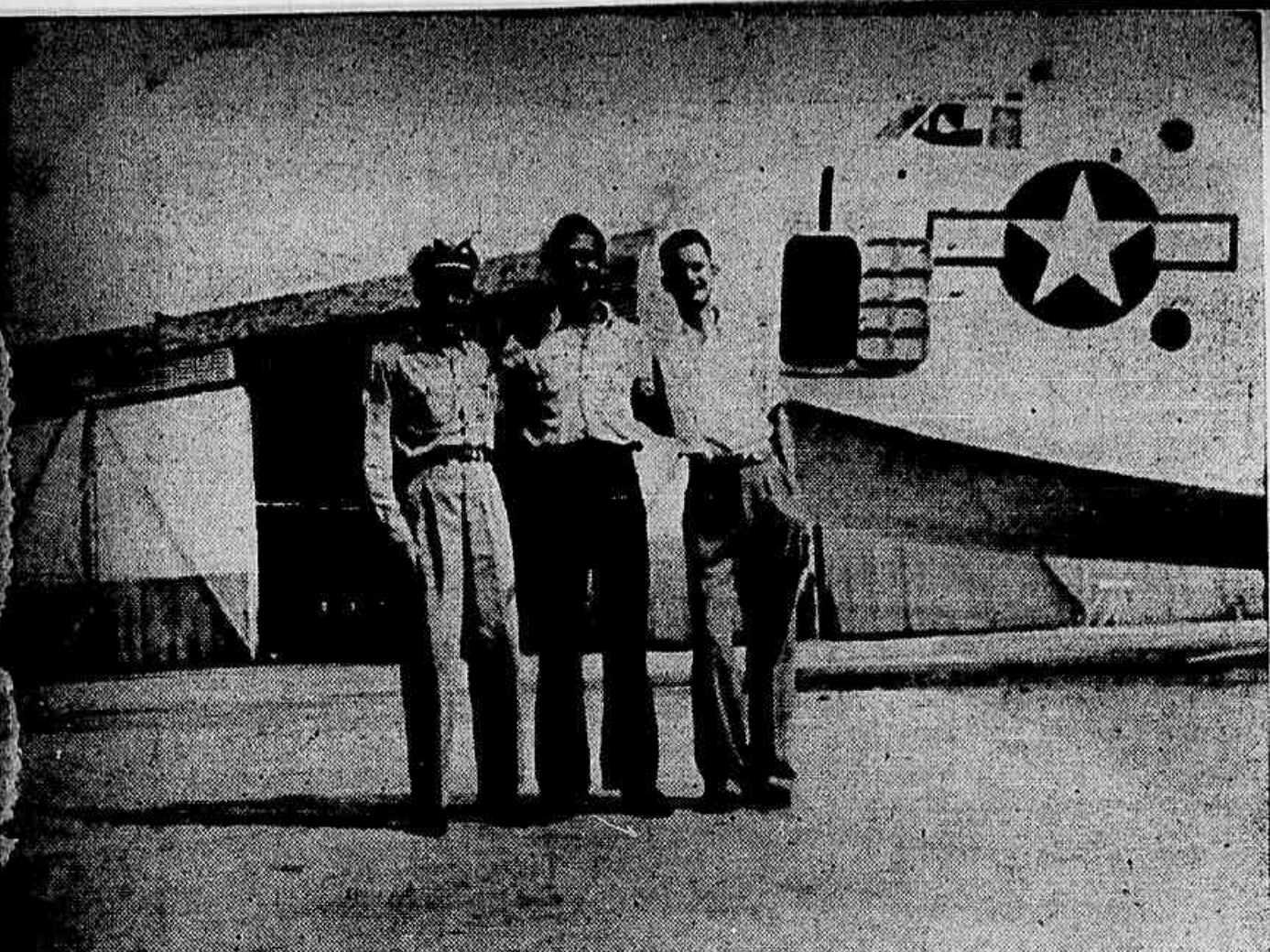
EM QUALQUER PARTE DO CONTINENTE...

Forças Aéreas Brasileiras e Norte-Americanas -- Os aviadores do Brasil treinam para enfrentar o inimigo -- A fraternidade e a bôa-vizinhança -- Aspectos da vida numa base aliada

por *N. Pithan e Silva*

(Do "World News" especial para REVISTA DA SEMANA)





“EÇA VISINHANÇA” — É A LEGENDA APROPRIADA PARA ESTA FOTO. DA ESQUERDA PARA A DIREITA, O CADETE JOSÉ RODRIGUES DA COSTA, DA FAB, TREINANDO NUMA BASE ALIADA; O MARINHEIRO U. S. DON, DA AVIAÇÃO NAVAL DOS EE. UU. E O REPÓRTER, SIMBOLISANDO, NUM AMPLEXO AMIGO A EÇA VISINHANÇA DEMOCRÁTICA DOS QUE SE DEDICAM À DEFESA DOS IDEAIS DE LIBERDADE E JUSTIÇA. À DIREITA, A PRÔA DE UM POSSANTE BOMBARDEIRO MARTIN, DA U. S. NAVY, QUE PATRULHA AS ÁGUAS DO ATLÂNTICO EM CONJUNTO COM A FAB.

tramos. Em vão buscamos decifrar, na infinidade de relógios e ponteiros, que havia, qual deles marcava a altitude. Voavamos, entretanto, a grande altura. Atrás de nós, outros aviões decolaram.

Os aviões da esquadrilha inimiga, em dado momento, começaram a mergulhar sobre a nossa. Sentimos um arrepio de gelar a medula. Um dos aparelhos se despencára, naquele instante, bem em cima do nosso avião, avançando e roncando assombrosamente, como se viesse esborrachar-se sobre o “Vengeance” em que voavamos. Fechando os olhos, esperamos. O ruído ensurdecedor se aproximava. Nossos tímpanos já não resistiam, quando sentimos um golpe forte de vento, e... felizmente o avião, planando, se afastava, desaparecendo num bloco de nuvens brancas.

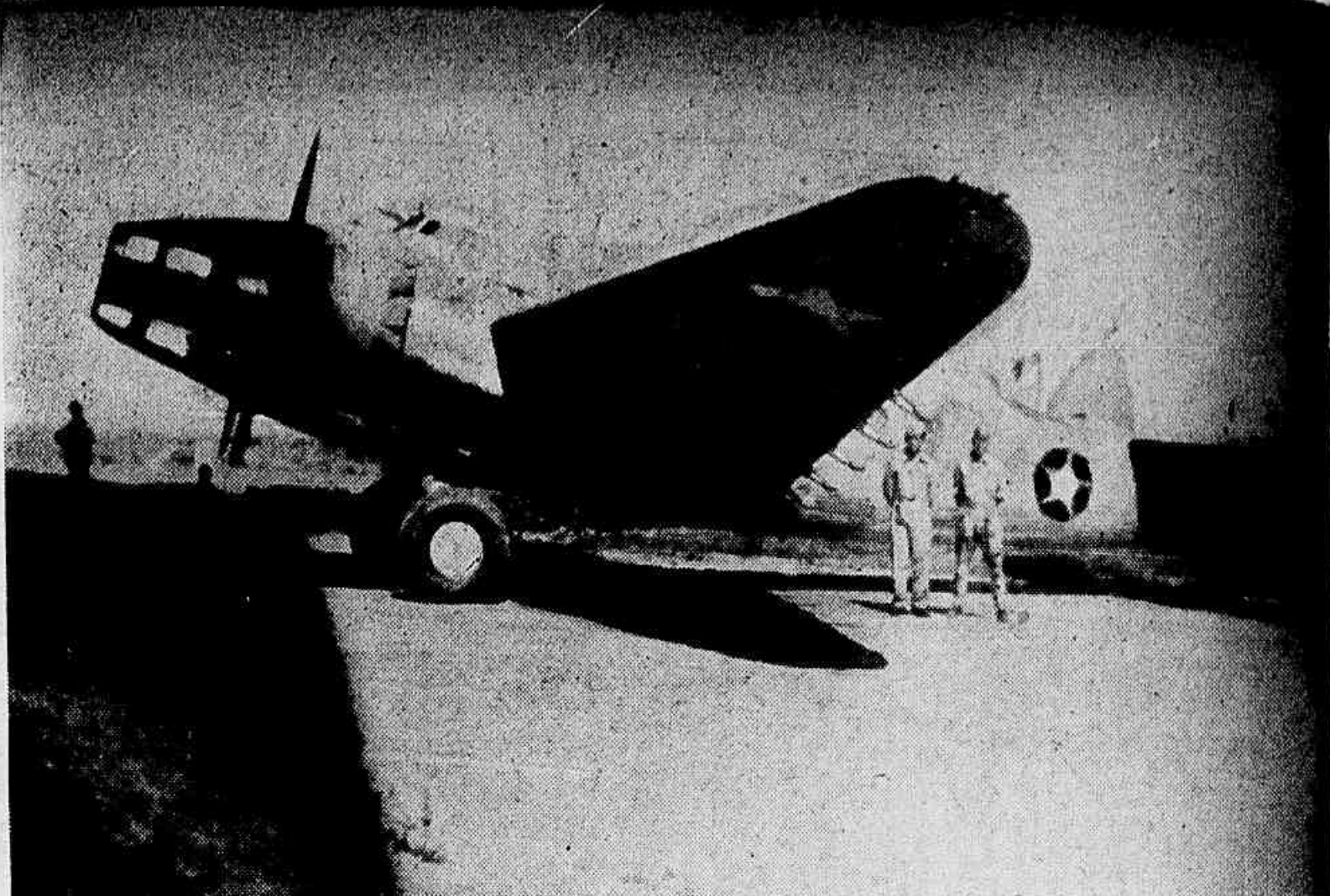
Nêsse momento nossa esquadrilha começou a ganhar maior altitude. Subimos até não se divisar perfeitamente o solo. A esquadrilha inimiga ficou por sob a nossa, em vôo de formação. Compreendemos a manobra. Era nossa vez de atacar. Emocionados, aguardamos o momento do ataque. Não demorou. A um sinal que não percebemos os aviões, a começar da direita, lançaram-se, depois de uma elegante queda de asa, em vôo de picada. Distraindo, não notamos a manobra do nosso avião. Uff!!!... que sensação!

Despencamos rapidamente. Na queda, sentíamos um calafrio no estomago; o deslocamento veloz do ar trazia-nos uma angustia indefinível. A terra aproximava-se de nós, vertiginosamente... assustadoramente... Em dado momento notamos que iam de encontro a um aparelho, teimoso, voando descansado sob nossos olhos. Alguns segundos de emoção... espera... enfim nosso avião ergueu o nariz quando ia raspar no avião inimigo, e, planando, voamos numa reta. Mais algumas evoluções e descemos.

Abandonamos o aparelho, pálidos e meio curvados. Perguntaram-nos, caçoando, si nos sentíamos bem. Respondemos que sim, é lógico. Mas estávamos ainda sob a emoção forte da sensacional picada que, aliás, é um ótimo treino para verificarmos o estado de nosso sistema nervoso.

‘A tarde despedimo-nos da grande base aliada, trazendo conosco a melhor impressão possível: a certeza de que ali se trabalha, afronta-se perigos, vive-se emoções, vibra-se mais forte, porque ali se aprende a defender a Liberdade humana.

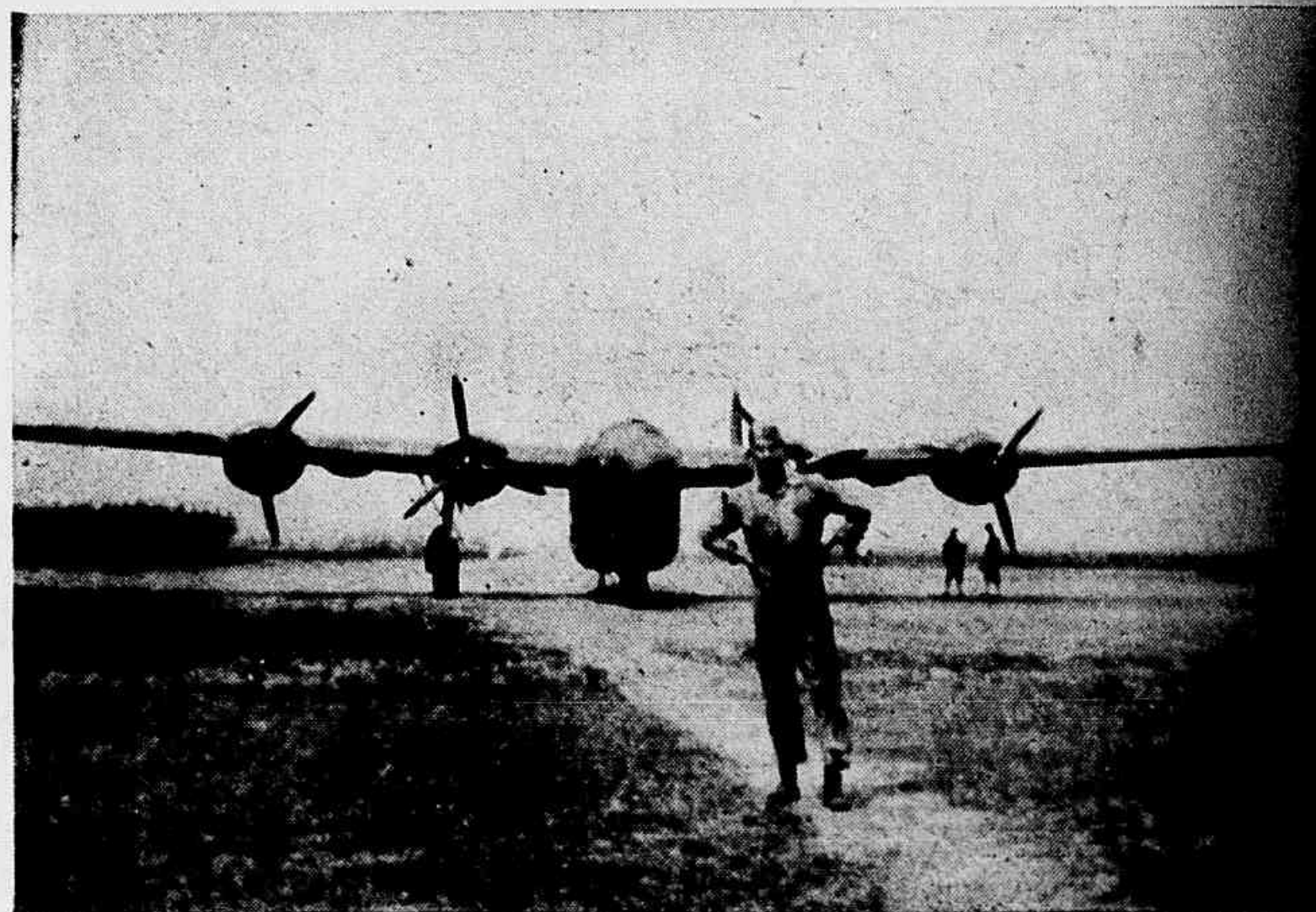
Assim deixamos, atrás de nós, êsse pedestal da Vitória — um dos milhares que existem pelo mundo em fóra — a serviço das democracias, para o estabelecimento de uma Paz integral. e justa



EXISTEM AVIÕES DE TODOS OS TIPOS E CADA DIA NOVOS MODELOS SÃO APERFEIÇADOS, PRODUZIDOS EM LARGA ESCALA NAS FÁBRICAS DOS EE. UU. NA GRAVURA ACIMA, UM BOMBARDEIRO MÉDIO, BI-MOTOR HUDSON, DAS FORÇAS AÉREAS BRASILEIRAS. AO LADO, DOIS TRIPULANTES AUXILIARES DO REABASTECIMENTO E REVISÃO DO APARÉLHO, TENDO CONCLUÍDO O SEU SERVIÇO. O BOMBARDEIRO ESTÁ DEFINITIVAMENTE PRONTO PARA ALÇAR VÔO QUANDO NECESSÁRIO.



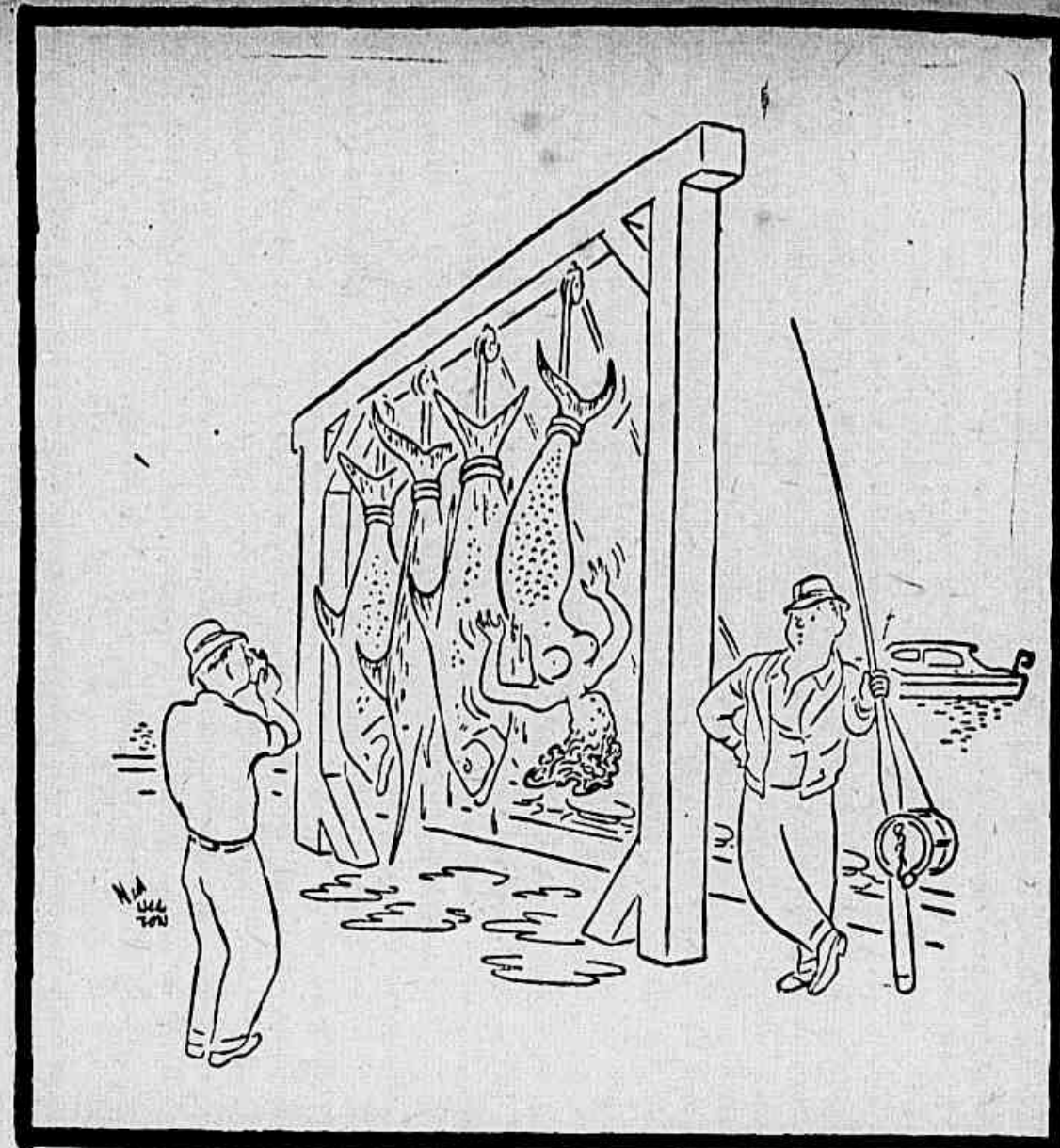
O REPÓRTER, DEVIDAMENTE EQUIPADO, TOMA ASSENTO NUM RÁPIDO “VENGEANCE” E PARA SENTIR AS EMOÇÕES DE UMA PICADA A SEISCENTOS QUILOMETROS HORÁRIOS. ÊSTE NÃO É O SEU PRIMEIRO VÔO, MAS CONDIÇÕES TÃO DELICADAS SEMPRE IMPÕEM UMA PONTINHA DE RESPEITO... O PARAQUEDAS, OS APETRECHOS PARA FACILITAR A DESCIDA SÚBITA E TODOS OS PERTENCES MONTAM-NO EQUIPADO. ÊLE É AGORA UM REPÓRTER EM PLENO ESPAÇO...



OUTRO POSSANTE APARÉLHO NORTE-AMERICANO É O LIBERATOR. TRATA-SE DE UM BOMBARDEIRO-PESADO, QUADRIMOTOR, DE VELOCIDADE EXTRAORDINÁRIA. PERTENCE À F. A. DOS EE. UU. QUANDO O VEMOS NA ILUSTRAÇÃO ACIMA, ESPERA, NA PISTA, O REABASTECIMENTO PARA ENTRAR EM AÇÃO. NO PRIMEIRO PLANO UM SOLDADO MECÂNICO DAS FORÇAS AÉREAS BRASILEIRAS PÔE, ORGULHOSO, PARA A NOSSA OBJETIVA, E PARECE DIZER: — “O. K.”!

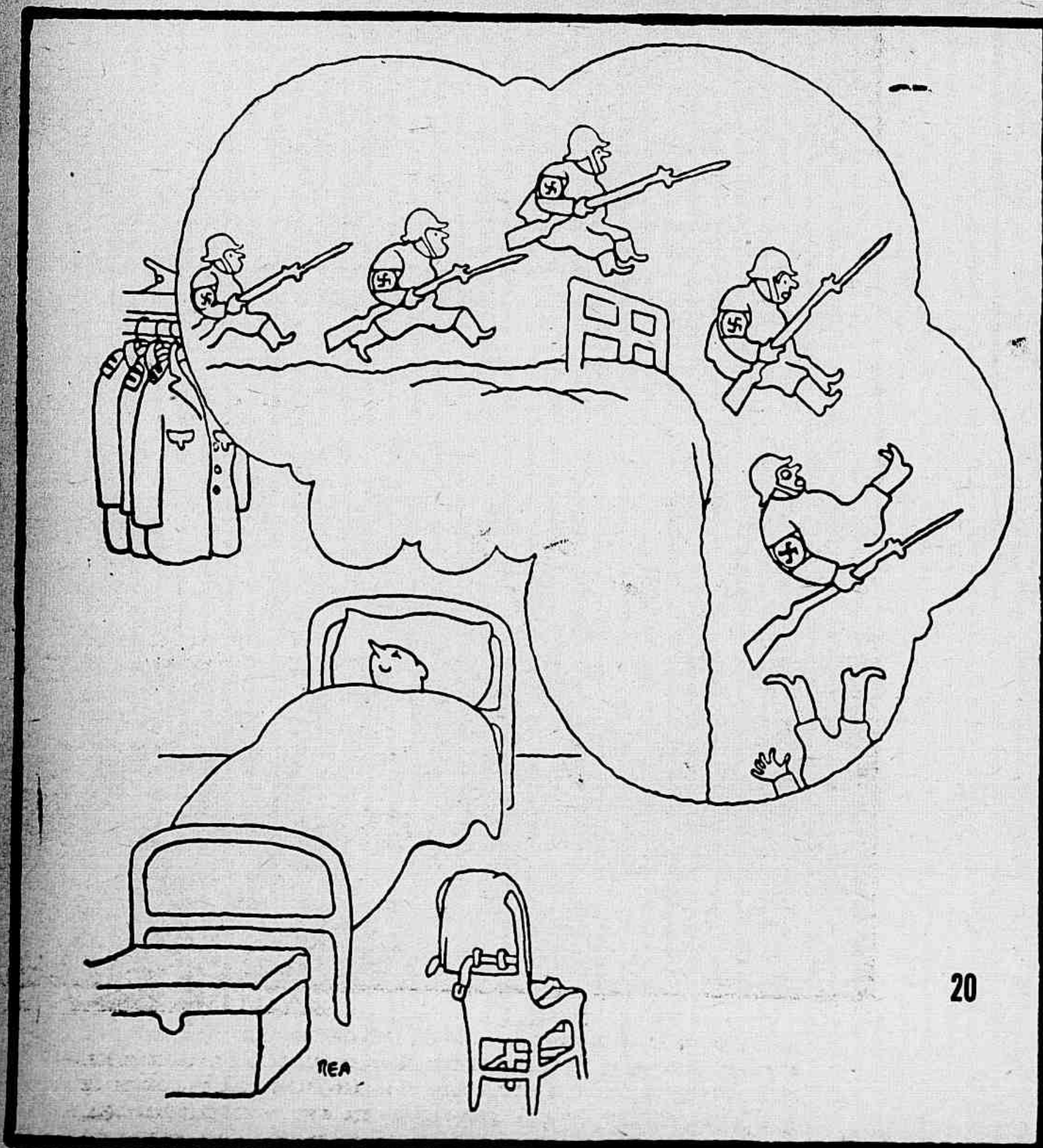


Essa camaradagem com os rapazes ajuda a manter o moral.



Deve ser "camouflage". Parece demais com uma árvore.

DE BOM HUMOR



20



Deixa o cofre, João!
Vem ver que maravilha eu descobri!

BLAN



23'

Elegante vestido apresentado por Martha O'Driscoll, da Universal — com decote em V duplo, alto atrás, drapeado nos ombros e na saia, pegando o drapeado da saia uma pala curta em ponto, formando o cinto. O sapato é da cor do vestido. Os acessórios são pretos, dando, em conjunto, um bonito efeito.



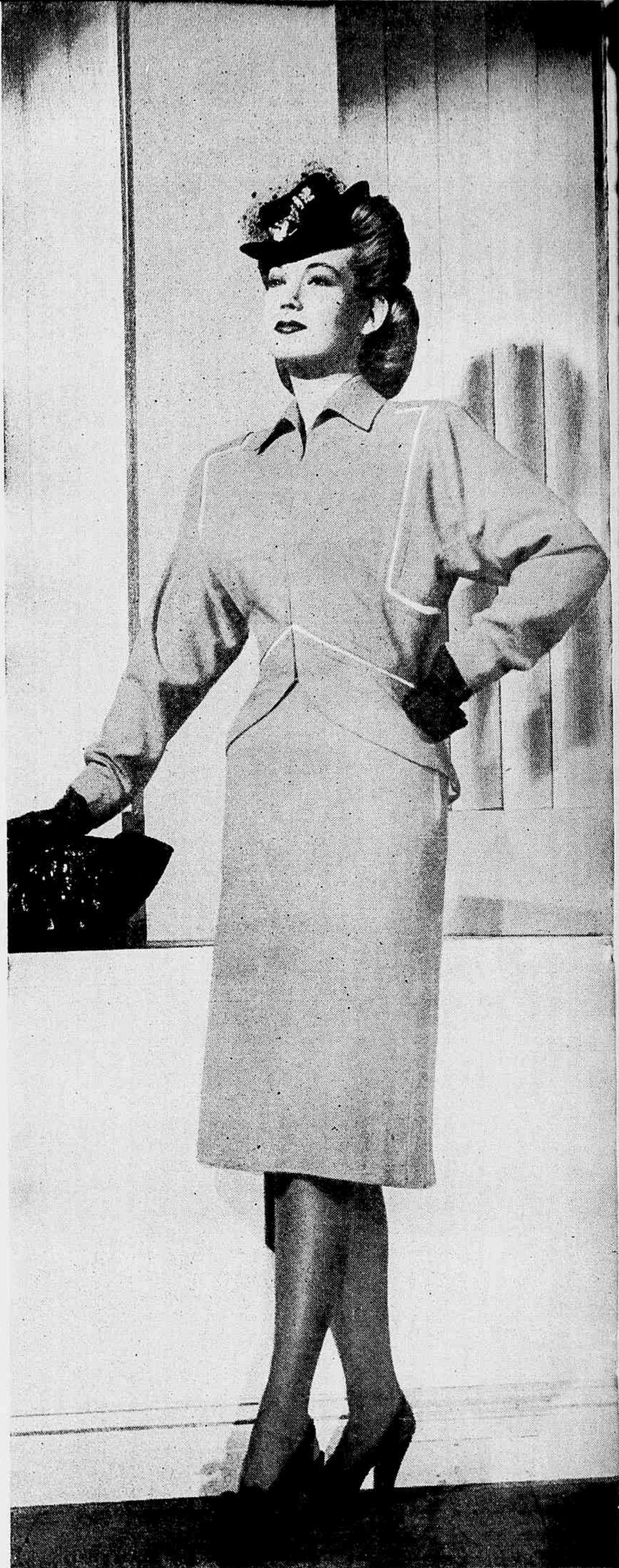
Maria Montez oferece um lindo conjunto de romain côr de limão. A blusa é pre-gueada dos lados, abotoando na frente com botões de fantasia. O cinto, em laço. Chapéu de palha com a beira de renda rafia. Luvas amarelas em tom mais claro, sapato marron-havana. A bonita "estrêla" fica realmente "chic" nesse modelo.



Agora, um conjunto prático de três peças: saia, bolero e blusa, modelo que voltou à voga com o racionamento da fazenda e o mais indicado para os dias incertos. A saia é alta, o corte em V sôbre a blusa branca. Todo pespontado, empresta-lhe um ar esportivo. Chapéu "plateau", bolsa em forma de sacola. Apresentação de Ella Raines.



Loretta Young, a veterana e sempre bonita artista, é quem nos dá, acima, êsse bonito conjunto para passeio. Casaquinho claro, tendo como enfeite viezes formando bolsos. Não há gola, sendo esta da blusa interior. O chapéu, elegantíssimo, é "acampanulado". Luvas e bolsa marron-escuro, tom discreto. E os sapatos de verniz.



Outro simples, até mesmo singelo figurino, que no entanto reúne grandes predicados de originalidade. O conjunto pode ser feito em azul-ultramar, com viezes brancas, dando assim um feitiço interessante ao casaco. Êste apresenta as mangas "raglan". Todos os acessórios em azul-escuro. Apresentação ultra-moderna de Louise Allbritton. (Fotos Universal)

Em 13 de março de 1891 o Sr. Nobrega, conceituado negociante da nossa praça, completou quarenta e sete anos de idade e foi passar o dia no Corcovado, levando em sua companhia, além da senhora e duas meninas, o Artur Caldeira, um bonito rapaz de vinte e um anos, estudante da Escola Politécnica, filho de um bom freguez que o Sr. Nobrega tinha em Paracatu', no Estado de Minas.

Rozalia, a mais velha das meninas, contava apenas dezesseis anos, e estava — sem que os pais o soubessem — apaixonada pelo estudante. Entendia este que o velho proverbio amor com amor se paga era a fórmula mais avisada da justiça humana, e correspondia com ternura á delicada paixão da moça.

Essas inocentes manifestações duravam havia já três meses, quando Artur Caldeira recebeu — naturalmente por artes de Rozalia — um convite para o passeio do Corcovado. Imenso foi o seu prazer, pois com certeza esse passeio lhe proporcionaria ocasião de entender-se categoricamente com ela.

Assim foi. Depois do esplêndido almoço que a família Nobrega levára de casa e foi alegremente devorado sob tegmine de frondosa figueira brava, o estudante afastou-se um pouco em companhia das meninas e, sem se importar com a presença da mais nova, que tinha doze anos, fez á Rozalia uma declaração em regra, jurando-lhe fidelidade eterna. Ela prestou juramento idêntico, e as mãos apertaram-se fortemente.

E para que esses protestos ficassem gravados de modo que resistissem á acção destruidora do tempo, Artur Caldeira armou-se de um canivete e, a pedido de Rozalia, abriu a seguinte inscrição no tronco de um ipê, que fôra a testemunha discreta e magestosa daquella cena de amor:

ART. E ROZ.
13-3-91

Durante todo esse tempo o Sr. Nobrega e sua esposa cochilavam debaixo da figueira.

Na volta para a cidade, tanto o pai como a mãe notaram que Artur e Rozalia se namoravam abertamente.

Dona Rita, a esposa do Sr. Nobrega, quis chamá-los á ordem:

— Deixa-os lá! ponderou o marido. Queira Deus que as bichas peguem! Ele é um bom rapazinho, está ali está formado, e é filho de um homem sério e bastante rico. Onde poderemos encontrar melhor marido para a pequena?

Dona Rita concordou com o marido — e quando, no largo do Machado, a família, que morava em Botafogo, se separou do estudante, que seguia para a cidade, a boa senhora instou com ele para "aparecer lá por casa", ir jantar aos domingos, etc.

Um mês depois, Artur Caldeira era noivo de Rozalia. O pedido fôra feito pelo pai, que viêra expressamente de Paracatu', trazido por uma carta do estudante pedindo o seu assentimento á suspirada união.

Marcado que foi o dia do casamento, começou para Artur e Rozalia essa deliciosa e risonha quadra do noivado, pensando na qual mais tarde os maridos com raras exceções se convencem de que realmente o melhor da festa é esperar por ela.

Mas a desgraça não quis que chegasse para Artur Caldeira e Rozalia Nobrega o almejado dia da festa.

Em Janeiro de 1892, muito pouco tempo antes da época fixada para o casamento, o pobre estudante foi fulminado pela febre amarela, que o matou em dous dias.

Rozalia recebeu um golpe tão profundo, sentiu tanto, tanto, a morte do seu noivo que adoeceu gravemente, e durante dous meses esteve entre a vida e morte. Mas os cuidados da ciência, e ainda mais a ciência dos cuidados, conseguiram vencer a enfermida-



COINCIDENCIA

conto de
ARTHUR AZEVEDO

ilustração de
ARCINDO MADEIRA

de e restituir á existência áqueles dezoito anos primaveris e formosos.

Nessa idade as grandes dores depressa se deixam absorver pelo espetáculo contínuo da vida, pela renovação incansável e vivificante das coisas... Um ano depois da sua quasi viuvez, Rozalia parecia absolutamente consolada; voltavam-lhe as alegrias despreocupadas de outr'ora; já de novo se comprazia no convi-

vio bulhento das amigas, e ria-se, com o riso sonoro e cristalino das moças.

Não tardou que a imagem de Artur Caldeira se desvanecesse de todo no seu espirito, e que a substituisse outra — a de um negociante joven ainda e já bem colocado, que se chamava Artidoro de Lima.

O namoro progrediu com rapidez incrível — e

relevar dizer que tanto o Sr. Nobrega como dona Rita fizeram o possível para estimulá-lo.

— Deixémo-los, deixémo-los! Queira Deus que as bichas peguem! Ele é um excelente môço, e está muito bem encaminhado. Onde poderemos encontrar melhor marido para a pequena?

As bichas pegaram.

O casamento foi marcado para Outubro de 1893, realizar-se-ia no dia dos anos de Rozalia.

Mas sobreveiu a revolta de 6 de Setembro, e acordaram todos em esperar pelo restabelecimento da paz.

Entretanto, em princípios de 1894, Artidoro de Lima declarou ao seu futuro sógro que estava farto de esperar pela terminação da revolta; o seu amor nada tinha que ver com a política. Rozalia por seu lado ardia em desejos de se casar.

A' vista disso, apressaram-se os preparativos, e em Fevereiro Artidoro e Rozalia eram marido e mulher.

Quando, no mês seguinte, o governo preveniu a população do Rio de Janeiro que ia entrar a esquadra legal e dar um combate decisivo aos revoltosos que se achavam no porto, Rozalia ficou bastante contrariada, porque o dia do combate coincidia com o aniversário natalício de seu pai, e não podiam festejar-lhe o meio centenário...

— Depois, acrescentava ela, que maçada! é preciso aprontar malas, sair da cidade...

— Não, não, não! obtemperou Artidoro. Não te assustes, meu anjo; o combate, se o houver, o que duvido, não poderá durar mais de duas horas. Não é preciso irmos para muito longe; basta que subamos ao Corcovado.

Rozalia estremeceu, e murmurou:

— Pois sim.

E no dia 13 foram para o Corcovado.

Rozalia encheu-se de melancolia e azedume. Ela estava naturalmente animada pela esperança da felicidade conjugal, pelo sentimento, ainda novo, dos seus deveres de esposa, pela virtude persuasiva ensinada pelo amor de mãos dadas ao dever; mas a lembrança do pobre Artur Caldeira voltava agora ao seu espirito com uma insistência implacável.

Ela sentiu-se misteriosamente acusada de ingratidão, e lembrou-se de que, naquela mesma data, naquella mesmo sítio, havia apenas três anos, jurado fidelidade eterna a outro homem; e, num desejo exquisto de castigar-se, foi procurar o saudoso ipê em cujo tronco o morto gravára uma inscrição indelével.

Foi Artidoro o primeiro que descobriu a inscrição.

— Olha, Rozalia...vem cá...vê que coincidência!

E apontou:

ART. E ROZ.
13-3-91

— Estiveram aqui, nesta mesma data ha três anos, dous namorados que tinham os nossos nomes. Este Art. deve ser Artidoro e esta Roz. deve ser Rozalia.

— Talvez não... pôde ser... e Rozalina...

— Ora adeus! seja quem fór, façamos nossa a inscrição. Ainda somos namorados.

E tirando um canivete do bolso, com duas incisões profundas transformou 1891 em 1894.

Acabada essa operação, Artidoro ficou muito surpreendido ao vêr que Rozalia chorava copiosamente.

Nunca percebeu o motivo dessas lágrimas. Atribuiu-as ao estado interessante em que ela se achava.

E a artilheria, ao longe, saudava ruidosamente a vitória da legalidade.

(Do livro: "CONTOS EFEMEROS")

—“Para os que crêm em Deus, não há necessidade de explicação. Para os que não crêm, nenhuma explicação será suficiente. Bernadette Soubirous foi para o mundo o que o telescópio é para o astrônomo. Pelo telescópio consegue-se ver estrelas que a olho nu jamais descobriríamos. Por Bernadette Soubirous visionamos as verdades eternas que nossos olhos fracos não conseguem vêr”.

As palavras do sacerdote Peyramale, proferidas do púlpito, definiam a heroína de Massabielle, na França, cuja vida de sacrifício e abnegação foi, agora, conduzida para a tela. Trata-se de um filme que nos dizem possuir aspectos de arte maiores que os do estalão comum: *A Canção de Bernadette*.

Mas o que mais nos interessa, neste caso, é apreciar as duas interpretações a de cinema e a de pintura. Norman Rockwell, o famoso pintor americano, encontrou na pessoa de Jennifer Jones, indicada para encarnar, na versão cinematográfica, esse delicado papel, o modelo apropriado para a tela que há muito imaginava. Via-se obrigado a protelar seus intentos pela falta desse modelo. Agora, sabendo que o cinema teria encontrado uma figura feminina dotada de todos os predicados de arte e de espírito, exigidos pela novela de Franz Werfel, abalou-se até Hollywood. E parece que não se desconcertou, pois Jennifer Jones inspirou-lhe o magnífico trabalho que se vê nesta página. A circunstância de ter Norman Rockwell se entusiasmado com a artista fez por sua vez que a produtora do filme ainda mais se animasse a aproveitá-la. É o certo é que em fins de 1943, quando a Academia de Ciências Cinematográficas de Hollywood procurou eleger o melhor trabalho feminino do ano, a escolha inesperadamente recaiu em Jennifer Jones, um nome até então desconhecido.



Para melhor definir a espiritualidade de Bernadette, acompanhemos um detalhe da novela de onde o filme foi extraído:

“Saíra Bernadette Soubirous, tristonha, da escola: não soubera responder à pergunta da Irmã Venzous — “O que é a Santíssima Trindade?” — e fôra repreendida e castigada. Não recebera a imagem que o deão Peyramale distribuíra às outras meninas, pois não sabia o catecismo. Sua tristeza não durou muito. Tristeza dessa espécie não podem estender-se, quando se é uma pequena e sadia camponesa e se tem quatorze anos... Depois da aula, lá estava ela, com sua irmã e sua colega Jeanne Abadie, apanhando gravetos nos campos. Pouco a pouco Bernadette ficou para trás. Em Massabielle, tem que tirar os sapatos para atravessar o riacho. O vento soprava forte mas, de subito, como por magia, não há mais nenhum vento. Tudo está incrivelmente parado. Surpresa, Bernadette também fica quieta, sentindo um vago mal-estar. Seus olhos correm receiosos pelas visinhanças, mudas, onde nada se mexe. Mas á entrada de uma gruta, bem na sua frente, uma roseira selvagem é violentamente sacudida, embora os outros arbustos permaneçam imóveis. E também de subito a roseira se imobiliza. Os olhos da pequena Bernadette abrem-se assombrados. A' entrada da gruta, banhada de um clarão dourado, está uma figura de mulher, delicada e fragil,

Norman
Rockwell

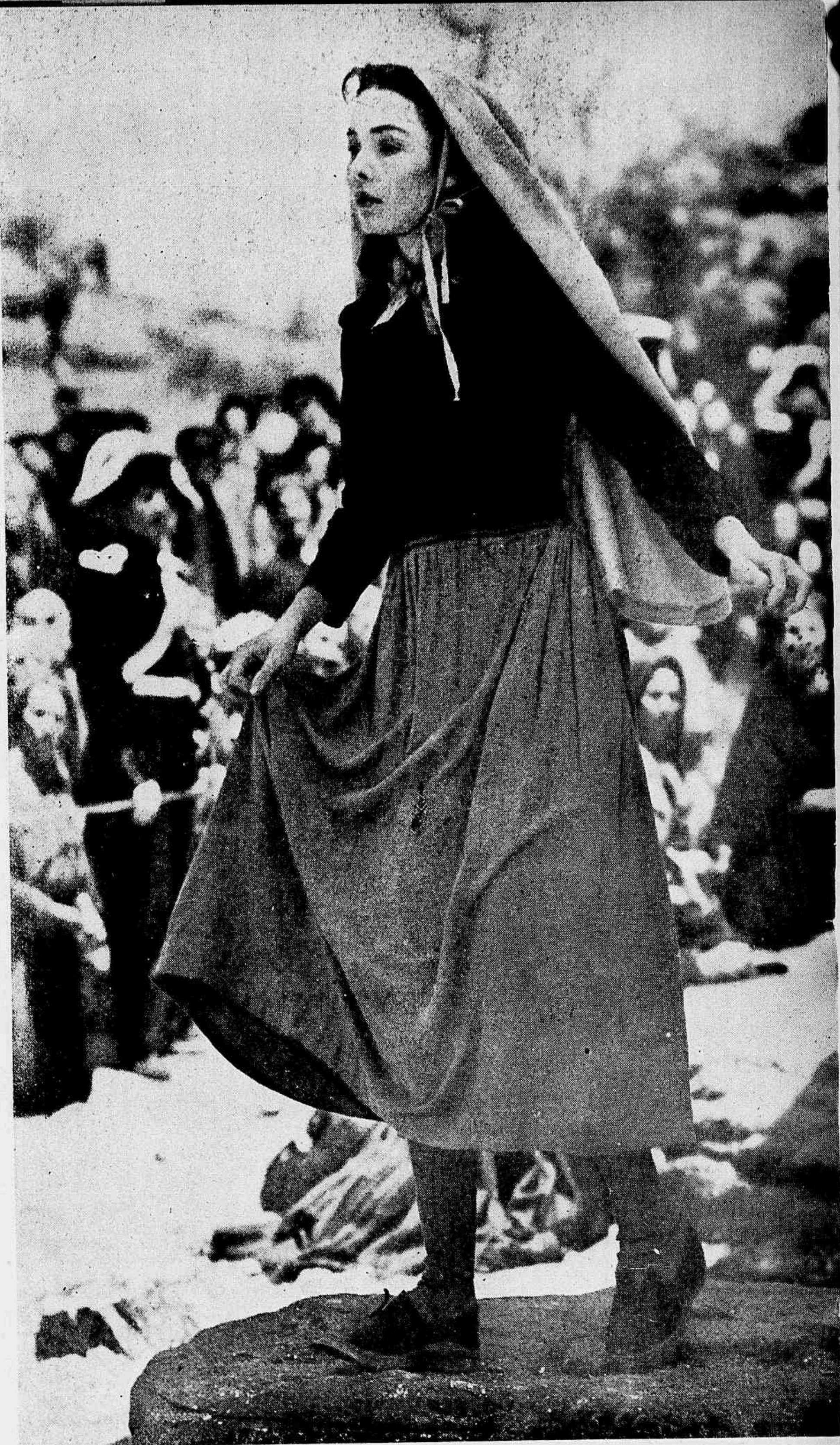
BERNADETTE

DUAS INTERPRETAÇÕES DE BERNADETTE

joven e linda. Suas roupas são alvas e vaporosas, uma larga faixa azul envolve-lhe a cintura. Os pés estão nus mas em cada um deles há uma rosa dourada. Bernadette esfrega os olhos, mas a Senhora continua na gruta. Uma onda de pavor começa a crescer na menina, mas então a Dama sorri. E um macio sentimento de paz e tranquilidade lhe inunda a alma. Subjugada pela excelsa beleza da figura, a menina ajoelha-se lentamente. Fazendo o sinal da Cruz, começa a rezar baixinho — sem tirar os olhos de sua visão... Suas companheiras encontram-na assim extática e feliz..."



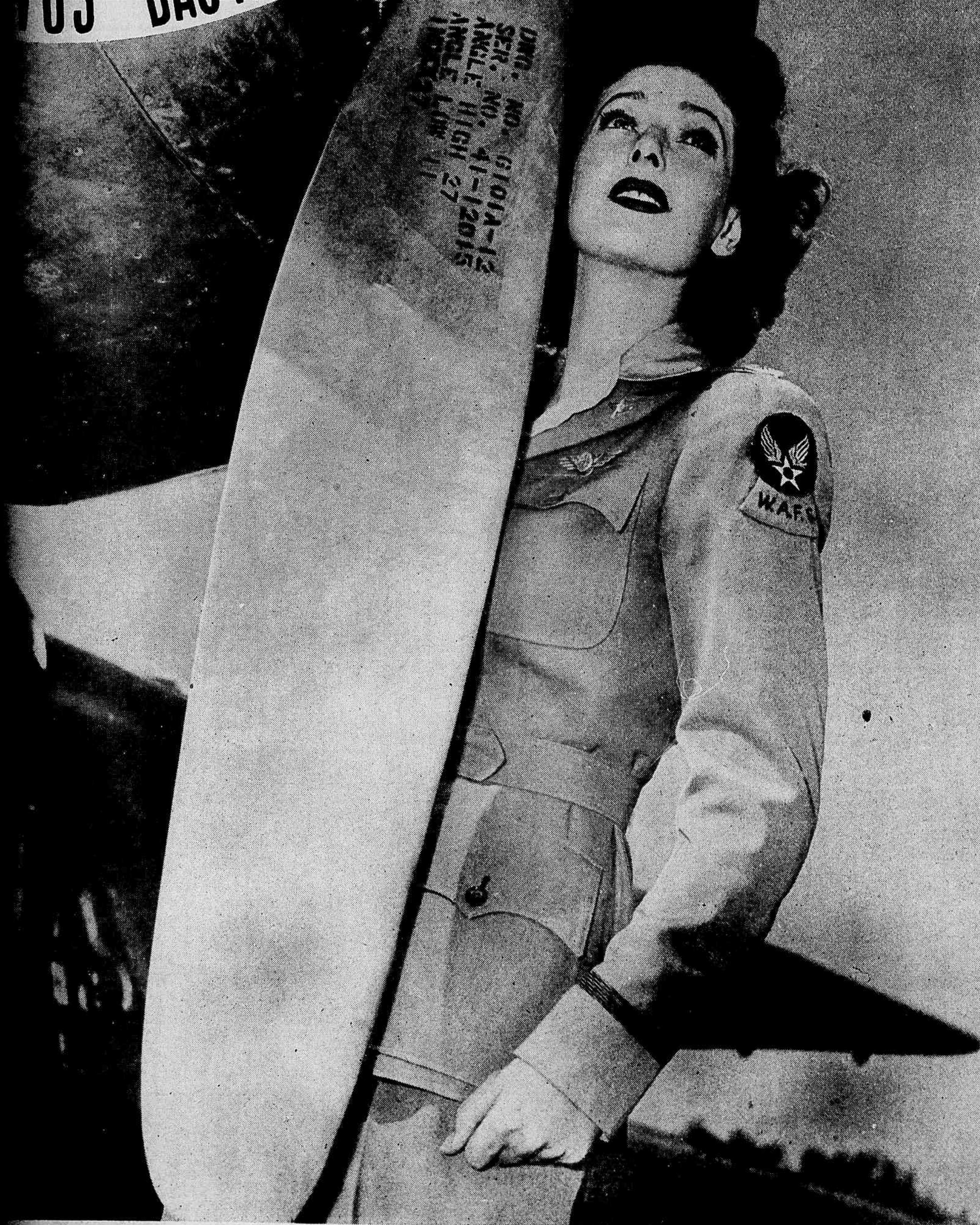
Essa a atitude em que Norman Rockwell fixou a heroína de Franz Werfel, no modelo vivo de Jennifer Jones. Si o filme tiver conseguido manter a espiritualidade do livro e da tela, terá realizado uma obra prima.



O leitor poderá fazer um confronto entre as interpretações pictórica e cinematográfica de Bernadette. Na página ao lado, o quadro de Norman Rockwell que o cinema utilizou como propaganda, mas que nem por isso perdeu seu cunho de real obra de arte. Nesta página, ao alto e à esquerda, Jennifer em duas atitudes da mesma personagem. À direita, ainda Bernadette e o deão Peyramale, este tentando explicar-lhe o milagre da aparição.



VOS BASTIDORES FEMININOS



AZAS DE FOGO

LORETTA YOUNG da Universal

O mito ou lenda, tradição ou história, contam através dos milênios, desde a Ásia, nas montanhas da Galácia, até o Nhamundá no Amazonas, o maravilhoso relato das bravas e bravias mulheres guerreiras, que faziam oblações à lua e iam ao fundo dos mares buscar as pedras verdes de jade que eram amuletos; também para as amazonas havia a lua mandingueira, chamavam-n'a *Artemisia*, como nossas guerreiras a chamavam *Jacy*, como os Incas a diziam a *Iacumama*. Elas existiram e eram arrojadas, valentes e castas.

Foi sob o reinado de Tonyres que elas derrotaram Cyro. Foi sob o comando de Hyppar que elas invadiram a Ática; foi Pentésilas quem levou socorro a Troia.

No tremendo Sabat que sacode tragicamente a humanidade de hoje vemos surgir todas as latitudes onde a conflagração se faz sentir as herdeiras modernas das hipotéticas e lendárias Amazonas; já não serão exercitos regulares, nem mesmo tropas aguerridas, mas são bravas combatentes da retaguarda. De todos os setores porém, aqui onde ela se revela com suas características mais naturais, como na Cruz Vermelha; ou alhures onde ela combate como voluntária, onde ela é mais lendária, é no simbolismo das alturas, é onde, tomando de assalto o espaço, azas de fogo sobre o mundo, ela passaro de aço domina o poderoso avião, ajudando o novo Icaro da era onipotente do bombardeio. Águia chamejante, ela é, no domínio do avião, guerreira do azul, como o arcanjo Gabriel castigando o pecado de Asmodeu. Aviadora, voando sobre a terra que é uma cratera vomitando maldição sobre a humanidade, ela é maior que as Amazonas. Ela é a voz clara que responde à voz da treva dizendo: "Sou eu, sou eu o Espírito da humanidade que trago a luz!" — É a mulher que virá a redenção da humanidade. (WATLY)

Você tem vocação para detective?

O DIABO TRABALHA À NOITE



1 Janice Lyle sorriu significativamente para Elmer Dewey enquanto este preparava bebidas no bar do seu confortável apartamento. "É bem difícil fazer tudo isso, não é verdade?" disse ela. Dewey sorriu sardonicamente, enquanto Janice continuava: "Por falar nisso estou cansada de ser a noiva de um pobre homem. Agora que você e seu comparsa estão valendo \$20.000.....Não é má ideia esta comparsaria."



2 O inspetor Hanibal Cobb estava no edifício onde Dewey tem seu escritório quando o cabineiro do elevador, Olsen, tem uma comoção sendo amparado por um policial. Dentro, Olsen, cheirando fortemente a whisky, aponta para o alto do elevador: "Veja...um homem... ele soltou o cabo!" Cobb sobe correndo os degraus; no quinto andar, perto da porta do elevador, jaz Dewey, aparentemente.



3 Restabelecendo-se, Dewey gritou: "Warren deixou cair o cabo!" Cobb pediu a Olsen que abrisse a porta do elevador. Olhando para baixo, perguntou: "Como aconteceu isto?" Dewey: "Eu estava trabalhando fora de hora"; Warren: "Ele estava concluindo nosso negócio de construções, tendo terminado cerca de 10hs.30. Quando deixou fui com ele ao elevador."



4 "Meu telefone tocou, e voltei ao meu escritório. Poucos segundos depois, ouvi um grito, corri para cima e, quando vi o que havia acontecido, desfaleci. Tinha medo de alguma coisa como esta... estas paredes escuras, e este cabineiro bebedor quase todo o tempo. Não é a primeira vez que uma porta de elevador é deixada aberta."



5 No "bureau", Janice disse a Cobb que deixara o escritório de Dewey às 10hs.50, tendo descido, quando Olsen atendeu seu chamado telefônico. Olsen negou ter ouvido o telefone. Dewey disse que Warren deixou seu escritório exatamente às 11hs.05. Cobb prendeu Dewey como o assassino de Warren e Janice como cúmplice. Por que?

O que se deve evitar

EIS UM MODO CORRETO DE DANÇAR. COMO TODOS OS GESTOS DA CREATURA HUMANA, A POSIÇÃO TOMADA NUMA DANÇA REVELARÁ SEU GRÁU DE DISTINÇÃO. E, EMBORA O CINEJA TENHA GENERALISADO CERTOS GESTOS E ATITUDES MENOS ELEGANTES, LÁ NA AMÉRICA, NOS SALÕES DE ELITE, REALMENTE DANÇA-SE ASSIM, POIS AS BOAS MANEIRAS SÃO CULTIVADAS COM CUIDADO. O CAVALHEIRO MANTÉM-SE EM ATITUDE CORTEZ, NÃO PRECISANDO COLAR O ROSTO AO ROSTO DA DAMA, NEM COISA SEMELHANTE.

NA CERIMONIA DE PARTIR O BOLO DE NOIVADO, COSTUMAM OS CONVIDADOS APERTAR TANTO OS JOVENS NUBENTES QUE ESTES, JÁ POR SI DESDEJITADOS COM AS CIRCUNSTÂNCIAS DO ATO, FICAM SEM ESPAÇO PARA O GESTO SIMBOLICO. SERIAM MAIS AMAVEIS OS PRESENTES AFASTANDO-SE UM POUCO DEIXANDO OS MAIS À VONTADE. O PRIMEIRO PEDAÇO DE BOLO DEVE SER DADO À MÃE DA NOIVA, OUTRO À MÃE DO NOIVO. DEPOIS OS PAIS E PADRINHOS...



NUNCA "ABRA AS AZAS" NUMA MESA DE REFEIÇÕES. ISTO É NUNCA DESCANSE OS COTOVÊLOS DEITADOS POR SOBRE O ESPAÇO QUE LHE COMPETE. NÃO SO É POUCO DISTINTO COMO, SE TIVER VIZINHO, PODE FÁ MOLESTA-LO. CONTENHA-SE, OCUPANDO O ESPAÇO MENOR POSSIVEL. É BOM.



DE VEZ EM QUANDO PERGUNTAM AS NOIVAS DE QUE LADO DEVEM ENTRAR OUSADA IGREJA. ENTRA SE À ESQUERDA DO PADRINHO E À DIREITA DO NOIVO. CONVENIENTER ESSES DETALHES QUE VALEM POR UMA TRADIÇÃO. NOIVOS DEVEM DAR O EXEMPLO EM CASOS TAIS.





Todo ser humano obrigado ao convívio de seus semelhantes deve ter uma norma de vida que lhe facilite e até torne agradável esse convívio. Está claro que, si todos agirem dentro do código da ética, teremos um ambiente verdadeiramente civilizado.

Ha infinidades de regras de civilidade, isto é boa educação, boas maneiras; contudo, muitas delas se referem à etiqueta propriamente dita, e para a maioria não tem aplicação outras normas, porém são inalienáveis para facilitar a vida em comum e dignificar as relações de creatura a creatura.

Nada mais deprimente e que cause pior impressão, aos povos civilizados, do que um povo mal educado; portanto, será bom patriota aquele que contribuir na medida de suas forças e de seu esforço para que o nosso povo não continue porventura a ser taxado pelos adventícios como "essencialmente analfabeto e perfeitamente mal educado". A acusação é infundada, nós o sabemos. Nem a influência do cinema nem a chamada "super-civilização" podem modificar os canones das boas maneiras. O brasileiro é, por excelência, delicado e cortês. Muitas vezes o exemplo vem de fora, mas só de camadas menos educadas também. No entanto, as sugestões que aqui damos prevalecem apenas como uma ilustração, uma lembrança, um simples pretexto para mostrar que mesmo em nossos dias, apesar da guerra e de todos os motivos de perturbação, pode-se e deve-se ser cortês. A educação cabe em todo lugar. E nunca é demais saber como se deve cortar um bolo de noiva, como se dança elegantemente, como se entra na igreja em companhia do marido, como se visita uma parturiente, e por aí adiante.

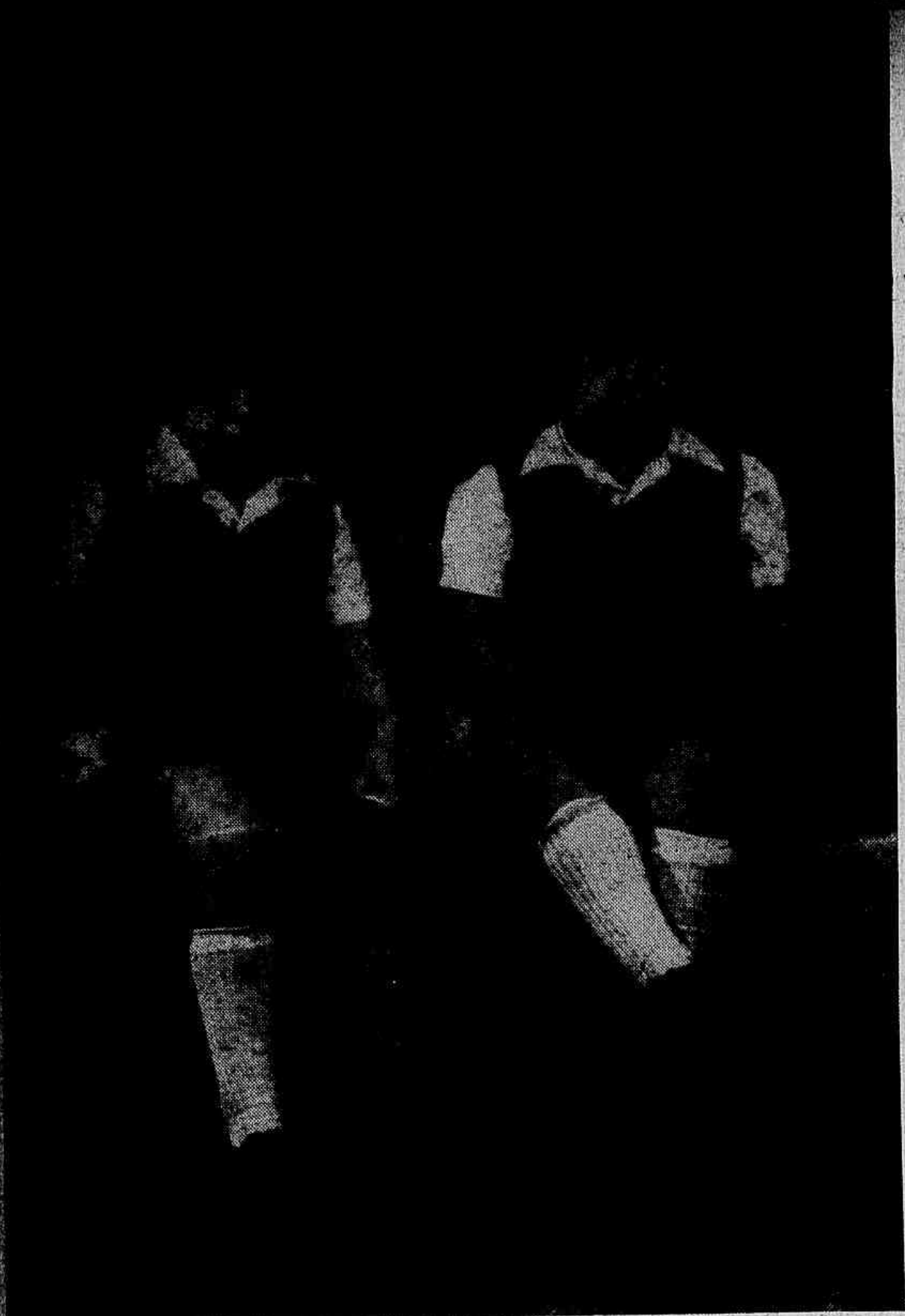
Quem canta seus males espanta. Mas num prédio de apartamentos não se improvisam serenatas. Festeja-se o aniversário com certa discreção ou vai-se para uma casa de chá ou um bar. Esses cavalheiros, aí em cima entoando um cantochão qualquer, são tudo menos educados. E fiquemos por aqui... O que se deve evitar é tudo isso e muito mais coisas.

O que se deve fazer, toda a gente de bons princípios de educação também conhecerá.

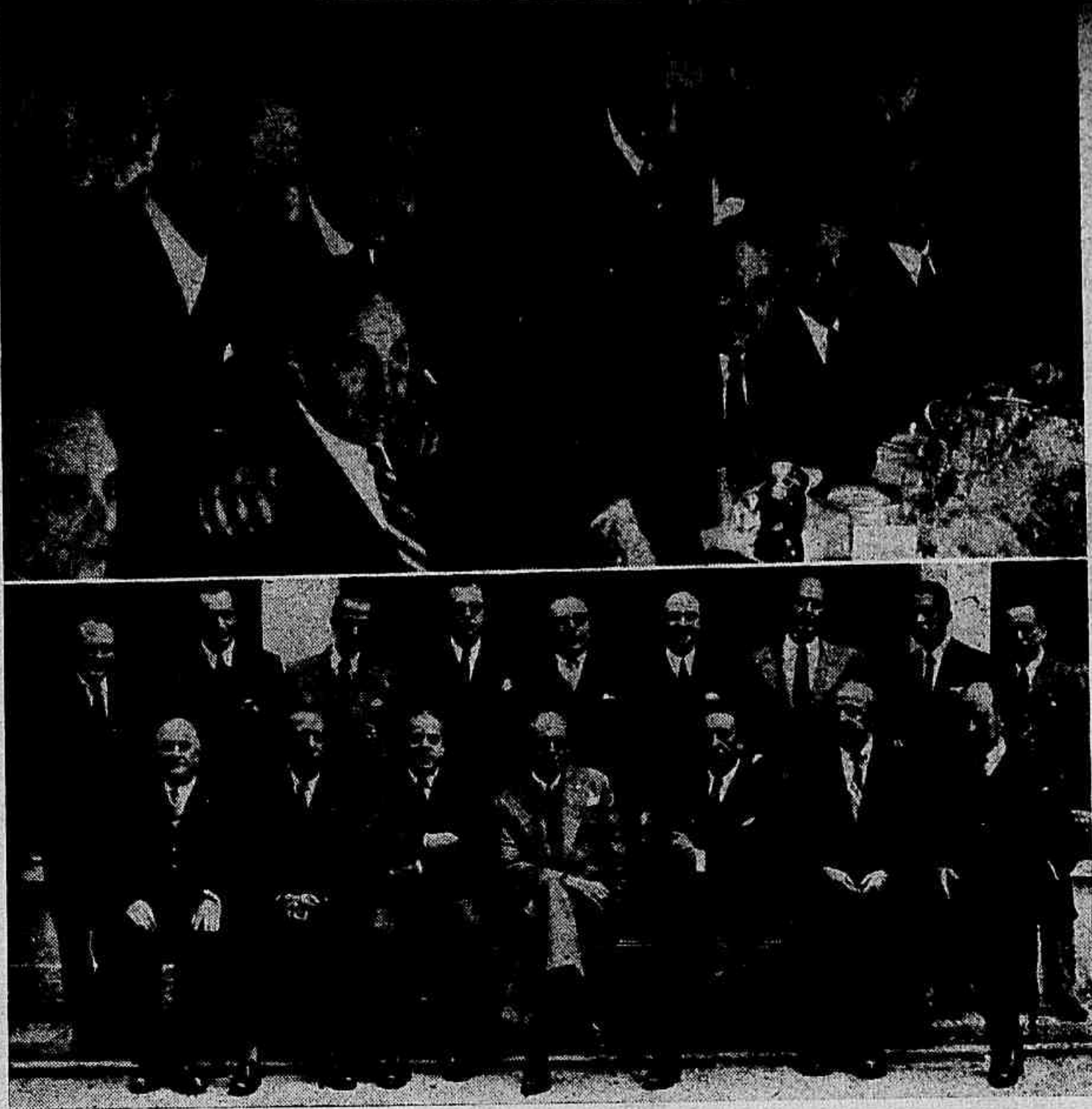
O MUNDO NÃO É SEU. CONVENM LEMBRAR SEMPRE. NÃO SE ESQUEÇA DESSE PRINCÍPIO NEM MESMO DEPOIS DE ALGUNS "DRINKS". E SE VOCÊ É UM VERDADEIRO DEMOCRATA DEVE RESPEITAR O DIREITO QUE SEUS VIZINHOS TÊM À TRANQUILIDADE, PARA SEU TRABALHO E... PARA O SONO REPARADOR. SI QUER FAZER SERENATAS. O LUGAR MAIS APROPRIADO É FORA DE CASA. QUEM MORA EM APARTAMENTO DEVE OBEDECER ÀS INSTRUÇÕES DO EDIFÍCIO. MUITO EXIGENTES NO PAPEL. MAS NEM SEMPRE RESPEITADAS NA REALIDADE — O QUE É PENA...

TODO CUIDADO É POUCO. É MUITO COMUM QUANDO SE VISITA UMA PARTURIENTE QUERER PEGAR O RECENTE-NASCIDO E ATÉ BEI-LO. ISSO CONSTITUE UM GRANDE ERRO. POR SER UM GRANDE PERIGO PARA O "BABY". HA SITUAÇÕES DE VERDADEIRO CONSTRANGIMENTO PARA OS PAIS DA CRIANCINHA, QUE NEM SEMPRE TÊM A CORAGEM NECESSÁRIA DE FALAR. EXISTEM MICROBIOS AOS MILHÕES NA POEIRA DAS RUAS IMPREGNANDO AS MÃOS E AS ROUPAS. QUANTO AOS BEIJS, NEM É BOM PENSAR O MAL QUE PODEM ELAS FAZER. CRIANÇAS RECENTE-NASCIDAS. VÊEM-SE. NÃO SE PEGAM.





PAULO HORACIO E JOSÉ PAULO, ESTIMADOS FILHOS DO SR. HORACIO FERREIRA DE SOUZA BARROS E SUA EXMA. ESPOSA DONA ODETTE TREPPER DE SOUZA BARROS.



O SR. BARRETO PINTO, ANTIGO PARLAMENTAR, ATUALMENTE SERVENTUARIO DE JUSTIÇA, HOMENAGEANDO A MAGISTRATURA DO DISTRITO FEDERAL, OFERECEU EM SUA RESIDENCIA NO ASCURRA UM ALMOÇO AOS DESEMBARGADORES DO TRIBUNAL DE APELAÇÃO, O QUAL DECORREU NUM AMBIENTE DE CORDIALIDADE. FOI CONVIDADO DE HONRA O EMBAIXADOR MARTINHO NOBRE DE MELLO, QUE É, TAMBEM, PROFESSOR HONORARIO DA UNIVERSIDADE DO BRASIL. FINDO O "AGAPE", HOVE NUMEROS REGIONAIS, SOB A DIREÇÃO DE BENEDITO LACERDA. DA ESQUERDA PARA A DIREITA, NO GRUPO, OS DES. DUQUE ESTRADA, VICENTE PIRAGIBE, FREDERICO SUSSEKIND, EDGARD COSTA, EMB. NOBRE DE MELLO, DESEMBARGADORES ALVARO BELFORD E SABOIA LIMA, SENTADOS; DE PÉ E NO MESMO ESNTIDO, O SR. BARRETO PINTO, JUIZ CUNHA VASCONCELOS, DESEMBARGADOR NELSON HUNGRIA, JUIZ SERPA LOPES, DESEMBARGADORES ROCHA SOBRINHO E LAFAYETTE DE ANDRADE, DR. REINALDO PINTO, JUIZ RIBAS CARNEIRO E DR. TEIXEIRA SOARES.



As igrejas evangélicas, Assembléias de Deus no Distrito Federal, comemoraram no dia 22 de Junho de 1944, o vigésimo aniversário de sua fundação.

Em 20 anos de existência, as Assembléias de Deus têm procurado corresponder à finalidade e aos propósitos elevados que se propuzeram cumprir, isto é anunciar o Evangelho ao povo, fazendo com que o padrão da crista alcance os corações dos homens, transformando-os em bons cidadãos e melhores patriotas.

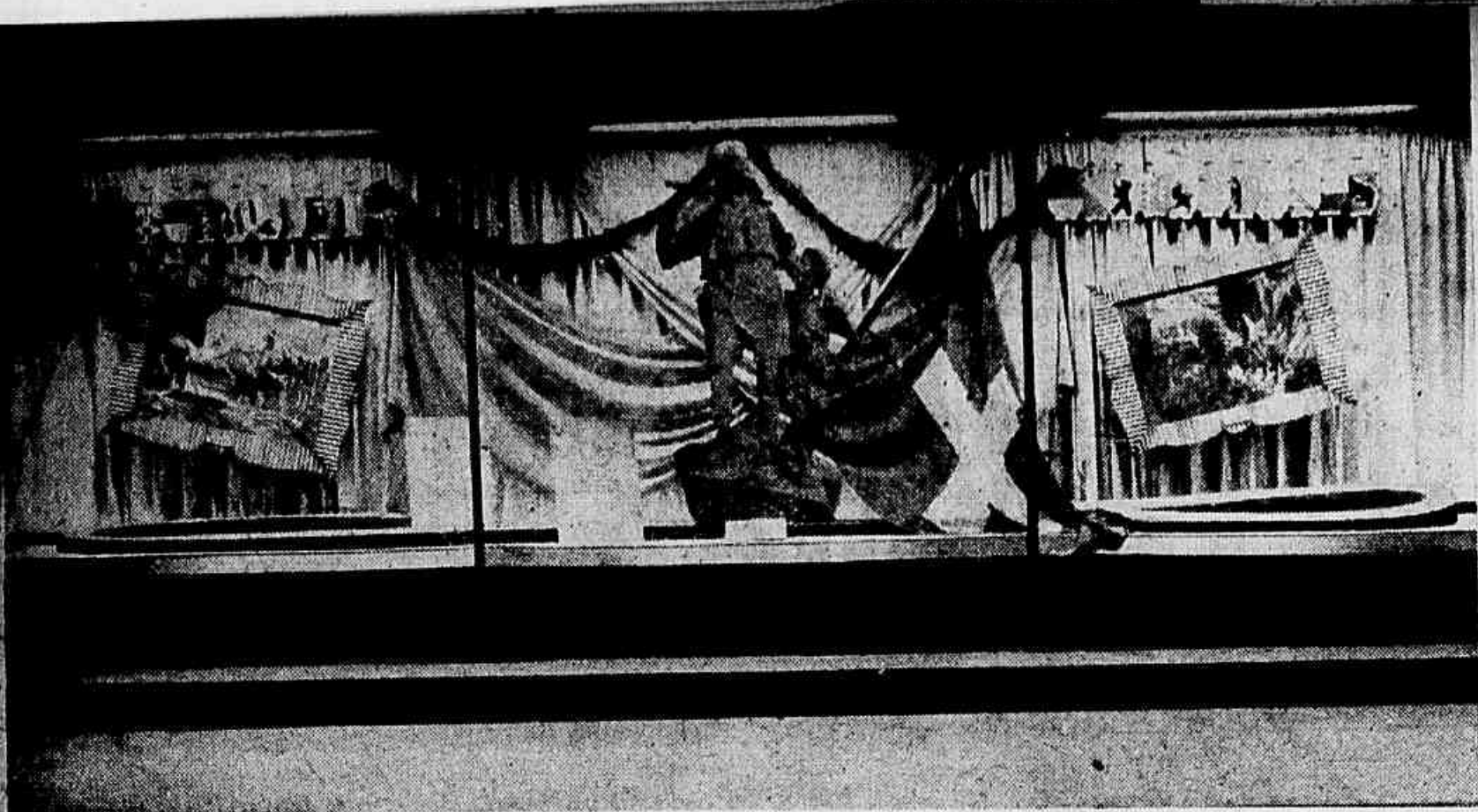
Este alvo está sendo alcançado, pois, hoje, as Assembléias de Deus estão na vanguarda do movimento de evangelização, contando quasi sete mil membros ativos no Distrito Federal e cerca de cem mil em todo o Brasil sem incluir grande número de interessados e membros de famílias crentes que não estão arrolados.

As Assembléias de Deus olham com muito carinho e simpatia as obras de beneficência à orfandade e à velhice às quais vem amparando na medida do possível, tendo já adquirido uma propriedade para nela instalar um orfanato.

As comemorações do vigésimo aniversário constaram de várias reuniões que congregaram verdadeira multidão, destacando-se as que se realizaram na Escola Nacional de Musica, principalmente a reunião de encerramento, que levou àquela casa mais de três mil pessoas, constituindo a maior reunião ali realizada.

As fotos que ilustram esta nota mostram-nos — ao alto; um grupo formado em frente ao templo, no Campo de São Cristóvão, 388, ao lado; um flagrante fixado na Escola Nacional de Musica, durante a sessão de encerramento das comemorações.





NO MUNDO CIVILIZADO A DATA DA FUNDAÇÃO DA SUIÇA REPERCUTE COMO UM DOS ACONTECIMENTOS MAIS SIGNIFICATIVOS DAS ESPLÊNDIDAS ALTURAS A QUE ATINGE O ESPÍRITO HUMANO QUANDO INSPIRADO PELOS MAIS SÁDIOS IDEAIS DE LIBERDADE. NUMA HOMENAGEM MUITO JUSTA À GRANDE DATA DA FUNDAÇÃO DA SUIÇA, O MINISTRO DAQUELE PAÍS FÊZ ARMAR MAJESTOSA VITRINE NA LOJA DO EDIFÍCIO DA A. B. I., COM IMPONENTE ALEGORIA A GUILHERME TELL, O HERÓI NACIONAL SUIÇO. ATUALMENTE, GRAÇAS À DEDICAÇÃO DO MINISTRO HENRY VALLOTTON, QUE MUITO TEM CONTRIBUÍDO, PELOS SEUS DOTES DE ESPÍRITO, VISÃO AMPLA E SOLIDA CULTURA, PARA O MAIOR DESENVOLVIMENTO DO INTERCÂMBIO ENTRE O SEU PAÍS E O BRASIL; ESSA EFE-MERIDE ASSUME AINDA MAIOR RELÉVO PELO QUE DE SIGNIFICATIVO ENCERRA NO TOCANTE À PERFEITA HARMONIA, NO NOSSO PLANO INTERNACIONAL.

FIGURAS E FATOS

FLAGRANTE APANHADO NA A. B. I. POR OCASIÃO DO ALMOÇO QUE O PESSOAL DE DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO OFERECEU AO JORNALISTA JULIO BARBOSA, A 22 DE JULHO PASSADO, PARA COMEMORAR O 40.º ANIVERSÁRIO DE SUA ENTRADA PARA A REDAÇÃO DO "JORNAL DO COMÉRCIO".



COM OS RESULTADOS CRUENTOS DA GUERRA, A CIRURGIA ESTÉTICA GANHOU ENORME EVIDENCIA. DEFORMADOS QUE CHEGAM DOS CAMPOS DE BATALHA SÃO SUBMETIDOS A UM TRATAMENTO PLÁSTICO QUE REALIZA MILAGRES, RENOVANDO-LHES AS FEIÇÕES E REMOVENDO PAVOROSOS ALEIJÕES. MAS NÃO APENAS PARA ESTES A CIRURGIA PLÁSTICA REALIZA SEUS MILAGRES HUMANITÁRIOS. AS DAMAS SÃO GERALMENTE AS MAIS BENEFICIADAS. NO BRASIL A CIRURGIA ESTÉTICA É PRATICADA HA LONGOS ANOS POR VÁRIOS ESPECIALISTAS, ENTRE OS QUAIS O DR. FAUSTO CAMPOS, CHEFE DA CLÍNICA DA ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA MME. CAMPOS. ESSE, A PEDIDO DE VÁRIOS JORNALISTAS, ÁVIDOS DE CONHECIMENTOS SOBRE ASSUNTO TÃO EM EVIDENCIA, REALIZOU, SOB AS VISTAS DOS MESMOS, UMA INTERVENÇÃO NO ROSTO DE UMA DAS SUAS CLIENTES E REMOUEU RAPIDAMENTE TODAS AS RUGAS E OUTROS DEFEITOS, REMOÇANDO-LHE TOTALMENTE O SEMBLANTE. AQUI VEMOS O DR. FAUSTO CAMPOS NO INÍCIO DA OPERAÇÃO.



ENLACE DYLMA COELHO FERNANDES — DR. NAGIB DAVID. REALIZOU-SE, NO DIA 29 DE JUNHO, O ENLACE MATRIMONIAL DA SRTA. DYLMA COELHO FERNANDES COM O DR. NAGIB DAVID, CONHECIDO CIRURGIÃO-DENTISTA. O CLICHÉ ACIMA MOSTRA-NOS OS NOIVOS, APO'S A CERIMONIA RELIGIOSA, REALIZADA NA IGREJA DOS CAPUCHINHOS À RUA HADDOCK LOBO. DURANTE A CERIMONIA RELIGIOSA O BARÍTONO BRASILEIRO FRANCISCO PERDIGÃO CANTOU A AVE-MARIA.

HERBERT MOSES — TRANSCORREU A 27 DE JULHO P. PASSADO O ANIVERSÁRIO NATALICIO DO SR. HERBERT MOSES, FIGURA DE RELEVO EM NOSSOS MEIOS SOCIAIS E INTELECTUAIS. OCUPANDO LOGAR DE DESTAQUE EM VÁRIOS SETORES, COMO A PRESIDÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA, A TESOUREARIA DE "O GLOBO", O CONSELHO DIRETOR DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA E AINDA O CONSELHO TÉCNICO DE ECONOMIA E FINANÇAS, PARA O QUAL FOI NOMEADO RECENTEMENTE PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, O SR. HERBERT MOSES POSSUE NUMEROSO CÍRCULO DE AMIZADES. A DATA DE SEU NATALICIO FOI, POIS, ENSEJO PARA QUE SE VISSE MAIS UMA VÊS ENVOLVIDO NAS EFUSÕES DE APREÇO POR PARTE DE QUANTOS O CONHECEM.





"QUE SE
REPITAM
PRATOS
COMO
ESTE!"

VERIFIQUE
O ACAMPAMENTO
INDIO EM
CADA PACOTE

À VENDA EM
TODA PARTE

É o que dirão seus filhinhos ao saborearem sopas, pudins ou cremes preparados com Maizena Duryea. Dê-lhes sempre alimentos saborosos e altamente nutritivos, preparados com a incomparável

**MAIZENA
DURYEA**

ITDA

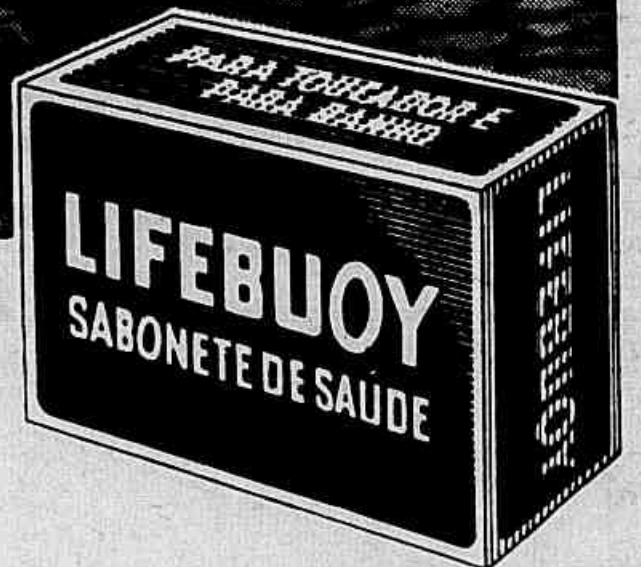
O preço desta edição é de Cr\$ 2,50 no Rio de Janeiro e de Cr\$ 3,00 nos Estados, não podendo ser vendida por preço superior.

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA



Cuidado! Se as cousas não lhe correm bem, tudo pode ser devido a odores desagradáveis, que Você não sente, mas os outros sim! Comece a usar Lifebuoy, cujo elemento purificador especial...

ASSEGURA SEU ASSEIO CORPORAL!



LINTAS LHS 78-0220 A

A aventura da estrêla assustada

(Continuação da página 15)

as lindas girls de seus studios e suas (delas) lindas pernas, com perdão da palavra e devida licença aqui da nossa querida Nikki?

— Ellery, eu vim perguntar-lhe uma coisa. Só.

— Pergunte. Se teve o trabalho de vir de Hollywood a New York para perguntar-me alguma coisa, merece uma resposta.

— A pergunta é: Volto hoje para a California. Quer voltar comigo, hein?

— Eu?

— Sim, você, exatamente, perfeitissimamente.

— Que foi que houve?

— Ellery, você se lembra de Nina?

— Nina? Ah, sim! A estrêla original...

EVA e SYLVIA

Ex massagista de Mme. Campos, no seu Inst. de Beleza "Evsyl", rua do Ouvidor, 138 1º (entrada pela Perfumaria Carreiro). Telefone: 42 8775.

vê-la... Se você visse as cartas que recebemos todos os dias perguntando por ela...

— Então por que Nina deixou o cinema, faz dois anos?

— Não sei. Ninguém sabe.

— Como assim?

— Ela abandonou o estudio. Trançou-se numa casa de campo que não vale nada e não quer ver ninguém...

— E eu que tenho com isso?

— Você tem muito a ver com isso.

— Deveras?

— Sim. Em primeiro lugar, uma bela gratificação o espera...

— Não me tenta.

— Nem o mistério?

— Que mistério?

— O mistério da saída do cinema...

— Será mesmo um mistério?

— Lógico que é!

— Mas como sabe?

— Nina não era mulher para abandonar uma oportunidade de fazer dinheiro grosso...

— Ela pôde ter mudado...

— Se mudou, descubra porque.

— Não me tenta ainda.

— E se eu lhe disser que ela se trançou num bungalow com dois criados mexicanos meio idiotas e que não quer ver ninguém? Se eu lhe afirmar que a casa dela tem um ar de mistério?

— Você pôde estar fantasiando...

— Que é que há com você, Ellery?

— Calor...

— Estou vendo logo. Essa apatia não...

— Você agora disse tudo. Mas para me fazer levantar daqui terá que arranjar uma coisa mais interessante...

— Tenho uma notícia ótima. A California está adorável...

— Como?

— Fresco...

— Não acredito. A California é o lugar mais quente da América...

— Pois agora não está...

— Se você está me enganando...

— Não estou. Dou-lhe a minha palavra.

— Papail
— Que é?
— Vamos fazer as malas?

II

O trem corria rumo à California e o calor, em vez de diminuir, aumentava. Mas, se bem que não quisesse confessá-lo, Ellery sentia-se melhor. A aproximação da investigação tirara-o da apatia em que ele estava.

Na véspera da chegada, almoçava com Nikki no carro restaurante quando Pepper apareceu.

— Olá!

Ellery fingiu mau humor.

— Bom dia.

Pepper, espantado, indagou:

— Que há?

— O calor...

— O calor?

Ellery assentiu:

— Não pude dormir esta noite. Você me afirmou que o calor...

Pepper interrompeu-o.

— Escute Ellery, aquilo foi brincadeira. O calor na California está tão ruim ou pior do que em Nova York; porém, antes que você me amaldiçoe por tê-lo trazido para esse fô-no, veja este telegrama que acabo de receber de Nina.

"Pepper, muito assustada, fechadura quarto forçada, tenho medo, venha imediatamente. Nina."

— Que significa isso?

— Como?

— Ela está vivendo debaixo de chave?

— Ah, está. Há muito tempo.

— O caso já está se tornando mais interessa te...

— E'.

— Já não tenho mais vontade de enganar você...

— E eu não me importaria se você tivesse. Estou tão preocupado.

— Porque?

— Nina não é uma dessas mulheres tolas que se assustam com qualquer coisa...

Solução do Caso do Número Anterior: "O canto do Cisne"

A inocência de Eve ficou provada por ter sido o seu cigarro encontrado no sangue já seco. Se o cigarro fosse jogado no chão durante ou depois do disparo, o fato de ter sido encontrado em sangue úmido seria imediatamente descoberto por Cobb. Assim, como Goven e Eve foram as únicas pessoas que entraram no quarto de Lucia entre 10 e 03 (quando ela recebeu o telegrama e o momento em que seu corpo foi descoberto), Cobb pôde concluir que Goven fôra o assassino. Goven, que gostava de Lucia, também a temia porque ela era sabedora de um assassinato praticado por ele. Quando ela lhe mostrou o telegrama de seu noivo — a quem chamava Viking — e disse a Goven que ele viria para desposá-la, Goven matou-a.

Depois voltou à sua mesa e mandou Eve ao vestiário de Lucia, pensando que deste modo aquela se veria implicada no assassinato. E assim pagou seus erros, com a vida.

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

— Essa mesma.
— E' claro que me lembro.
Nikki perguntou:
— Não aparece no cinema há dois anos. Por que?

Vellie confirmou:
— Ah, é mesmo. Ainda ontem minha mulher me disse: que fim levou aquela estrêla tão bonita? Todos querem saber onde ela anda...

O inspetor observou:
— Lembra-me dela... Olhos grandes... Linda... Uma grande atriz, uma atriz de fato...

Pepper, triunfante, virando-se para Ellery: Está vendo? Aqui nesta sala, três fans de Nina! Todos querem-na de volta. E asseguro-lhe que há milhões de americanos que desejam tornar a

— Deveras?
 — Sim. Isso me preocupa...
 — Mas que terá ela para assustar-la?
 — Não tenho a mínima ideia...
 — Algum caso do passado...?
 — Já pensei nisso, porém não consegui apurar nada...
 — Nesse caso, por que não contratou um detective?
 — Que é que você é, rapaz?
 — Não sou detective, meu amigo. Meus métodos são outros, diferentes. Não saio correndo pelas ruas das cidades, obtendo informações. Tenho sempre quem faça esse trabalho exaustivo para mim, e limito-me a usar a informação obtida para tirar conclusões...
 — Bem, em todo o caso, breve saberemos da própria Nina. Eu tenho um palpite que ela talvez conte a você o que não quis confiar a ninguém mais...
 — Quem sabe?
 — O trem corria veloz sobre os trilhos quentes, dilatados pelo sol ardente, rumo à Califórnia, para a capital do cinema: Hollywood.

III

F Uma estranha cena se desenrolava em Hollywood justamente na casa de Nina, para onde os membros da "comitiva Queen" se dirigiam. Nina, vestindo um peignoir, despenteada, com os olhos arregalados de terror, chorava amargamente, enquanto um velho casal de mexicanos, ao seu lado, fazia o possível para acalmá-la.
 — D. Nina!...
 — Vocês querem me abandonar... Querem que eu morra aqui, sozinha...
 — Mas, D. Nina, a senhora prometeu...
 — Prometi o que?
 — A senhora prometeu que, assim que Rosita telegrafasse a senhora nos deixava partir...
 — Não prometi!... Vocês querem ir embora de uma vez!
 — Mas, D. Nina, é só um dia...
 — Nós vamos hoje de tarde e, amanhã de manhã, estamos de volta...
 — Vocês não voltam...
 — Voltamos, sim, senhora...
 O marido, que se mantivera, calado, disse:
 — Maria quer ver Rosita... Afinal, não é assim tão estranho. O netinho vai nascer e ela quer ver a filha...
 Nina, com o corpo sacudido pelos soluços, parecia não ouvir o que os dois mexicanos, muito embaraçados diante do estado de nervos da patrão, diziam.

Feminilidade! Virilidade! Equilíbrio das funções

Estão ao vosso alcance com o tratamento Hormônio-Vitamina, por meio de OKASA, produto de alta reputação mundial. OKASA (importado diretamente de Londres) é uma medicação ultra-racional, garantida pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma. A base de Hormônios vivos e vitaminas ativas, OKASA é conhecido em todo o mundo pela sua eficácia terapêutica e oferece o máximo de sucesso em todos os casos de deficiência glandular do aparelho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher. Fraqueza sexual em todas as idades, senilidade, velhice precoce, fadiga e perda de memória, etc., no homem.

OKASA dá Vida Nova, Juventude, Beleza, Atração, Alegria de Viver. Em todas as boas Drogarias e Farmácias. Informações e pedidos ao Dist. Prod. ARNA Dep. R S Av. Rio Branco, 109 - R'c.

PÓ DE ARROZ
 RAINHA DA HUNGRIA
 De Mme. Campos
 FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
 A VENDA EM TODA A PARTE

REGULADOR XAVIER

• O Remédio da Mulher •
 N.º 1-Fluxos abundantes
 N.º 2-Falta de fluxos

Maria aproximou-se da estrela e poz-lhe a mão no ombro.
 D. Nina, a senhora sabe que nós voltamos...
 Nina agarrou a mão da mexicana, nervosamente.
 — Não me abandone, Maria...
 — Mas a senhora disse que podíamos ir...
 — Isso foi antes... antes...
 — Antes do que?
 — Antes de eu saber que a porta fôra forçada...
 — Mas não foi forçada...
 — Foi!
 — A porta do seu quarto está somente emperrada. E' só.
 — E as grades da janela?
 — Estão em ordem. Foi somente a porta do quarto...
 — Quem terá feito isso?
 — Não foi ninguém. Foi um acidente.
 — Eu não acredito nessa espécie de acidentes...
 — Mas, com certeza, alguma coisa caiu ali e está impedindo que se feche a porta por dentro...
 — Por dentro só?
 — Sim.
 — Quer dizer que pôde-se trancar a porta por fora?

— Sim...
 Nina teve uma inspiração.
 — Pedro! Maria! Vocês podem ir. Mas com uma condição.
 — Sim?
 — Tranquem-me no quarto de dormir, ao partir, e depois me enfiem a chave por debaixo da porta...
 — Que ideia!
 — Quero ser trancada...
 — Pois bem...
 Alguns minutos mais tarde, dois mexicanos saíram do bungalow, deixando trancada dentro do quarto, com a chave na mão, a estrela, que através das janelas com grade de aço olhava o céu e estremecia de medo.
 Quando já estavam longe demais para ouvi-la, ela não aguentou e ainda gritou:
 — Pedro! Maria! voltem! Voltem... Socorro! Vão me matar!
 Mas somente o silêncio que agora reinava respondeu à voz aterrorizada da atriz, sozinha no bungalow deserto...
 Na planície, um trem corria, e um grupo de pessoas se aproximava do bungalow. A estrela pendura a chave da porta em volta do pescoço...

IV

Quando Ellery aproximou-se do

bungalow, com Pepper, Nikki, Velie e o inspetor Queen, verificou que acontecera alguma coisa de grave. Policiais corriam para cima e para baixo atarantados. Um sargento gritava ordens contraditórias que ninguém cumpria. Juntara-se uma multidão em torno da casa.

— Que houve?
 — Morreu Nina!
 Pepper correu para o bungalow. A princípio não quiseram deixá-lo entrar; porém o inspetor Queen fez valer sua autoridade e entraram todos para ouvir a história do crime...
 Um sargento, embaraçado com a presença daquela autoridade, descrevia a cena do crime, como a achara.
 — Os dois mexicanos voltaram e bateram no quarto da estrela, mas não obtiveram resposta...
 — Forçaram a porta?
 — Não.
 — Que fizeram, então?
 — Chamaram a polícia.
 — Como encontraram o corpo?
 — A porta não fôra forçada. Estava emperrada pelo lado de dentro. Podia-se abrir a porta por dentro mas não fechá-la. Só se podia fechá-la por

(Continúa na página 44)



PERFUMAM OS MAIS BELOS PENTEADOS!

Orygam - Rêve Rose - Narciso Azul

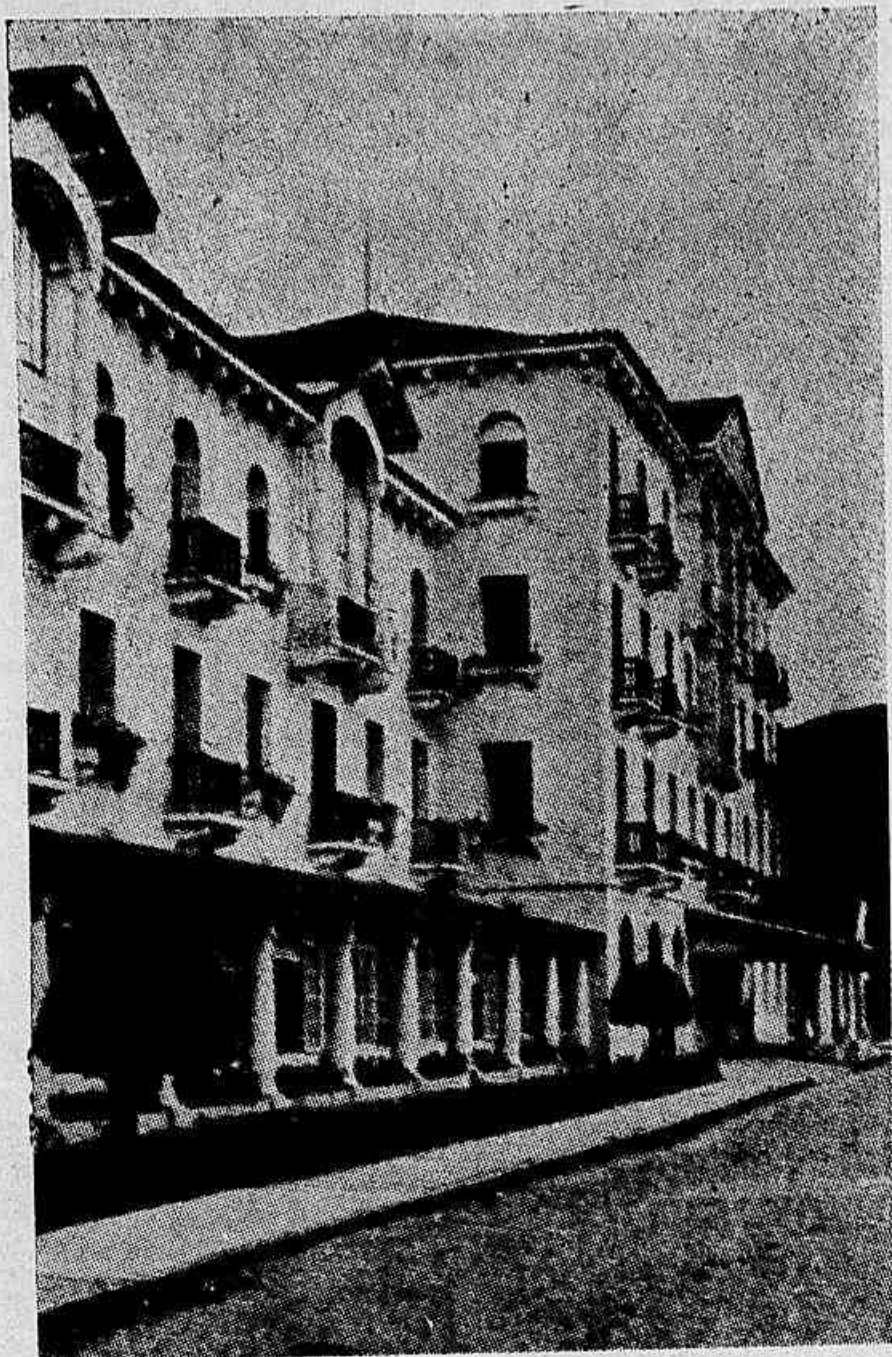
Paris e Harpa

A VENDA EM TODO O BRASIL

Em
Poços de
Caldas
HOSPEDE-SE NO
**PÁLACE
HOTEL**

Balneário
próprio, para
uso exclusivo dos
senhores
hóspedes.

Conforto e
Distinção



Sã MATERNIDADE
CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES
3.ª EDIÇÃO PREÇO: Cr\$ 15,00
Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

**O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos**

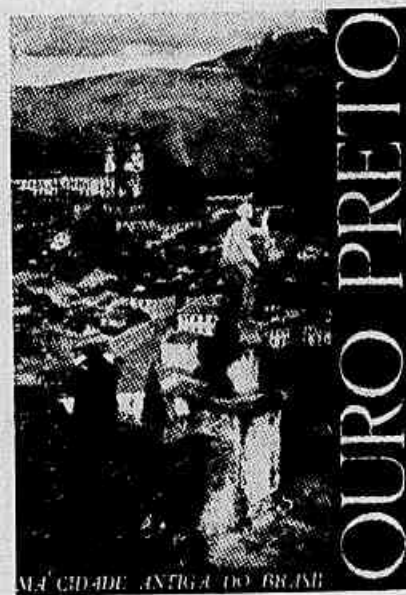
**REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA**



**INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo**

Livros

OURO PRETO. UMA CIDADE ANTIGA DO BRASIL. — Edições Atlantico. — Seção Brasileira do Secretariado da Propaganda Nacional. — 1943.



Com fotografias de Germaine Krull, prefaciado por Ribeiro Couto e Raul Lino, este livro é uma bela apresentação da "Edições Atlantico".

Este é um dos melhores modos de se fazer a propaganda do nosso país, não apenas no próprio território nacional, que pela sua extensão não pôde ser conhecido satisfatoriamente por seus próprios filhos, mas também e principalmente no exterior, onde os estrangeiros procuram guias e indicações sobre as belezas da nossa terra.

Ouro Preto conta ao viajante a história de um dos mais belos e heróicos episódios da história do Brasil: as Bandeiras, as levadas de aventureiros que se lançavam sertão a dentro, á procura do ouro onde quer que ele se encontrasse, escrevendo pelo caminho as suas lèpopeias e semeando povoações. Ouro Preto, antiga Vila Rica, foi um desses pontos.

Descoberto o ouro nas desoladas regiões onde mais tarde iria existir a cidade, levadas e levadas de bandeirantes fluíram em busca do trágico e cobiçado metal. Cidade de aspecto tipicamente português pelas suas construções, é um dos muitos tesouros históricos do Brasil.

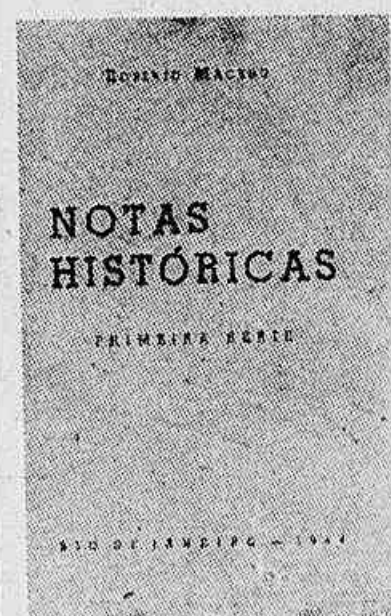
Vila Rica foi o berço de Francisco Lisboa, "O Aleijadinho", cujo genio artistico ficou testemunhado nessa incrível quantidade de obras espalhadas pelas Igrejas do Brasil.

A sua arte inconfundível está representada principalmente em Ouro Preto, onde se encontram algumas das suas obras primas, como a Igreja de São Francisco, a Igreja do Rosário, de Nossa Senhora do Carmo e tantas outras.

Não seria fácil apresentar Ouro Preto fotograficamente. Paradoxalmente as dificuldades neste caso são provenientes, não da escassês, mas da abundancia de material a ser apresentado. Conjunto ou detalhe? Mil problemas se apresentam a quem desejasse publicar um trabalho nesse sentido.

Germaine Krull conseguiu entretanto apresentar obra interessante e valiosa.

NOTAS HISTÓRICAS. — Roberto Macedo. — Rio. — 1944.



Num estilo vibrante, tendendo mais ao humorismo que ao tom demagógico ou mesmo didático, Roberto Macedo apresenta-nos essas Notas Históricas.

Tendo em vista o titulo, não poderíamos esperar uma obra em que houvesse unidade e seguimento.

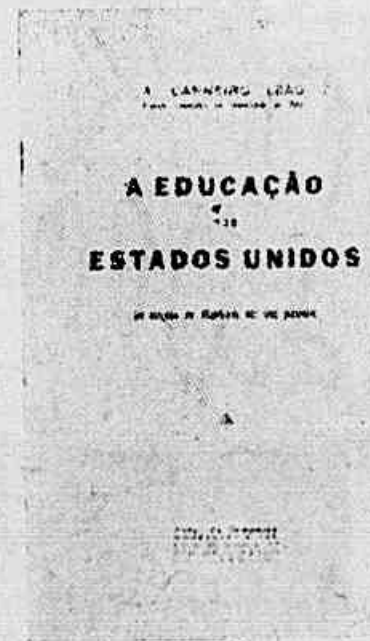
São apresentados, analisados e criticados alguns fatos da nossa história, sem a preocupação da ordem cronológica, mas de modo agradável que prende o leitor.

De todas as páginas se desprende um otimismo sadio no que diz respeito à nossa história e ao nosso futuro, como país e como raça. E, comentando a nossa origem múltipla e variada, tem trechos como este:

"Branços, indios, negros — ouvem o verbo, no tumulto genésico; nascem os primeiros heróis do nosso poligenismo patriótico. João Fernandes Vieira é Portugal insurrecto, em prol do Brasil. André Vidal de Negreiros é o Brasil insurrecto em prol de Portugal Henrique Dias é a Africa, a oferecer as mãos calejadas de trabalho á terra fecunda onde riaria, no futuro, a redenção de Cam. Poti é o Brasil, improvisador potente, generoso, a escolher seus irmãos de futuro".

Eis a unidade accidental que se converteria em unidade histórica. E, fazendo a análise dos nossos episodios históricos mais importantes ou curiosos, mais representativos, Roberto de Macedo apresenta uma obra interessante.

A EDUCAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS. DA CHEGADA DO MAY FLOWER AOS DIAS PRESENTES. — A. Carneiro Leão. — Rio. — 1940.



Atribuindo á educação da mocidade de um país a importancia que realmente merece no plano geral do seu desenvolvimento, o professor A. Carneiro Leão escreveu um trabalho sobre a organização do ensino nos Estados Unidos da América do Norte, desde os dias da chegada do May Flower até o momento presente.

Neste estudo, o autor mostra as influencias diversas que interferiram, directa ou indirectamente, sobre esta organização.

Toda a evolução do ensino americano acha-se traçada neste livro bem apresentado, com ilustrações, mapas, dados estatísticos, que o tornam um trabalho de real valor para os estudiosos do assunto.

Traçando um esquema das concepções de organização escolar nos Estados Unidos, a partir de 1750, aponta o autor a organização calvinista do Estado religioso, mantendo um sistema de escolas primárias comuns, de escolas secundárias de latim e de um "College" para fins religiosos e civicos.

Este regime, como accentua o autor, foi praticado por mais de cinquenta anos.

Outro sistema é o paroquial, controlado pela Igreja com propósitos religiosos, que imperou na Pensylvania e em Maryland.

Afinal, aponta o professor Carneiro Leão a concepção resultante da attitude da igreja inglesa, procurando limitar a ação pública á educação de orfãos e de pobres em

Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do Círculo
Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS

(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3367.

Novos

geral, relegando a preparação das classes mais altas para as escolas e as instituições particulares.

Essas três concepções são estudadas detalhadamente. Estuda ainda o professor Carneiro Leão os fatores da renovação da escola nos Estados Unidos, a evolução da administração escolar, encarando o problema sob o seu aspecto social e político.

...

VIRIATO DORNELES VARGAS. PAGINAS DE FRATERNIDADE E CIVISMO — Paulo Tacla — São Paulo — 1944.



A pretexto de fazer uma biografia de Viriato Dorneles Vargas, focalizando o seu caráter e a sua vida, o autor mostra, através dos discursos, conferencias e comentários do biografado, alguns aspectos interessantes e importantes da política brasileira e internacional, sendo também focalizados alguns aspectos da guerra atual e sua repercussão em nosso país.

São feitas ainda considerações sobre o regime político brasileiro, classificando-o de "sociocracia", e localizando os problemas políticos em nosso país.

O livro tem capítulos como este: "Efeitos da Democracia em diversas fases da vida humana"; "O regime de Dez de Novembro é a bandeira de Trinta"; "A bondade dos Brasileiros transforma o Brasil no paraíso das vítimas de Hitler"; "Democracia, teimoso cacoete"; "Democracia é a negação dos grandes tipos da Humanidade, é a desordem organizada".

Como vemos pelos títulos do capítulo, o livro agita problemas de grande oportunidade, bem como crítica e

apreciações políticas.

Termina o livro com um estudo sobre a personalidade e a ação de Viriato Dorneles Vargas.

...

LE VERGER. — CLAUDE DABLON. Roman. — 1944.



O romance francês parece estar sustentando uma luta desigual para manter o prestígio universal que sempre desfrutou nas letras.

E, apesar de todas as dificuldades impostas por uma guerra na qual a França foi uma das maiores vítimas, continuaram chegando ao Brasil, no original ou traduzidos, os livros franceses. Aliás, para isso muito tem contribuído o esforço das nossas editoras, procurando traduzir as obras dos grandes mestres franceses, não apenas antigos como contemporâneos.

E' assim que nos temos aparecido romances do fôlego de "Jean Christophe", de Romain Rolland, os Thibaud, de Rober Martin Dugart, esse mundo em que se agitam todos os caracteres humanos, livro de fôlego como os maiores romances dos últimos tempos, que só encontra paralelo num "Guerra e Paz" de Tolstoi. Poderíamos ainda citar "Morte; tua vitória onde está?" de Daniel Rops, traduzido por Jorge de Lima, ou as obras de Giraudoux e outros autores contemporâneos. Mas estes nomes e estas obras atestam suficientemente a força do romance francês atual.

Este que temos em mão, romance de Claude Dablon, é bem urdido, bem escrito, e nele o autor se mostra um perfeito dominador do seu idioma.

...

CASA VELHA. Machado de Assis. Biblioteca de Literatura Brasileira. — Livraria Martins Editora. — São Paulo.



Embora cronologicamente Casa Velha não pertença à fase romântica da obra de Machado de Assis, faz parte dessas obras que se poderiam dizer exumadas. A qualquer leitor, por menos atento que seja, não escapará essa enorme transição do autor de Quincas Borba, do romantismo quasi oiégas, à maneira de Antonio de Almeida, para aquele realismo que caracteriza as obras da fase definitiva, livros como D. Casimiro, Memórias Póstumas de Braz Cubas ou Quincas Borba, com aquela ironia amarga, sutil, que distila suavemente, que nos faz voltar ao último período para dissecar toda a sua essência. Este é o verdadeiro realismo. O realismo equilibrado. Não o naturalismo ou o surrealismo, preocupado com detalhes, que, segundo uma frase do próprio Machado de Assis, "não se satisfaz enquanto não conta todos os fios do tecido de um lenço."

Casa Velha, conservando o cunho romântico das primeiras obras de Machado de Assis ou, melhor, das obras da sua primeira fase, é uma história em que o romancista apresenta o conflito de almas, e na qual projeta alguma coisa do seu conflito sentimental. Aqui vemos o choque entre duas afeições: a madrasta e Lalau.

As personagens, vítimas de um desajustamento social, mais do que da sua própria maldade ou dos seus próprios defeitos, são evidentemente do período inicial do escritor.

Entretanto, como em quasi toda a sua obra, com raras exceções, entre as quais Capitão, essas personagens têm pouca vida física. São mais um estudo psicológico, que no trabalho em questão não atinge a profundidade das figuras humanas da fase realista.

Não se limita entretanto a obra ao estudo psicológico das personagens, algumas bem interessantes, como o cônego da Capela Imperial, que faz a narração da história, Lalau, D. Antonia, figuras que vão surgindo aos poucos, com as quais vamos nos familiarizando gradativamente, à medida que avançamos no romance. O livro é completado por um conto, este facilmente reconhecível como de um período posterior. Uma por Outra é o título.

A edição da "Livraria Martins Editora", magnificamente apresentada, tem um prefácio de Lúcia Miguel Pereira e ilustrações da Santa Rosa.



O Sabonete PEARS voltará com a Paz!

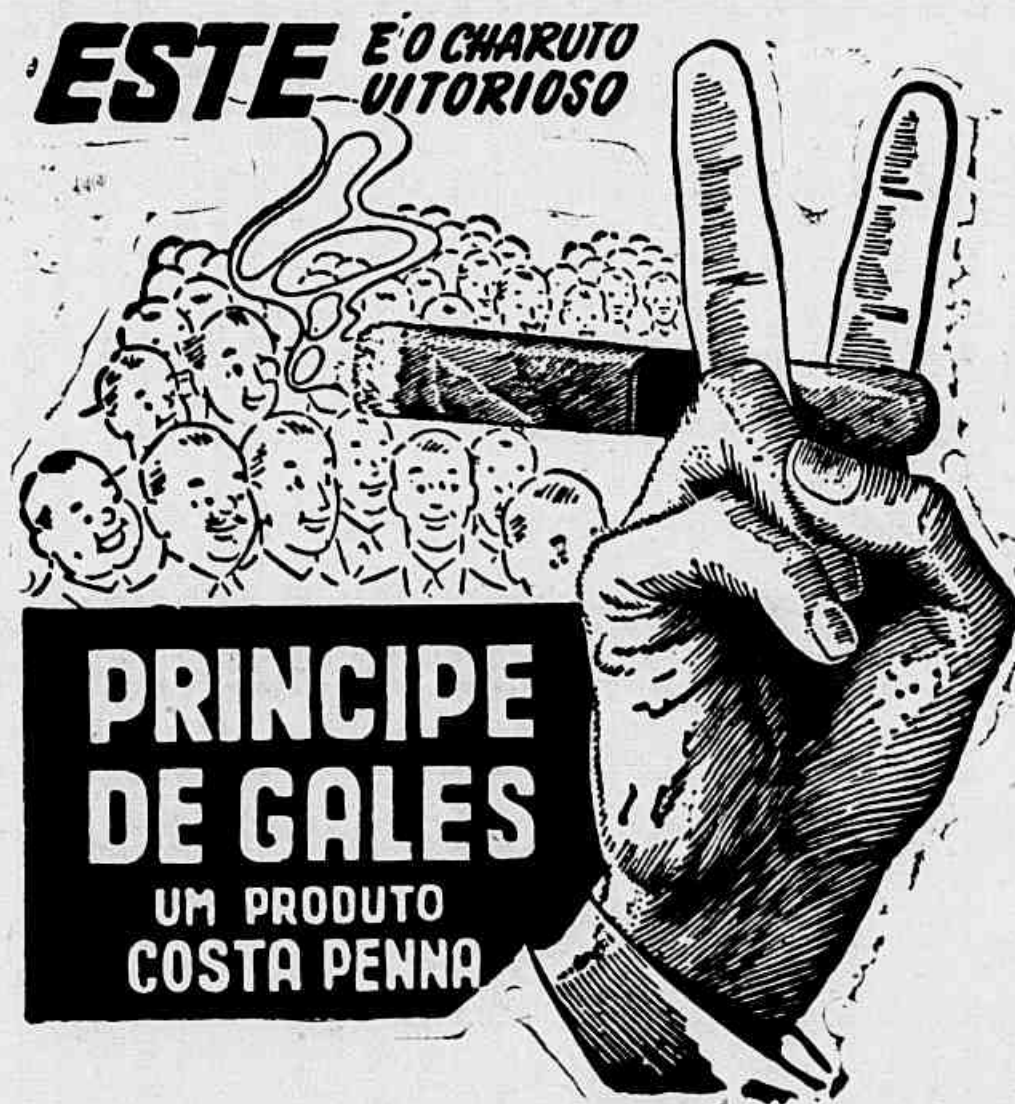
Empenhado, agora, em colaborar com o esforço de guerra das Nações Unidas, com alguns de seus ingredientes vitais, o Sabonete Pears, que há mais de um século e meio se colocou ao serviço da Beleza, deixou de ser temporariamente confeccionado. Porem, assim que a guerra terminar, o Sabonete Pears voltará aos tocadores de bom gosto, afim-de proporcionar aos seus consumidores as mesmas altas qualidades que o tornaram famoso em todo mundo!

SABONETE



LINTAS PWB 5-0367

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Grande Descoberta Para o Alívio da Eczematide Infantil

V. não precisa mais ver seu filhinho sofrer o martírio da eczematide. Essa forma infantil de eczema causa ao seu filho muito maior sofrimento que qualquer outra doença. As coceiras constantes não deixam a criança dormir, causando uma inquietação que conduz ao esgotamento nervoso. Não é possível impedir que o seu filhinho cause ulcerações na pele com as suas unhas, pois ele não suporta a coceira e não se pode impedi-lo de coçar continuamente a pele irritada. Daí resulta a formação de cicatrizes que desfigurarão por toda a vida o sua fisionomia.

Numa clinica de pele de um grande hospital, foi elaborada uma nova fórmula para o tratamento e alívio da eczematide. É o novo, moderno e científico preparado BELZEMA.

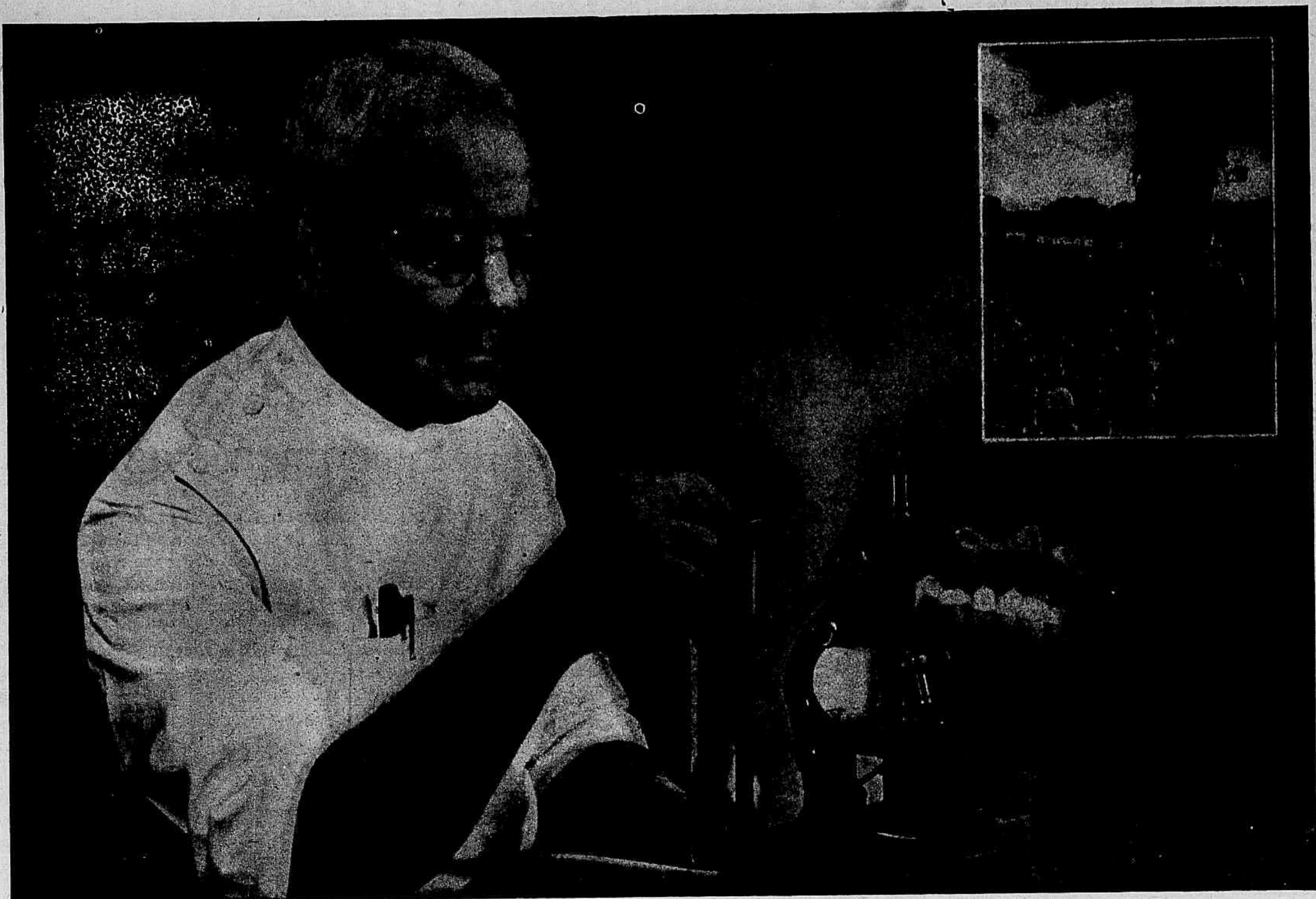
BELZEMA é uma nova forma de pomada não gordurosa que penetra rapi-

damente na pele da criança para combater a doença na sua origem. Faz cessar as coceiras, é invisível quando aplicada, não é sentida e não mancha a roupa, não sendo necessário usar ataduras.

BELZEMA já aliviou alguns casos das mais obstinadas erupções de eczematides em pouco tempo. As coceiras cessaram com a aplicação de BELZEMA e com a continuação do tratamento a pele tornou-se novamente limpa e perfeita.

Se o seu filhinho está sofrendo de eczematide infantil, dê-lhe imediatamente o alívio de BELZEMA. Continue a usar BELZEMA até a pele tornar-se limpa e nova outra vez.

BELZEMA



A CIÊNCIA MODERNA EXPLORA OS MISTÉRIOS DOS ALIMENTOS

A ciência médica tem demonstrado que o homem, ao tornar-se mais civilizado, desenvolveu gostos e apetites que o privam de certos fatores alimentícios necessários e que, se tais hábitos não forem modificados, acabará sofrendo as consequências da nutrição deficiente. A natureza muitas vezes coloca em abundância estes fatores vitais — vitaminas e minerais — nos alimentos que o homem encontra normalmente. Mas, como achamos meios de tornar os alimentos mais apetitosos, muitas vezes cozinhamos-los e retiramos deles grande parte do valor alimentício de que precisamos. Assim, muita gente hoje em dia sofre de distúrbios de origem dietética, que podem ser evitados mediante a absor-

ção adequada de vitaminas e minerais. Como, pois, podemos obter uma quantidade suficiente de tais fatores alimentícios vitais? Um dos meios é incluir na dieta uma quantidade suficiente de alimentos ricos em vitaminas. Um plano melhor é consultar o seu médico, que o aconselhará sobre a escolha de uma dieta de acordo com

as suas necessidades e a completará com as vitaminas e minerais que o seu estado exigir. E. R. Squibb & Sons, pioneiros nas investigações sobre vitaminas, oferecem produtos vitamínicos que contêm em abundância algumas das vitaminas que faltam nos alimentos. Estes produtos são agradáveis de usar e provêm um auxílio eficiente para criar e manter força e vitalidade.



Sempre que comprar um produto medicinal para o hospital ou para sua casa, verifique se tem o Selo da Casa Squibb, pois, Squibb é um nome de confiança.

E. R. SQUIBB & SONS, NOVA YORK

QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

O INGREDIENTE DE VALOR INESTIMÁVEL DE TODO PRODUTO É A HONRA E A INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE

CLAUSTRO DO CONVENTO DE SÃO BENTO NO RIO DE JANEIRO, ONDE VIVEU E MORREU FREI RICARDO DO PILAR

No Brasil colonial as igrejas e as capélas de cidades ou de vilas constituíram nossas primeiras pinacotecas, nossos primeiros museus de escultura, nossas primeiras casas de arte maior ou menor, ingenua ou notável.

Tome-se para exemplo no Rio de Janeiro, nele para tanto a abadia de N. S. de Monserrate, vulgarmente conhecida por mosteiro de S. Bento. Neste, segundo dietario, passou tres decenios de vida penitente frei Ricardo do Pilar. Ora e labôra é lema beneditino. Frei Ricardo obedeceu-lhe mais que à risca. Suas orações ouvio as Deus, seus trabalhos de arte ainda subsistem apreciados.

Na intitulado escola fluminense de pintura foi frei Ricardo um primitivo. Conhece-se o pouco que deixou em arte, ignora-se o todo de sua vida pregressa à penitente.

No exame daquela vida á frente da curiosidade saem diversas interrogações: Qual o verdadeiro nome de frei Ricardo? Por que deixára Europa? Por que buscou o Rio de Janeiro? Como a ele chegou; de motu proprio, aconselhado ou perseguido? Com que mestres aprendera e onde?

Nos mosteiros, a par do desejo de santificar-se na vida contemplativa enclausurada ou não, sempre entravam casos misteriosos dos reboliços do seculo. Ha disto exemplificação no proprio mosteiro beneditino carioca.

Nas comunidades religiosas regulares não se admitia facil, com duas razões. Quer-se saber quem pedia ingresso por meio de minudentes inquirições de vida e costumes, de vita et moribus para solenizar em latim.

Origem da familia, qualidade de parentes cristãos velhos, legitimidade de raça e berço, condições de saúde, ausencia de infamia, de dividas insolúveis, de promessas de casamento ou obrigações devidas a dano de honra feminina e mais e mais, tudo apuravam por via testemunhal as inquirições de vita et moribus.

Procediam-as frades conventuais comissionados pela confiança do abade do mosteiro. As inquirições traduziam, a seu modo, tudo quanto precautela o adagio: dize-me com quem andas, eu te direi quem és.

Na falta do original da inquirição ou cousa semelhante de frei Ricardo do Pilar venha esta cousa que nos parece não dita, com a ressalva de erro sempiterno nos homens.

Trata-se do documento de ratificação de professo, isto é de voto religioso, feito pelo irmão donato frei Ricardo do Pilar. Irmão donato é aquele que por servir em convento usa o habito da ordem á qual serve. Irmão donato dizia-se, leigo diz-se. Primitivamente chamou-se oblato quem desde nascimento havia sido ofertado por seus pais a mosteiro, e a prévia consagração a Deus.

O arquivo da abadia beneditina carioca recolheu a profissão do donato frei Ricardo do Pilar nos seguintes termos em essencia, grafia e abreviaturas bem seculo XVII.

"Profissão do Ir. Donato Fr. Ricardo do Pilar Pintor natural de Colonia. Abbe. Pe. Me. Fr. João Monteiro em 24 de Maio de 1695.

Eu Frey Ricardo do Pilar, natural da Colonia ratifico a profissão q. fiz estando pa. morrer e de novo prometto diante de Deus e de todos os seus sanctos obediencia, castidade e pobreza segundo a sancta Regra de meu Beatissimo Patriarca São Bento, e pa. sempre me entrego e sujeyto a esta Sua sagrada religião em presença do Illm.º Rd.º Pe. Mestre o Dr. Fr. João Montr.º Abbade deste Mostr.º de nossas.ª do Monserrate do Rio de Janeiro aos vinte e quatro do mez de Mayo de mil seis centos e noventa e cinco annos (assinado).

Frei Ricardo do Pilar"

O documento fielmente copiado identifica frei Ricardo como natural de Colonia, como pintor, como donato ratificante a 24 de Maio de 1695 da profissão feita em artigo de morte e confirmada pelo recobro da saúde para a vida penitente que em frei Ricardo o dietario beneditino reconheceu.

O mortificado não dispensava camisa. Contentava-se com um habito servidoço. Frugalissimo e vegetariano. Repartia sua ração com os presos da cadeia. O que lhe davam ia ás dos necessitados. Do mosteiro fazia o seu ascetério sem desairo.

Nos conventos do seculo XVII ainda vivia a tradição cultural dos mosteiros medievais, asilos preservativos das ciencias, letras e artes.

Desmentem a ignorancia supina de quantos se comprazem em pintar os antigos mosteiros quais casas só de lerdãos ou desmandados. Tomam as exceções pela regra.

Na abadia beneditina do Rio de Janeiro de 1695 havia gosto pelo saber e pelas artes. No estimal-as, no pratical-as, frei Ricardo do Pilar tinha sócios entre companheiros de burél, um frei Antonio de Santa Maria harpista, um frei Leandro de S. Bento ou um frei Marcos do Desterro, ambos bons musicos e organistas.

Frei Ricardo do Pilar votava-se à pintura. Se algum dia representára cenas profanas as sacras as substituíram no Rio de Janeiro, em razão de ultimo estado de vida.

Frei Ricardo inspirou-se na fé para ornar o mosteiro que o agasalhara. Autenticas ou atribuidas a frei Ricardo são varias obras da abadia beneditina, mais considerada sua por de melhor acabamento a imagem do Salvador na sacristia do convento. A' imagem a inexorabilidade do tempo foi dando o esbatimento. Não o infligio ele à Ceia do refeitório de Santa Maria das Graças em Milão? A obra prima foi salva pelas cópias fieis à medida da ação desvanecedora.

Nossa critica de arte não tem contudo assíduo cultivo, tal critica de fundamento no saber arte, no saber comparar, no versar erudição.

Os que apreciaram e criticaram a obra de frei Ricardo, de autoria algo esquiua, por vezes imprecisa, detiveram-se sobretudo no exame da pintura principal do artista coloniense, a tela O Salvador, reconhecendo-lhe qualidades no resgate de imperfeições.

Natural de Colonia, conforme é dado, frei Ricardo, se permaneceu e praticou ele na terra natal, nesta a catedral da cidade ofereceu-lhe grande lição de arte a principiar de alto, pelo seu zimbório no qual Locchner, "o Fra Angelico alemão", deixou a Adoração dos Magos em obra prima.

Entendidos em arte reconhecem na Escola de Colonia um ramo rhenano da arte flamenga. Cabe à critica aprofundada dizer se na pintura de frei Ricardo do Pilar existe algum traço da influencia da escola de Colonia.

Que nesta cidade tenha estudado frei Ricardo o supõe Gonzaga Duque, pela felicidade de acabamento em diversas partes da figura do Salvador, frei Ricardo antes de freire homem de um seculo atravessado por subversões de todo o genero. Comtudo não conseguiram tirar brilho s artes, s ciencias e ás letras, a centuria tendo em Luis XIV o seu Rei Sól, de longo reinado findo em crepusculo de pouca luz.

Da Europa dos ultimos tempos do seculo XVII, viéra frei Ricardo, na America olvidando o velho continente. Neste, ao ratificar frei Ricardo profissão de donato beneditino, em 1695, os ingleses bombardeavam Saint-Malo, Dunkerque e Calais e os franceses, em represalia, davam a Bruxelas o mesmo tratamento, o traço de sangue da guerra a tingir a historia em todas as épocas.

Passado à America, sem descobrir o seu já vivido, frei Ricardo pedindo asilo ao claustro deveria nele ter ido á morte entre dias de silencio e calma. Destes parece dar prova o que produziu em arte para a casa hospitaleira alcandorada sobre um Rio de Janeiro pequenino, parte da terra imensa que em 1576 Gaudaro ainda tinha por provincia de Santa Cruz.

Frei Ricardo do Pilar finava-se em 1700 contrariando na morte o misterio do seu passado.

Longos anos confinado no mosteiro de S. Bento, só de alto poderia o donato deitar vista sobre o Rio de Janeiro lentamente em aumento de almas e progresso da cidade fadada a muito.

Quando, em 1695, Frei Ricardo ratificou profissão já falecera Antonio Paes de Sande, governador do Rio de Janeiro. Sande fôra substituído, ausente nas minas de S. Paulo ou enfermo, por André Curado e Sebastião de Castro Caldas, primeiro irlandez, é curioso, o segundo tanto dando que falar na luta pernambucana dos Mascates.

Ao tomar de vez habito beneditino Frei Ricardo do Pilar, entrava Castro Caldas por conta propria a reger a capitania do Rio de Janeiro, de flagelo nas epidemias de variola, vitimando impiedosas a negraria escrava importada da Africa.

Em 1700 frei Ricardo do Pilar desceu a fundos de cova do claustro de São Bento. Decenio depois, pela segunda vez, governava a capitania aquele Francisco de Castro Moraes que antes para felicidade própria não tivesse vindo de Lisboa para o Brasil, onde se veria a braços com as incursões da Du Clerc a Duguay Trouin.

A incursão deste foi de dano à cidade e bem assim ao mosteiro de S. Bento, onde o normando Du Bocage para auxiliar invasores dispuzera baterias.

Frei Ricardo do Pilar testemunhára a invasão do Rio de Janeiro por De Gennes em 1695. Foram-lhe poupadas as emprezas corsárias de 1710 e 1711, esta de prejuizos ao mosteiro, sem que atingssem todo o precioso da abadia beneditina, naquele todo incluído o quinhão de arte do pintor de Colonia, de vida em enigma e sombra.

ESCRAGNOLLE DORIA
ARTES E ARTISTAS
FREI RICARDO DO PILAR



BRASILEIROS SÃO SEMPRE BEM RECEBIDOS EM HOLLYWOOD. AQUI ESTÁ O CASAL LOURIVAL FONTES — SRA. ADALGISA NERY FONTES EM VISITA AOS ESTÚDIOS DA RKO, NA COMPANHIA DE FRANK SINATRA, O "CROONER" DO MOMENTO, E GEORGE MURPHY, ATOR COMICO DE REAL PRESTÍGIO.

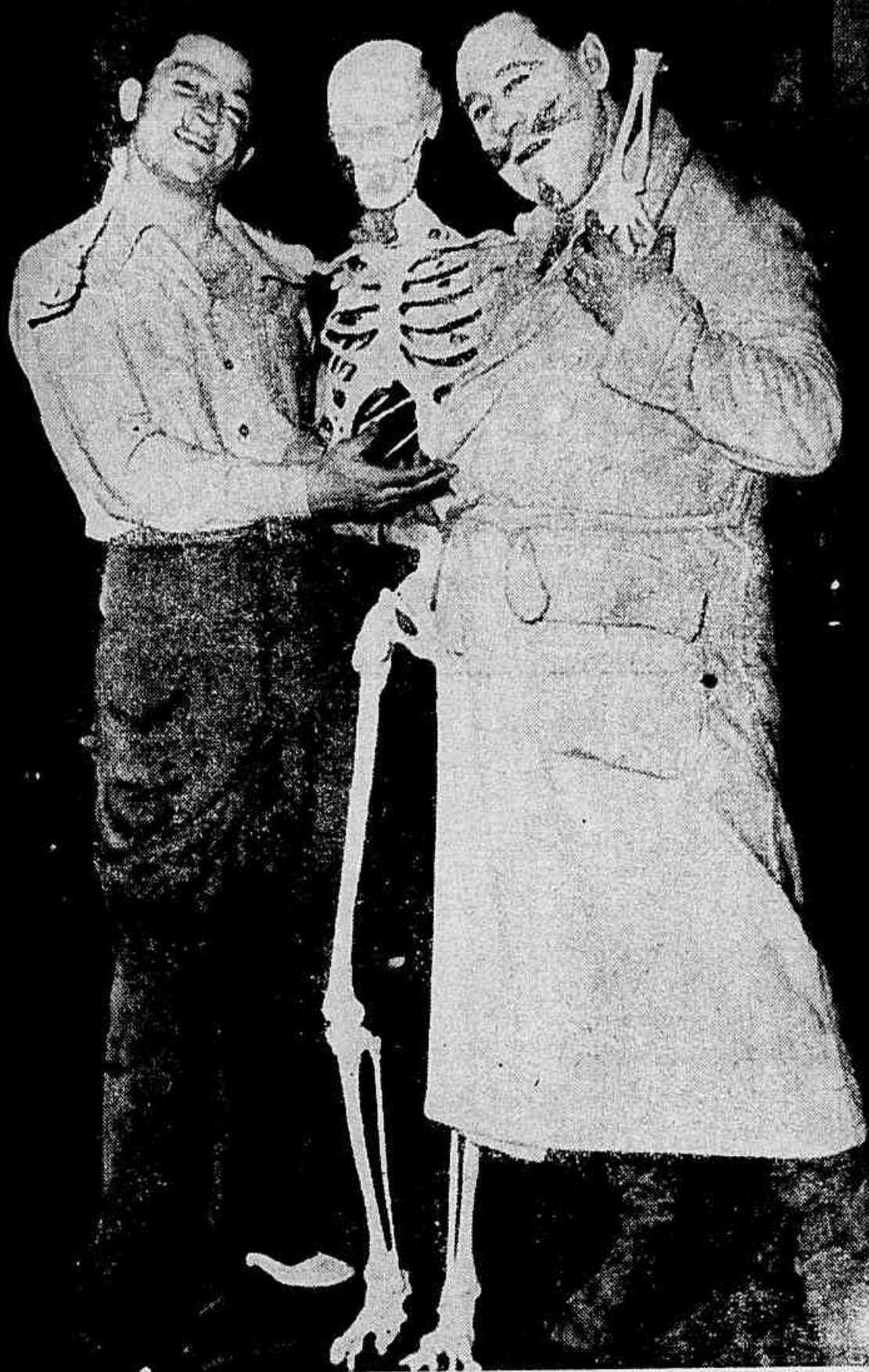
JAMES STEWART, AGORA CAPITÃO DAS FORÇAS AÉREAS NORTE-AMERICANAS, FOI MATAR SAUDADES DOS ESTÚDIOS DA METRO. NO FLAGRANTE, VEMO-LO CUMPRIMENTAR IRENE DUNNE E SPENCER TRACY, NUM INTERVALO DE FILMAGEM. O OUTRO É WARD BOND. O FILME TAMBÉM É DE AVIAÇÃO.

De Cinema

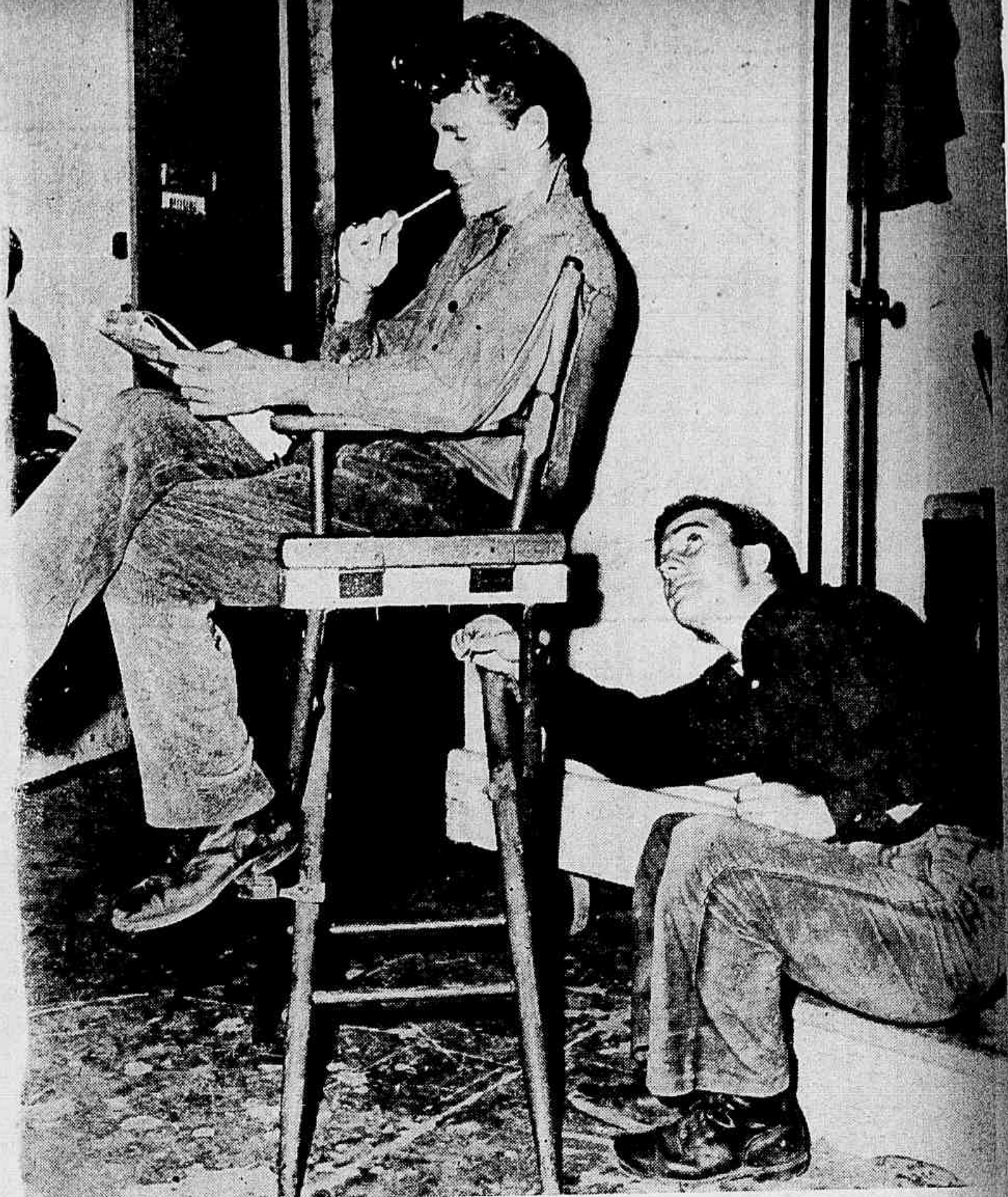


Hollywood, julho. (Via aérea) — A volta de Clark Gable aos domínios cinematográficos está sendo o acontecimento maior em nossos domínios. A Metro vai aproveitá-lo sem demora, mesmo porque os galãs em "plena forma" estão fazendo falta... Clark Gable p. de ter atingido a idade máxima para servir no Exército, mas está muito longe de se aposentar no coração dos "fans". Outros continuam servindo à causa da Humanidade: James Stewart, que um dia destes teve licença para matar saudades do cinema e foi levar um abraço aos velhos amigos Spencer Tracy e Irene Dunne; Robert Taylor, que talvez venha a fazer a guerra até o final, embora Barbara Stanwyck continue saudosíssima, e Robert Montgomery, que por sinal foi dos primeiros a servir, participando mesmo na heroica retirada de Dunquerque. E enquanto os mais moços vivem metidos em uniformes, às voltas com os nazistas a quem vão eliminando às centenas e milhares, o "velhote" Charles Laughton, livre e desembaraçado desses labores, cái nos braços de um legítimo esqueleto com o qual participa na filmagem de uma novela fantástica de Oscar Wilde... Por sua vez Jean Pierre Aumont e Gene Kelly divertem-se, nos camarins, como si nem existisse guerra nenhuma ou já tivesse acabado ha muito tempo...

E Frank Sinatra recebe a amavel visita de um distinto casal de brasileiros.

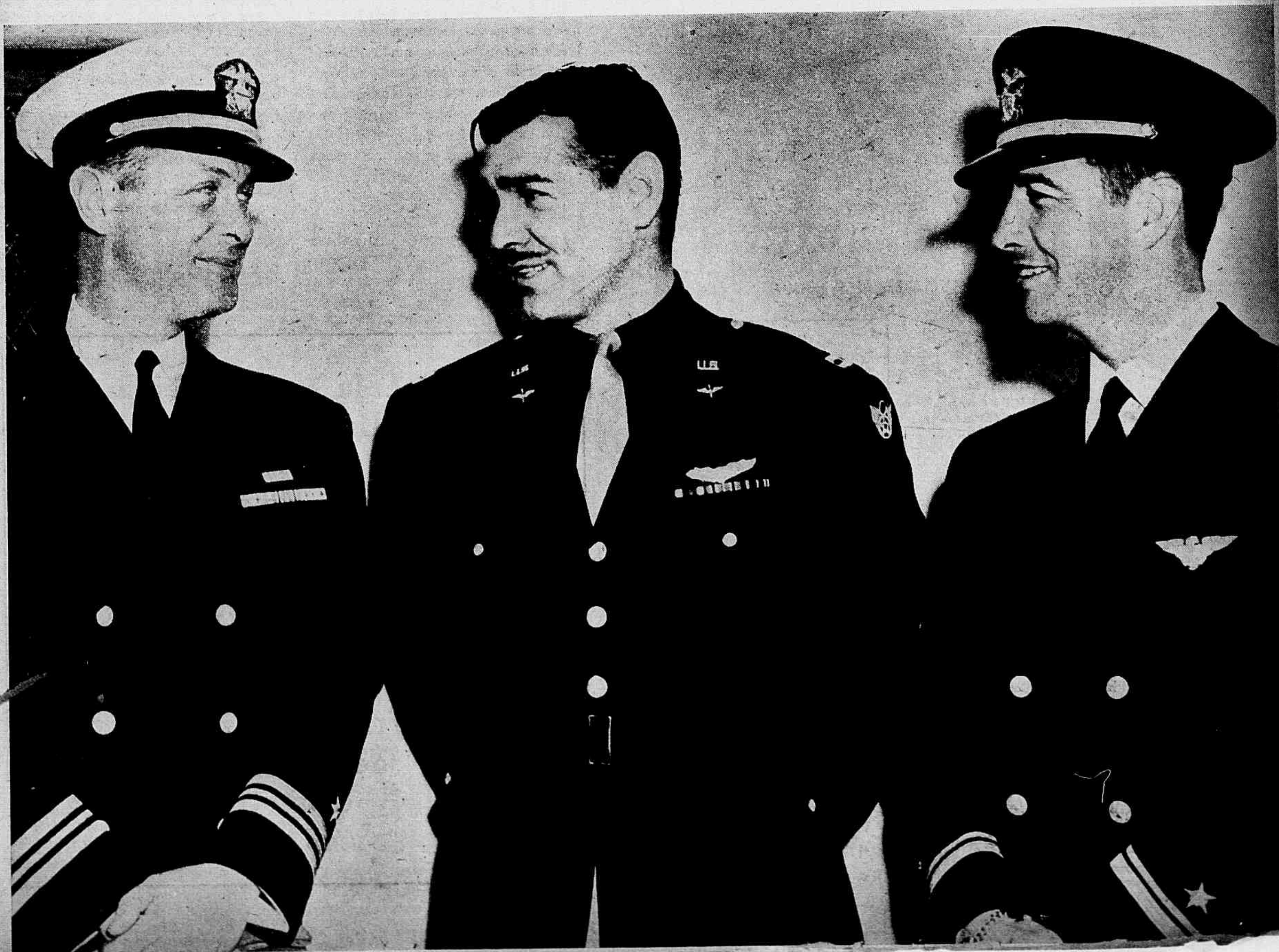


CHARLES LAUGHTON ESTÁ CONCLUINDO "O FANTASMA DE CANTERVILLE", DA NOVELA DE OSCAR WILDE. AQUI O VÊMOS, COM O DIRETOR JULES DASSIN, AMBOS LADEANDO O "PROTAGONISTA" DA HISTÓRIA, "YORICK", UM ESQUELETO QUE NO ENTANTO NÃO PARECE ASSUSTÁ-LOS. PELO CONTRÁRIO!



JUNTOS, PELA PRIMEIRA VÊZ, DESDE QUE ENVERGARAM UNIFORMES MILITARES SEM SER PARA VIVER UM PAPEL DE FICÇÃO: ROBERT MONTGOMERY, CLARK GABLE E ROBERT TAYLOR. A FOTO FOI BATIDA QUANDO MR. GABLE, DEVOLVIDO À VIDA CIVIL, SE PREPARAVA PARA REENCETAR SEUS FILMES.

JEAN PIERRE AUMONT OU, MELHOR, O INVEJADO MARIDO DE MARIA MONTEZ, RELÊ A SUA PARTE NUM INTERVALO DE FILMAGEM. O OUTRO É GENE KELLY, PROCURANDO "ASSUSTAR" O COMPANHEIRO QUE TALVEZ ESTEJA COM O PENSAMENTO LONGE... IMAGINANDO ONDE ESTÁ A MULHERSINHA QUERIDA...



1844-1944

S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. OF BRAZIL

UM SECULO DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA

SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIA

USAR A PASTA DENTIFRICA S. S. WHITE E' SABER DAR PREFERENCIA AO DENTIFRICIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

PASTA DENTIFRICA S. S. WHITE

A aventura da estrela assustada

(Continuação da página 37)

fôra. Nina foi encontrada morta com a chave em redor do pescoço.

— Sim...?

— Uma coisa interessante: não havia arma no quarto e Nina morreu em virtude de um tiro de revolver...

— Isso significa que foi assassinada...

— De fato.

Ellery, ouvindo isso, fez uma pergunta:

— Mas, nesse caso, ela deve ter aberto a porta, para o assassino entrar, visto como a única chave estava em redor do seu pescoço...

— E' verdade...

— Porém, como saiu o criminoso se, novamente, a porta ficou fechada e a chave estava em redor do pescoço de Nina?

O policial olhou para Ellery com ar atarantado:

— Não sei...

Ellery, irônico, replicou:

— Tem a certeza de que não tem alguma ideia luminosa que nos está escondendo?

O policial olhou-o, novamente...

— Não...

Ellery sorriu:

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME RUGOL

Alvin & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



— Nem eu... por enquanto.

V

O inspetor Queen passou o lenço pela testa e, em seguida, torceu-o para tirar o suor:

— Meu Deus!

Ellery, das profundezas de uma confortável poltrona, riu:

— Quem é que está ficando neurastênico, agora?

O inspetor replicou, mal humorado:

— Não é para menos.

— Por que?

— Você não sabe da ultima?

— Qual?

— O negócio do banco...

— Que banco?

— Ah, não lhe disseram nada?

— Você acha que eu estava fazendo esta cara de imbecil se soubesse do que se tratava? Que houve?

— Nina está morta, não é verdade? Pois bem, esta tarde, alguém que se parecia com ela a ponto de enganar o homem do banco fez um cheque no va-



lor de quarenta mil dólares e assinou: Nina Bright. Tirou o dinheiro todo que Nina depositava no Banco e saiu.

— Mas o cheque era falsificado...

— Os peritos afirmam que não...

Que um cheque falsificado tem sempre certas hesitações, certos traços, uma porção de tolices, enfim, que permitem a eles identificá-lo. Logo o cheque era verdadeiro. Mas foi assinado à vista do empregado... Seria Nina uma espécie de Lázaro de saias?

— Lázaro?

— O homenzinho que ressucitou...

— Ah...

O inspetor parou de andar:

— Se não me engano você está com cara de quem acertou com alguma coisa...

— De fato, replicou Ellery, solvei o caso...

VOCÊ SERÁ CAPAZ DE RESOLVER ÊSTE CASO ANTES DE ELLERY? TENTE!

VI

— Como? perguntou o Inspetor

— Só há uma solução possível.

Em vista do testemunho dos peritos que sabem o que dizem, Nina foi quem assinou o cheque. Mas o cheque foi feito diante do empregado do banco: logo, foi, de fato, Nina quem o fez. Que significa isso? Que Nina não está morta!

— Mas, nesse caso, quem é a mulher assassinada e quem a matou?

A mulher assassinada é alguém que se parece suficientemente com Nina para, na confusão e com as feições transtornadas pela morte, poder ser confundida com ela... Quem pôde ser? E' lógico que só há uma hipótese aceitável tratando-se de uma estrela? Não sabe que cada estrela tem uma sócia, geralmente parecidíssima com ela, de qualquer maneira do mesmo tipo, para servir de "Stand-In"? Qualquer pessoa que conheça um pouco de cinema sabe disto. Nesse caso quem foi a mulher morta? A sócia de Nina. Quem matou? Nina. A própria Nina, está claro. Abriu a porta para a outra, matou-a, colocou-lhe a chave em torno do pescoço, e saiu trancando a porta, depois de ter mudado a roupa e vestido a outra com seu "peignoir"!

— Mas a ÚNICA chave estava em redor do pescoço da vítima...

— Quem afirmou que aquela chave era a única? Nina! Ela podia ter uma dúzia de chaves iguais sem que ninguém soubesse...

— Mas por que a estrela assassinou a sócia?

Isso não posso dizer... Com certeza, chantage. Em todo o caso, o crime foi premeditado, pois a comédia do terror foi toda encenação...

— Que coisa horrível!

— Horivelmente engenhosa. Mas não deu resultado.

— Graças a Deus! Vou mandar procurar essa mulher... Onde estará ela?

— Provavelmente a caminho do estrangeiro...

— Vou mandar vigiar os portos...

— Ótimo! E eu vou tomar um refresco que este calor está, realmente, insuportável...

— FIM —

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de Alfaca ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os poros, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante".

Experimente-o.

Leia quinta-feira no "Esporte Ilustrado"

A vida desportiva de MONTGOMERY

O "General do Deserto" temperou nos campos de desportos o caráter e os nervos de aço que esmagaram Rommel!

De radio

Djalma Maciel

QUE PREJUÍZO PARA O RADIO

"Estou desencantado com o rádio. Perdi oito anos nele, porém agora, mais do que nunca, penso no teatro que deixei. Aguardo apenas uma oportunidade para voltar e, se tornar a pisar um palco como ator contratado, num elenco de categoria, nunca mais pensarei em rádio!" Transcrevo, *ipsis litteris*, o recorte de jornal que por acaso me veio ter às mãos e deixo o leitor meditando, preocupado, nos resultados que possam advir de tão graves declarações. Sim, a esta hora já devem estar acontecendo coisas terríveis no ambiente morno dos estúdios de broadcasting. Diretores artísticos arrazados pela colera dos patrões; artistas lamurientos, chorando pelos cantos o afastamento do colega ilustre, que lhes dava a honra da companhia e o estímulo do exemplo de sua atuação. "Fans" inconsoláveis enchem toneladas de papel de carta, insultando a estação que permitiu a volta do "estrela" ao palco; e sobre tudo isso uma atmosfera pesada de receios, como se houvesse promessa de catástrofe.

Realmente, há razões para supor que assim esteja acontecendo, pois o regresso de um "astro" às atividades teatrais em uma época em que o prestígio do rádio no seio da massa popular é cada vez mais forte e, apesar de algumas raras exceções, continua o exodo dos palcos para os microfones, representa um sinal de declínio, de falência artística. E sinal tanto mais grave, porque o tal filho prodígio de Talia cujas palavras transcrevi não foge das ondas hertzianas atraído por algum maná daqueles que o meu confrade Abadie Faria Rosa costuma prometer e não dar... A excelsa figura que proferiu as palavras vindas ao meu conhecimento por intermédio do recorte de jornal, ali mesmo declara que "ainda aguarda uma oportunidade"! Portanto — dirá o leitor — será mesmo por desídia, por displicência, por culpa de sua má organização que o rádio vai perder tão valioso elemento! E assim prossegue a tortura das suposições: do rádio para o palco, mas já foi do palco? Chico Alves! Será possível? Barbosa Junior? Floriano Faissal? Que coisa horrível se for a Ismenia dos Santos, ou o Mesquitinha, ou ainda o Olavo de Barros!

Calma! Calma! O extraordinário personagem que está desencantado com o rádio; que perdeu oito anos nele e "espera, apenas, uma oportunidade para voltar", o que muito possivelmente não acontecerá nunca, porque essa volta fica condicionada ao seu ingresso "num elenco de categoria", esse personagem singularíssimo, que prefere todas as agruras da vida dos bastidores às vantagens excepcionais oferecidas pelo rádio, essa criatura chama-se Lourival Reis. E' o emerito Professor Zé Bacurául...

alô... alô...

— Foi uma bela iniciativa a da direção da P. R. A. 2 confiando o "script" da evocação de "José Mauricio, o gênio brasileiro da música", irradiada sábado último, ao jovem escritor e jornalista Sergio D. T. de Macedo, que realizou uma tarefa com por cento radiofônica, reconstituindo a época em que viveu o grande sinfonista, com grande brilho e farta cópia de melodias brasileiras.

— Gomes Filho está realizando belos programas na Rêde Fluminense de Broadcasting. O veterano cronista e broadcaster é agora o diretor daquela organização, que em tudo evidencia a marca do seu espírito brilhante e progressista.

— Não transigindo, de maneira nenhuma, com a mediocridade radiofônica das novelas seriadas, devemos consignar, por um princípio de justiça, o êxito alcançado pela propaganda do lançamento de "Um dia voltaremos", de Lasinha Luiz Carlos de Caldas Brito, ao microfone da Tupi. Tão bem arquitetada, que a repartição do Ministério da Agricultura encarregada de controlar as expedições artísticas e arqueológicas tomou providências energéticas para sustar a incursão do "engenheiro" Osvaldo Gouveia e seus companheiros ao vale do Rio das Mortes... O mais interessante é que os jornais associados à P. R. G.-3 publicaram a nota distribuída a propósito dessas providências pela mesma repartição...

Com a possibilidade do afastamento de Ari Barroso, que retornará aos Estados Unidos em setembro ou outubro, fala-se na volta de Erik Cerqueira à Tupi. Talvez aconteça...



MISS BABY APARECE E DESAPARECE COM A MESMA FACILIDADE: QUANDO MENOS SE ESPERA CANTA NO RÁDIO OU EM UM "NIGHT-CLUB". DEPOIS ENTRA EM FÉRIAS — MAS VOLTA, E SEMPRE COM UM REPERTÓRIO RENOVADO. ELA É A MECHA DOS CABELOS BRANCOS...



MARILU' JÁ FOI MAIS LOURA, DE CABELOS COR DE ESPIGA, MUITO CLAROS. DEPOIS ESCURECERAM UM POUQUINHO... MAS A CANTORA NÃO SENTIU, NA VOZ, AS CONSEQUÊNCIAS DESSA MUDANÇA. E CONTINUA SENDO UMA DAS BOAS INTERPRETES DE NOSSA MÚSICA POPULAR.



Segredo de uma nova beleza em 14 dias para todas as mulheres!

Novo método Massagem Fricção
Palmolive, cientificamente provado
por 36 especialistas em 1285
mulheres de todas as idades.

O Novo Método Massagem Fricção Palmolive — descoberta feita nos Estados Unidos — constitui um tratamento completo de beleza que é o verdadeiro segredo do retardamento das rugas e de uma nova beleza em 14 dias apenas!

36 médicos especialistas em beleza da pele provaram cientificamente que o Novo Método Massagem Fricção Palmolive, em 1.285 mulheres de todas as idades e de todos os tipos de pele. Também no Brasil, 85% das mulheres que experimentaram esse novo método, obtiveram resultados verdadeiramente surpreendentes. O Novo Método é aplicado com a rica, cremosa e vitalizante espuma de Palmolive. O sabonete Palmolive é feito com os balsâmicos azeites de oliva e palma, que são os melhores ingredientes que a natureza produz para embelezar a cutis e retardar as rugas. Palmolive tem uma espuma espessa, cremosa e diferente, que penetra profundamente nos poros, limpando-os de todas as impurezas e fazendo-os respirar livremente.



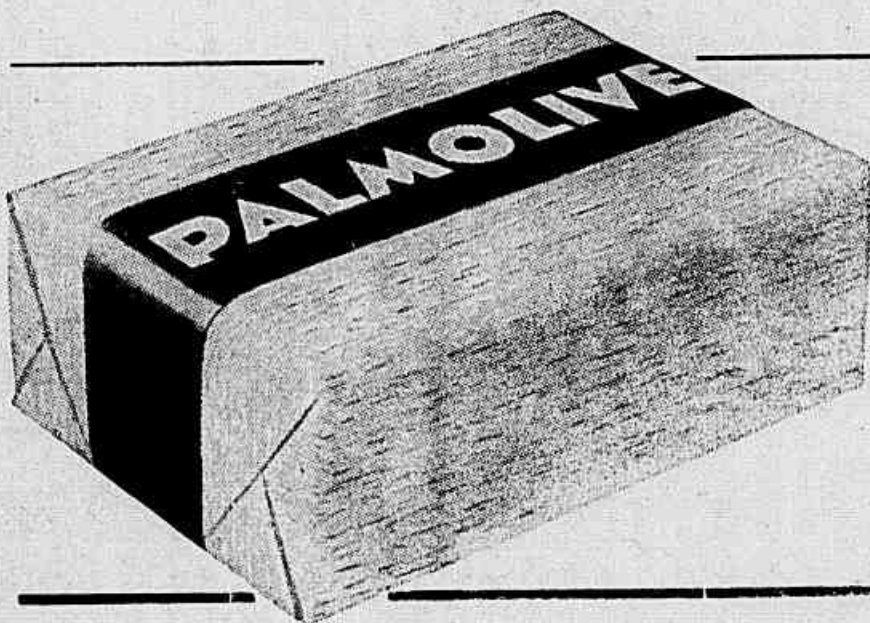
1.º - É lavar e ensaboar muito bem o rosto com sabonete Palmolive para que os poros fiquem livres das impurezas e recebam melhor a Massagem Fricção.

2.º - É lavar novamente o rosto para retirar a espuma e, em seguida secar, sem esfregar.

- Essa operação deve ser feita de manhã, ao levantar, à noite, ao deitar, ou mesmo 3 vezes ao dia! Durante 14 dias seguidos!



3.º - É embeber uma pequena toalha comum na espuma cremosa e espessa de Palmolive e fazer, suavemente, a massagem em todo o rosto, durante 1 minuto — exatamente 60 segundos.



EIS OS RESULTADOS QUE SE OBTÉM COM A MASSAGEM FRICÇÃO PALMOLIVE

Com o Novo Método Massagem Fricção Palmolive, aplicado durante 14 dias seguidos, de manhã, ao levantar e à noite, ao deitar, ou mesmo 3 vezes ao dia, você conseguirá:

- Pele mais clara • Cutis aveludada • Menos manchada • Menos seca • Menos oleosa • Maciez e suavidade • Pele sadia.

Comece este novo e positivo sistema de usar Palmolive, ainda hoje. Em 14 dias você terá uma nova juventude, uma pele mais fresca, clara e encantadora.

O Mensageiro

(Continuação da pag. 19)

— Mas você está muito enganado, meu amigo, eu não o amava. Estimava-o muito, é verdade, mas não o amava.

— Eu não compreendo...

— E' muito simples... Por que haveria de amá-lo? Sinto muito sua morte. Era um ótimo companheiro, mas isso realmente não me desespera...

Paulo empertigou-se.

— Nesse caso, nada mais me resta a dizer.

E, fazendo meia volta, ele afastou-se.

— Escute!

Paulo voltou-se.

— Quem o fez acreditar que eu o amasse?

— Afinal de contas é natural, não é verdade?

— Natural?

— Não era casada com ele, ora essa!

— Mas deve haver um engano. Eu nunca casei com meu primo...

— Seu primo?...

— Sim...

— Roberto de Abreu?

Mariana soltou uma exclamação.

— Agora compreendo. Meu Deus! Coitada de Madame Abreu... Cavalheiro, houve um mal entendido, um engano lamentável. Eu estava comentando há pouco como por uma estranha coincidência eu, que me chamo Mariana, estava vestida com um vestido exatamente igual ao que madame Mariana de Abreu usa...

— Oh!

— Veja o senhor que confusão causou esse fato.

De repente Paulo, não podendo conter mais a perturbação que vinha sustendo a custo, deixou-se cair sentado ao lado de Mariana no sofá:

— Não terei coragem! Não terei coragem de repetir a notícia...

Mariana segurou-lhe o braço, timidamente:

Qual a sua Idade?

A de sua cabeça!... Ninguém é mais jovem que seus próprios cabelos... Principalmente as senhoras.

Cabello sem vida, opaco e escasso, significa velhice, embora se tenha vinte annos... Cabello vivo, abundante, brilhante, é juventude — embora se tenha cinquenta!...

Uma fricção diária com TRICÓFERO DE BARRY, antes de pentear-se, não só dá brilho e maciez ao cabelo, como defende-o contra a caspa e evita o encanecimento prematuro e a calvície.

Em todas as idades — da infância à velhice — TRICÓFERO DE BARRY é recomendado para amaciar o cabelo, facilitar-lhe o penteado e evitar-lhe a queda.

Tricófero de BARRY

Mas Que Pancada!



A dor acalma-se prontamente, a ferida cicatriza e sara com a ajuda do Mentholatum. As mãos precavidas tem-o sempre à mão, para queimaduras, cortes, pancadas e constipações

MENTHOLATUM

— Vamos! Animo... Gosto muito de Madame Abreu... Quer que o ajude a dar a notícia?

E, olhando-a, tão linda, tão bondosa, Paulo, a despeito da dor que o compungia, a despeito de tudo o que ocorrera e que ainda estava por ocorrer, sorriu.

CASA ANGLO-BRASILEIRA

Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

ALAIN — Kergueven Alain... 25.º de Engenharia... sapador telefonista, matrícula doze mil oitocentos e setenta e dois...

CAPITÃO — Kergueven? Um momento, sargento Balet!... Ah! Kergueven, filho... ou parente do general Louiz Kergueven?

ALAIN — Sou filho do general Kergueven, meu capitão...

CAPITÃO — Mas é o telefonista destacado para a 5.ª, não é verdade?

ALAIN — Sim, meu capitão...

CAPITÃO — Mas creio que não posso aceitar, embora denotando grande abnegação, o seu oferecimento, cabo Kergueven... O posto não pode ficar desfalcado dum telefonista e além disso é um elemento de grande eficiência para esse mister...

ALAIN — Perdão, meu capitão... Primeiro, o meu colega Leclerc substituir-me-á... Segundo... sinto-me plenamente feliz de tornar esta incursão útil, pois conheço perfeitamente esta região... E terceiro: um voluntário para uma empresa dessas, meu capitão, jamais deve ser recusado... Falo em nome da França e do patriotismo que me fez correr logo ao primeiro chamado de mobilização!

CAPITÃO — Kergueven! Você não desmente o sangue que lhe corre nas veias! Não posso recusar-me aos seus impulsos patrióticos!

ALAIN — Obrigado, meu capitão...

CAPITÃO — Que Deus vos proteja, meus bravos! (pausa) Amanhã... três horas antes de amanhecer dareis início à vossa missão! Sargento Balet!

SARGENTO — Meu capitão!

CAPITÃO — Depois de dispersar os homens, procure-me no gabinete do chefe do batalhão!

SARGENTO — Perfeitamente, meu capitão... (passos afastam-se).

CAPITÃO — Felicidades, rapazes!

SARGENTO — Section! (pausa) Gardez vous! (bater calcanhares) Rompez vos rangs!

Contra-regra: risos; passos que correm; murmúrios.

ALAIN — Zamacoff... espere... vamos juntos...

Técnica: toque de clarim sem interrupção do diálogo.

ALAIN — Que vai você fazer?

ZAMACOFF — Passar uma revista no fuzil... Lubrificá-lo... Acho que Saul Zamacoff desta vez vai tornar órfão, viúva ou deixar mamãe sem um filhinho... Qualquer coisa na Alemanha vai acontecer... Acho que Hitler vai ficar com um alemão a menos...

ALAIN — Pare com essas basófilas... preciso falar com você... Coloque o seu fuzil sobre a cama e venha falar comigo... tome! Leve também o meu...

ZAMACOFF — E você?

ALAIN — Espero-o lá... junto ao batalhão que dá para o salgueiro...

ZAMACOFF — Está bem...

ALAIN — Não se demore.

ZAMACOFF — Não... volto num instante...

Técnica: música forte em back-ground.

SARGENTO — Todos?

VOZES — Todos, sargento!

SARGENTO — Deixe-me examinar o equipamento de vocês... A picareta?

ZAMACOFF — Está ali, sargento...

SARGENTO — Ali? Não sabe que o lugar da picareta é na mochila? Vamos! amarre a picareta na mochila...

ZAMACOFF — Sim, sargento... imediatamente...

SARGENTO — Que é isso? Por que não veste um blusão de couro? Não recomendei a todo o mundo como se devia preparar? Que relaxamento é esse?

VOZ — Eu vou vesti-lo, sargento...

SARGENTO — Ligeiro! Temos cinco minutos apenas para sair... Vá trocar o blusão pelo de couro... Tudo em ordem, Kergueven?

ALAIN — Sim, sargento... em ordem... Metralhadora leve... picareta... e a pistola...

SARGENTO — Très-bien... e a bolsa de granadas?

ALAIN — Aqui, sargento...

SARGENTO — Quantas?

ALAIN — Conforme ordenou, sargento... Dez.

SARGENTO — Muito bem... E esse animal que ainda não voltou com o blusão de couro... esse patife pensa que vamos pescar ou fazer um pic-nic num lago poético?

VOZ — Pronto, sargento!

SARGENTO — Mochilas nas costas... e fuzis na mão... em coluna por um atrás de mim... vamos... (passos, vários homens).

Técnica: música forte.

SARGENTO — Arrastem-se... ventre à terra... Que horas no seu relógio, cabo Kergueven?

ALAIN — Sete horas, sargento...

SARGENTO — O meu parou...

ZAMACOFF (distante) — Sargento... sargento Balet...

SARGENTO (voz abafada) — Mais baixo, soldado Zamacoff... (mais próximo) Que foi?

ZAMACOFF — Olhe, sargento... olhe o chão...

SARGENTO — Realmente... a erva pisada... eles passaram por aqui... Deve ser uma patrulha de boches... Bom sinal... Vamos segurá-los à unha...

Contra-regra: tiros espaçados distantes.

SARGENTO (comando) — Ao chão... todos... ventre à terra... Fomos vistos...

ALAIN — Os tiros veem daqueles olmos, sargento...

SARGENTO — Já vi... já vi... Aproveitem as depressões do terreno... Dinat, arraste-se para aquela árvore, rápido... Não erga a cabeça... arraste-se colado ao chão...

ALAIN — Já, sargento?

SARGENTO — Não! Aproxime-se de mim... Zamacoff, as munições da portátil... rápido... arrastando-se sempre, estúpido... Não levante a cabeça...

ZAMACOFF — Elas estão danadas... como sibilar, sargento!

SARGENTO — Não há de querer que elas cantem para vocês a "Madelon"... Mais, Kergueven... aproveite esta elevação... bem colado ao chão...

Técnica: rajada de metralhadora.

ALAIN — E' uma patrulha... fomos vistos...

SARGENTO — Lá está o metralhador... viu?

ALAIN — Sim... posso usar a minha agora?

SARGENTO — Não! Vamos arrastar-nos mais um pouco... Ocuparemos aquela outra elevação...

ALAIN — Compreendo... mais próximos... As granadas? Posso?

SARGENTO — Sim...

Técnica: rajada de metralhadora:

Contra-regra: gritos enfiados.

SARGENTO — Cuidado... eles vão se calar... Prepare duas granadas... Vamos... bem rente ao chão... Eh, Zamacoff...

ZAMACOFF — Estou aqui, sargento...

SARGENTO — Vamos!

ZAMACOFF — Sargento! Olhe à retaguarda. Estamos cercados!

SARGENTO — Lanceleau!

VOZ — Sargento!

SARGENTO — Guarde a nossa retaguarda... E você, Dinat... um fogo cruzado com o F. M.

Técnica: rajada de metralhadora.

SARGENTO — Vamos, Kergueven... E' naquele cerrado de olmos que está a força da patrulha alemã... Prontas as granadas?

ALAIN — Na mão, sargento!

SARGENTO — Passe-me a sua metralhadora... Vou despejar aço na cambada quando cessar lá; atire as granadas...

Técnica: rajada de metralhadoras.

SARGENTO — Atire, Kergueven!

ALAIN — Segurem! Uma para Hitler, outra para Goering, salsichas do inferno! (pausa).

Técnica: explosão.

Contra-regra: gritos de dôr e furor, distante.

SARGENTO (gargalhada feroz) — Bravos! Cozinhou os boches! Outra, Kergueven!

ALAIN — Tomem! (pausa).

Técnica: explosão.

Contra-regra: gritos de dôr, distante.

ALAIN (dando um grito de dôr) — Ai, bandidos! Aceleram-me!

ZAMACOFF — Alain! Alain! Sargento! O cabo Kergueven! Olhe! Está ferido! Alain! Amigo! Kergueven! Meu pobre amigo!

Técnica de metralhadora.

FIM DO QUARTO EPISÓDIO

QUINTO EPISÓDIO

Técnica: rajada de metralhadora até nova rubrica.

ZAMACOFF — Alain! Pelo amor de Deus, responda! Oh! Ele está morto...

SARGENTO — Espere... não levante a cabeça, soldado Zamacoff... Deite-se na terra... O fogo das metralhadoras alemãs está sendo dirigido contra nós... Deixe-me vê-lo... (pausa).

ZAMACOFF — Sangue... Recebeu balas no peito... Olhe!... O sangue está saindo pela abertura do fecho éclair...

SARGENTO — Silêncio, Zamacoff...

Contra-regra: gritos enfurecidos bem distantes.

ZAMACOFF — O coração... O coração bate?

SARGENTO — Sim... O coração pulsa... Ele não está morto... Você fica com o cabo Kergueven, soldado Zamacoff... Tenho de continuar a nossa missão... Fique tomando conta dele até que seja possível a sua remoção para a nossa linha...

ZAMACOFF — Sim, sargento... Ficarei ao lado do cabo Kergueven...

Técnica: metralhadora mais forte; explosões.

SARGENTO (distante) — Dinat!...

VOZ (distante) — Pronto, sargento...

SARGENTO — Rasteje em direção ao regato... Ainda tem granadas na bolsa?

VOZ — Cinco, sargento...

SARGENTO — Até o regato, então, e não perca o contacto comigo...

VOZ — Perfeitamente, sargento...

SARGENTO — Curtiss... Roux... vocês dois... Procurem alcançar a vala que está a vinte metros... viram a vala?

VOZ (distante) — Sim, sargento...

SARGENTO — Rastejem então em direção à vala... Cerquem-os ali... Dinat, rasteje até o regato mas aguente os bichos que estão na retaguarda com o fogo da sua portátil... Zamacoff, eu vou indo... Cuide do cabo...

ZAMACOFF — Perfeitamente, sargento...

SARGENTO — Tome a portátil de Kergueven... Defenda-se como um leão, Zamacoff... Tome!... **Bonne chance, Zamacoff!**

ZAMACOFF — **Bonne chance, sargento Balet...**

SARGENTO (distante) — Aguente o fogo, Jean Dinat... Isso... (mais distante) Granada na mão, Roux... Atire uma agora! (pausa).

Técnica: explosão de granadas; gritos de dôr e cólera distante.

ALAIN — Alô, Zamacoff...

ZAMACOFF — Oh! Alain... Graças ao bom Deus! Você está vivo...

ALAIN — Onde está a turma, Zamacoff?

ZAMACOFF — Já vai longe... eu fiquei tomando conta de você... Está muito ferido... Deixe-me abrir o seu blusão... Sim... não é grave o seu ferimento... está bem disposto, meu caro Kergueven...

ALAIN — E o sargento?

ZAMACOFF — Seguiu os companheiros... Vão cercar os alemães... Caímos numa armadilha... São mais de vinte homens, os boches... Deixe-me carregá-lo... Vou rastejando... Passe o braço esquerdo no meu pescoço... Poderá fazer êsse esforço, Kergueven...

ALAIN — Deixe de ser besta, Zamacoff... Olhe para a minha cara... Acha-me então com cara de moribundo de guerra?

ZAMACOFF (surpreso) — O que?! Então...

ALAIN — Não estou ferido... venha comigo... vamos alcançar aquele pequeno bosque que fica a leste da nossa linha... Rasteje comigo...

ZAMACOFF — Alain! Então tudo isso é uma burla?

ALAIN — Não, meu caro judeu de Odessa... não foi burla... Instinto de conservação... herdámos dos barbudos da Idade da Pedra... Não vai escapar um dessa incursão... Vem comigo... vamos... Vamos nos ocultar naquele pequeno bosque até que a coisa se liquide...

Técnica: interlúdio.

ZAMACOFF — Há meia hora que não se ouve nada...

ALAIN — Um Deo-profundis pelo sargento Balet e os nossos queridos patriotas. Foram-se todos, Zamacoff... Estás ouvindo... Os alemães os trincaram como se trinca uma saborosa torta de creme...

ZAMACOFF — Pobres rapazes... Vamos então voltar... Acho que tudo serenou... vamos voltar?

ALAIN — Voltar? Voltar para onde?

ZAMACOFF — Para onde? Ora... para as nossas trincheiras e apresentarmos um relato do que aconteceu.

ALAIN — Voltar? Daqui, Zamacoff, vamos pirar... Pirar em bôa gíria parisiense... Daqui vamos alcançar Baranvillers... que fica a cinco quilômetros... Alcançaremos o ponto terminal da estrada de ferro e atingiremos Metz.

ZAMACOFF — Oh! Pensei que tivesse um desmaio... E êsse sangue que está saindo da sua túnica?

ALAIN — Ora... um pequeno vidro com tinta, engrossada com óleo de rícino... Tenho tudo preparado, Zamacoff... E então, que tal o meu plano? Magnífico, hein? (pausa) Por que não me responde, Zamacoff?

ZAMACOFF — Irá sozinho, Kergueven...

ALAIN — Sozinho? Que quer dizer com isso? Então, mudou de pensar?

ZAMACOFF — Eu queria dizer isso justamente ontem à noite... mas não tive tempo. Eu não desertarei, Kergueven!

ALAIN — Não?!

ZAMACOFF — Não!

ALAIN — Mas isso é uma traição, que faz a um amigo, russo.

ZAMACOFF — Prefiro trair um amigo, do que trair uma nação e uma causa.

ALAIN — Você é um idiota!

ZAMACOFF — Antes um idiota do que um traidor...

ALAIN — Vai de encontro à morte, Zamacoff...

ZAMACOFF — E' preferível encontrá-la no campo de batalha do que morrer estúpida e indignamente ao clarear do dia, por trás dos muros duma fortaleza, diante dum pelotão de execuções e receber depois de morto a execração dum povo que como eu oferece a vida à causa da liberdade! Eu volto para o meu postol

ALAIN — Então... você...

ZAMACOFF — Não... não receie nada de mim... Você, Kergueven, já está morto para mim!

ALAIN — Escarnece de mim, judeu?

ZAMACOFF — Você é um homem inteligente, Alain de Kergueven... E' filho dum nobre, tem um pai que lutou gloriosamente pela França... Eu sou um judeu russo, imigrado... ganhei o meu pão em Paris, costurando calças e ganhando doze francos por dia... Mas sei pagar dignamente a dívida que contrái com seu povo, Kergueven... Se empunhei êste fuzil para lutar por ela... e quando ela me chamar só não ouvirá o meu "presente!" caso eu esteja debaixo da terra, dessa terra a quem entrego com prazer e entusiasmo a minha vida e meu sangue para defendê-la dos bárbaros! Kergueven... Felicidades! Alain! Adeus...

ALAIN — Zamacoff... Zamacoff... não se vá, ouça... Será uma temeridade a sua voltar para o nosso postol. Eles o liquidarão... não viu você como está sendo cruzada por patrulhas a região? Não viu você com os seus próprios olhos a armadilha em que caíram os nossos infelizes companheiros de companhia?

ZAMACOFF — Não importa... Tome... duas barras de chocolate... e uma lata de *paté foie*... e o quarto de pão... talvez precise de alimento na sua caminhada... Felicidades, Alain de Kergueven... Que a França o perdoe!...

Contra-regra: passos que se afastam.

ALAIN — Zamacoff... Dis-donc Zamacoff!

ZAMACOFF (bem distante) — Que a França e os seus companheiros que caíram mortos pela bandeira o perdoem, Kergueven...

ALAIN — Você vai morrer... eles o matarão, Zamacoff... Volte... volte, Zamacoff...

VOZ (bem distante) — Apresentar... Armas! (duas batidas compassadas).

CAPITÃO (comovido) — E é êsse o nosso último adeus, bravos companheiros, morreram heroicamente ao serviço duma grande causa e pela glória da França.

Técnica: clarim executando toque de silêncio.

CAPITÃO — Antes que desçam os vossos corpos criados pelas balas inimigas... Antes que desçam à terra fria os vossos corpos oferecidos em holocausto à Pátria... A França agradece e em lágrimas despede-se de seus heróis... Sargento Balet... da 5.^a Companhia... Terceiro grupo. Jean Dinat, da 5.^a Companhia... Roux Pierre da 5.^a Companhia... Lanceleau François Curtiss, da 5.^a Companhia... e Zamacoff Saul da 5.^a Companhia... O nosso adeus!

Técnica: toque de silêncio forte.

CAPITÃO — Companhia! (pausa) Preparar! (pausa) Fogo!

Técnica: tiros de salva.

CAPITÃO — Desçam os ataúdes!...

Contra-regra: ruído de caixões que descem à terra.

CAPITÃO: — Adeus, meus bravos! E a gratidão da França!

Técnica: toque forte de clarim. Interlúdio. Disco de batelha; tanks; confusões de vozes; disco de trem distante.

ALAIN — Alô, amigo!

VOZ — Alô!... Vai de licença?

ALAIN — Sim... Esses tanks?

VOZ — Seguem para a linha de frente... Acho que as coisas estão ficando pretas! Onde vem?

ALAIN — Da 4.^a Companhia do 5.^o Batalhão...

VOZ — A coisa está preta por lá, não?

ALAIN — Não... está tudo calmo...

VOZ — Vai de licença?

ALAIN — Vou... Tem por acaso um cigarro?

VOZ — Toma... Espero que se divirta em Paris...

ALAIN — E para ganhar a estação da estrada de ferro, é por êste caminho?

VOZ — Sim... Toma o caminho em que estão passando aqueles caminhões. De lá mesmo você já avista a torre da gare.

ALAIN — Obrigado.

VOZ — Boa viagem...

ALAIN — Uma coisa... Pode-se tomar o trem em Baranvillieres, não se pode?

VOZ — Cinco quilômetros... Mas por que vais caminhar uma légua, si podes embarcar aqui... Acho que tem um trem na estação e está para partir.

ALAIN — Mas preciso ver um amigo da artilharia... E' um primo. Talvez tenha algo para a família...

VOZ — Ah, sim... Pois bem... Para Baranvillieres você toma esta outra estrada. Ao sair vai encontrar uma porteira de arame farpado, ao lado tem uma guarita...

ALAIN — Sentinela?

VOZ (rindo) — Naturalmente... Onde tens a cabeça, amigo? Claro que tem uma sentinela...

ALAIN — Diabos estou com pólvora até no raciocínio... Bem, adeus...

VOZ — Adeus...

Técnica: ruído de tanks.

SENTINELA — Alto lá! Quem vive!

ALAIN — France!

SENTINELA — Aproxime-se... lentamente... (passos lentos) Alto! (bater calcanhar) Onde vai?

ALAIN — Ao Estado Maior da vigésima segunda divisão...

SENTINELA — Aproxime-se mais... Quero ver o número do seu escudo...

ALAIN — Sou do 247.^o Regimento...

SENTINELA — Do 247.^o? O que faz então, por aqui, si o 247.^o está em linha?

ALAIN — Trago uma ordem de lá.

SENTINELA — Deixe-me ver essa ordem, cabo... (ruído de papel) Chefe do posto telefônico da 4.^a, 247.^o Regimento... Autorizo o cabo Alain Kergueven a ir urgentemente ao nosso depósito da 2.^a Divisão, buscar dois fones... dez metros de fio número cinco e uma bateria A. R. para uma bateria portátil... Chefe do batalhão. Visé!

ALAIN — Em ordem, sentinela?

SENTINELA — Mais ou menos...

ALAIN — Mais ou menos? Por que mais ou menos? Alguma objeção a fazer a uma ordem dum chefe de batalhão?

SENTINELA — Mais ou menos, cabo, pelo seguinte... E o dever obriga-me a considerar os detalhes...

ALAIN — Que quer dizer com mais essas observações?

SENTINELA — Por que veio da linha de frente, a uma distância de 12 quilômetros a pé, cabo Kergueven?

ALAIN — Por que o carro do regimento me deixou no quilômetro 27...

SENTINELA — E' o suficiente, cabo... Mas tenho instruções neste sentido... sou obrigado...

ALAIN — Faz muito bem... Posso ir?

SENTINELA — Pode... pode passar...

ALAIN — Adieu mon vieux!

SENTINELA — Adeus!

Técnica: interlúdio.

SPEAKER — Uma hora mais tarde, Alain de Kergueven chegava a Baranvillieres, onde a divisão tinha o seu estado maior... Misturou-se na multidão de soldados ali acantonados...

Técnica: trem em marcha.

SPEAKER — E o desertor Alain de Kergueven esperou a noite para se esconder num trem de víveres que partia para a cidade de Metz. Quando o trem chegou à cidade, mesmo antes do comboio parar, Alain de Kergueven desceu do outro lado da linha para evitar o sub-oficial de guarda na plataforma. A prudência lhe aconselhava não mais andar de uniforme. Um soldado do 247.º Regimento, encontrado em Metz, seria fatalmente pilhado pelos gendarmes... Ele comprou um terno de confecção e saiu da loja como civil... Agora, o primeiro problema... Arranjar uma habitação onde pudesse passar alguns dias, somente o tempo de arrumar uma licença de viagem para sair da zona de frente...

Contra-regra: campanha várias vezes; passos.

MADAME — O que deseja, senhor?

ALAIN (respeitosamente) — E' a casa de madame Bertrand?

MADAME — Sou eu mesma, senhor...

ALAIN — Ah!

MADAME — Queira ter a bondade de acompanhar-me... Não repare, senhor... A casa está desarrumada... E' que vim do hospital não faz meia hora...

ALAIN — Oh, não se preocupe por isso, madame! (passos).

MADAME — Queira ter a fineza de se sentar, cavalheiro...

ALAIN — Obrigado, madame Bertrand...

MADAME — A que devo a honra de sua visita?

ALAIN — Madame Bertrand, soube por várias pessoas que a senhora tinha em sua casa um cômodo para alugar, não é fato?

MADAME — Sim... De fato, senhor... Tenho um quarto no pavimento superior... E' por muito tempo que deseja o cômodo, senhor... senhor...

ALAIN — Jorge Simier, madame... Engenheiro civil...

MADAME — Está trabalhando aqui em Metz, sr. Jorge?

ALAIN — A doze quilômetros daqui, madame... Numa usina de guerra da região...

MADAME — Ah, sim... De fato, soube pelo sr. Tisserand que há muitos engenheiros civis trabalhando em serviços militares...

ALAIN — Realmente, sou um deles. Madame é da Lorena, se não me engano.

MADAME (sorrindo) — Fácil de reconhecer pelo forte acentuado de meu francês...

ALAIN — Confesso que sim. Sinto que madame Bertrand está seriamente preocupada. Naturalmente por causa de seu filho.

MADAME (tristemente) — Sim... Alfredo... Ele está internado no Hospital São Lucas.

ALAIN (interessado) — Espero que não seja grave o estado do rapaz, madame...

MADAME — Não é mais rapaz, sr. Jorge Simier... já completou os seus quarenta e quatro anos...

ALAIN (insinuante) — Quarenta e quatro? Não é possível, madame... A senhora não apresenta idade de quem possa ser mãe dum homem com 44 anos...

MADAME — Oh! Senhor engenheiro... Aprecio imensamente a sua delicadeza e mesmo a sua cortezia... Geralmente as mulheres não estimam envelhecer... mas já tenho os meus sessenta e dois anos e bem batidos!

ALAIN (simulador) — Oh!... Incrível! Ninguém dará essa idade a madame... Não parece ter quarenta e cinco...

MADAME — Muito gentil que é, sr. Jorge Simier...

ALAIN — E seu filho... naturalmente alguma indisposição sem importância, espero de todo o coração que seja isso...

MADAME (suspirando dolorosamente) — Não... antes fôsse... Ele está sofrendo duma endocardite... E o senhor sabe, senhor engenheiro... essa enfermidade me preocupa tanto...

ALAIN — Não, madame... não creia... estou perfeitamente ao par dos progressos científicos... A endocardite não é mais a moléstia perigosa de tempos atrás...

MADAME — Mas éle sofre tanto, senhor... Sofre muito...

ALAIN — E' comerciante o sr. Alfredo?

MADAME — Não... não é negociante...

ALAIN — Ah!...

MADAME — Ele é reformado da última guerra... e ultimamente era caixeiro viajante de uma fábrica de ferramentas... Mas com a doença de Alfredo, o senhor sabe, sofrendo assim... os médicos proibiram ao meu filho que viajasse...

ALAIN — Sim... Aliás... a vida de caixeiro viajante é uma vida muito agitada... de fato é um trabalho árduo... calculo, madame Bertrand... A freqüência era da região?

MADAME — Não... Fazia longas viagens... Ele viajava pelo norte e pelo leste... entre Lille, Paris e Estrasburgo...

ALAIN — Paris?

MADAME — Sim, Paris... Por que, senhor engenheiro?

ALAIN — Espere um momento, minha boa senhora Bertrand... Alfredo Bertrand... Eu... (pausa) Espere... acho que conheço o seu filho!

MADAME — Conheço-o? Quanta felicidade... é um amigo de Alfredo?

ALAIN — Sabe, madame, que conheci certo Alfredo Bertrand há pelo menos doze anos, em Paris? Ele já não trabalhava como caixeiro viajante nesse tempo?

MADAME — Perfeitamente. Ele abraçou essa profissão logo após a terminação da guerra...

ALAIN — Pelo que vejo aqui, no aparador desta lareira, é o retrato de seu filho Alfredo, não?

MADAME (comevidal) — Sim, é éle...

ALAIN — E' pena... Não posso recordar-me dêle por êsse retrato...

MADAME — Claro... (tindo) Alfredo tinha 14 anos... Está com seu traje de colegial... Mas espere um instante... Vou mostrar-lhe um retrato mais recente... Eu o tenho aqui nesta gaveta...

Contra-regra: ruído de chaves.

MADAME — Ele o tirou faz três semanas... E' um salvo conduto...

ALAIN — Um salvo conduto?

MADAME — Sim... porque se admirou, senhor engenheiro?

ALAIN — Nada... nada...

MADAME — Contado... Tirou o salvo conduto mas não se utilizou dêle... Esgotou o prazo há poucos dias... Era válido até dois de Maio... estamos em Vinte de Maio... Ele ia a Paris com êste salvo conduto. Aqui está, senhor... Reconhece meu filho?

ALAIN — Ele ia a Paris?

MADAME — Sim... E' um salvo conduto para ir de Metz a Paris, assinado pelas autoridades militares da Praça... Reconhece o meu Alfredo?

ALAIN — Não... não é éle... madame... então deve ter sido uma pessoa com o mesmo nome... Perdão... agora é que estou me lembrando. A pessoa que me referi chamava-se Alberto Bertrand... Alberto Bertrand e não Alfredo Bertrand...

MADAME — Oh! Perdão, senhor engenheiro... Com a conversa esqueci-me de lhe perguntar se já jantou. Naturalmente está chegando da viagem e deve estar com muita fome, não é assim?

ALAIN — Realmente, madame Bertrand... Não seria mal...

MADAME — Vou então mostrar-lhe o quarto que vai habitar, sr. Jorge Simier, e dentro de uma hora terá preparado alguma coisa para o seu jantar.

ALAIN — Muito obrigado...

MADAME — Vou levá-lo ao seu cômodo... E' no primeiro pavimento. Queira ter a bondade de vir comigo.

ALAIN — Pois não, madame Bertrand... (passos que se afastam)

MADAME (subitamente) Ah! (pausa).

AGUA DE COLONIA

Regina

A RAINHA DAS AGUAS DE COLONIA

Tenha sempre á mão "REGINA", a agua de colonia tipica de perfume fragrante e ameno, refrigerante suave e calmante para os dias de calor.



T. TARQUINO

A' VENDA EM TODO O BRASIL

1 — Neste vestido combinam o fosco e o brilhante, numa frente franzida.

2 — Costume de lã bege com bolsos aplicados; a gola e os botões são de veludo côr de havana.

3 — Este vestido com a frente da blusa de veludo tem um babado godet sobre a frente até os ombros em ambos os lados, lembrando 1900.

4 — Bonito vestido com a frente fingindo casaco, enfeitado de fita clara, saia em fôrma.



RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Rotenol

NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FÔR O PREÇO

ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL

A VENDA EM TODA A PARTE

incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA

NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCENÇAS

T. TARQUINO

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

OLEO FIGADO BACALHAU "ESTRELLA"



RICO
EM
VITAMINAS
JOHN WYMAN
LONDRES

A venda nas principais
Drogarias e Farmácias
em

Litros e ½ litros

Repr.: W. G. WILLS
Rua México, 98 — RIO

PRISÃO de VENTRE?



Pilulas

ALOICAS

REGULAM O INTESTINO SEM TORTURA-LOS.

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS



PIADINHAS... dos outros.



- Parece que já vi V. Ex. em alguma parte.
- Tenho passado por lá algumas vezes.



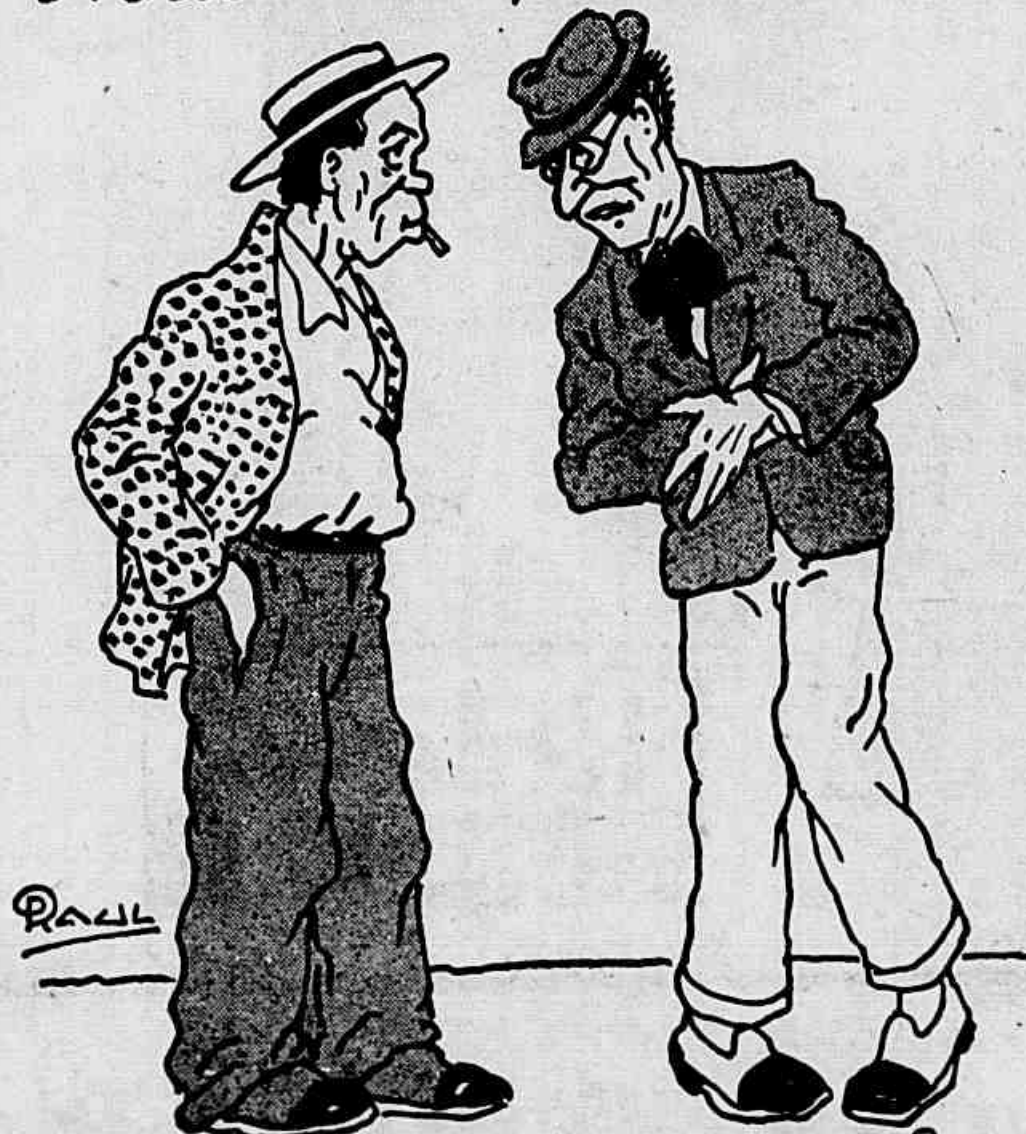
- Porque tentou incendiar minha loja?
- Cuidei que você estivesse lá dentro...



- Quantos pés tem o verso alexandrino?
- O verso bom não tem pés, tem asas.



- Empréstimo 200 fâcheras até 2 meses.
- Acho melhor brigarmos agora.



- Você leu o meu último romance?
- Não. É você?



- Não sabe o que é uma promissória? Você tem muita sorte!



ESTILO COLONIAL CALIFORNIANO

A arquitetura colonial californiana, cujas linhas características tão bem se adaptam ao clima brasileiro, tem sido sabiamente seguida pelos nossos engenheiros civis, sendo um aspecto comum encontrarmos ruas inteiras edificadas à maneira dos antigos palacetes da "Terra do Ouro". Infelizmente, porém, não é raro encontrar-se o interior dessas residências ornamentado e mobilado em estilo moderno, Luiz XV, veneziano ou Renascença, em completa e chocante dissonância com a construção do prédio. Não será difícil, entretanto, ornamentar uma residência construída em estilo californiano, com móveis adequados e sóbrios. O modelo acima é fornecido por uma residência da Califórnia, mostrando-nos um quarto de dormir mobilado e ornamentado de acordo com os costumes e as modas dos tempos da Colônia.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
 MARCA

UNES
 REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
 AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA · 67 - RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



ELMO



PARA UM BOM FUMANTE...
UM BOM CIGARRO

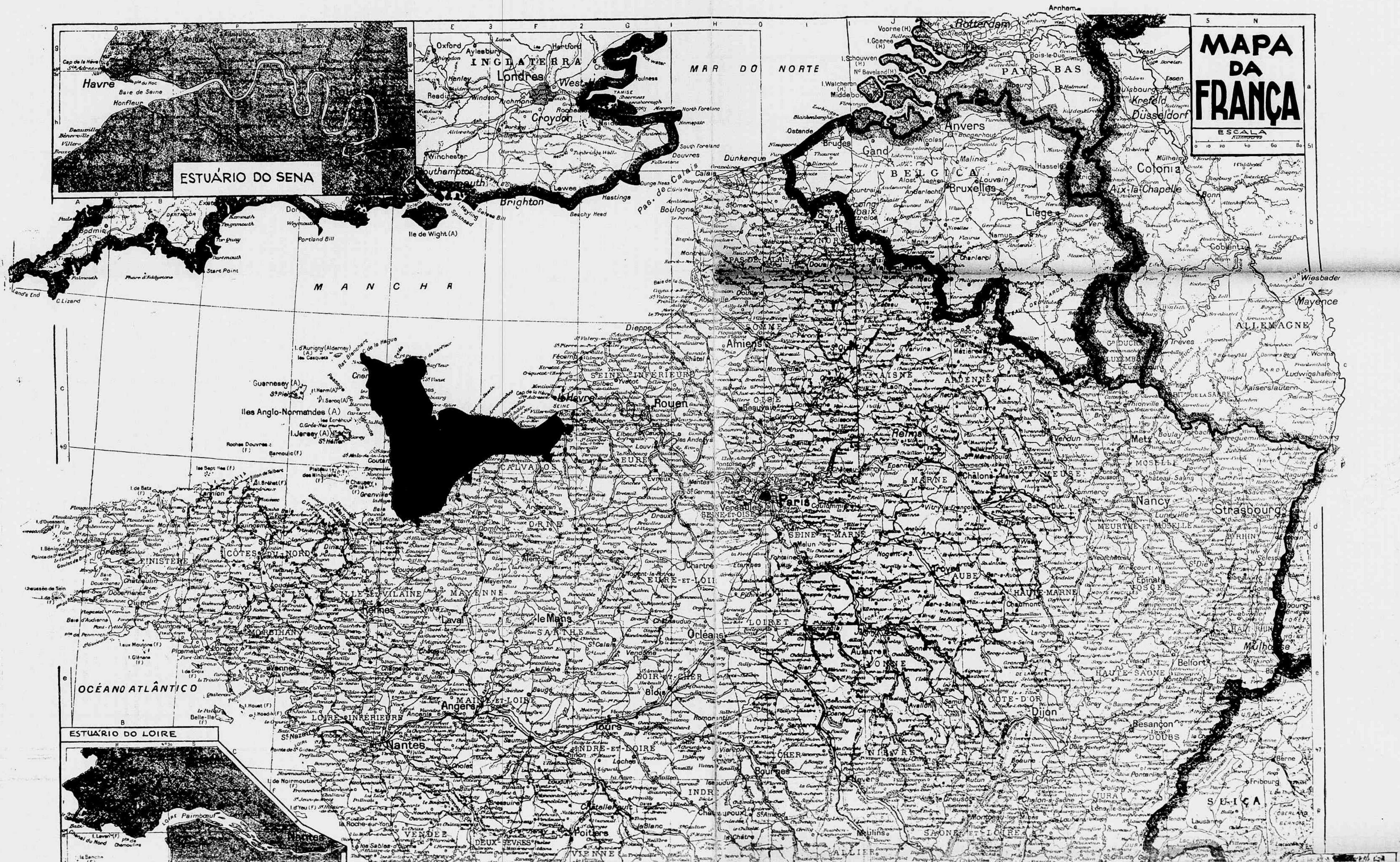


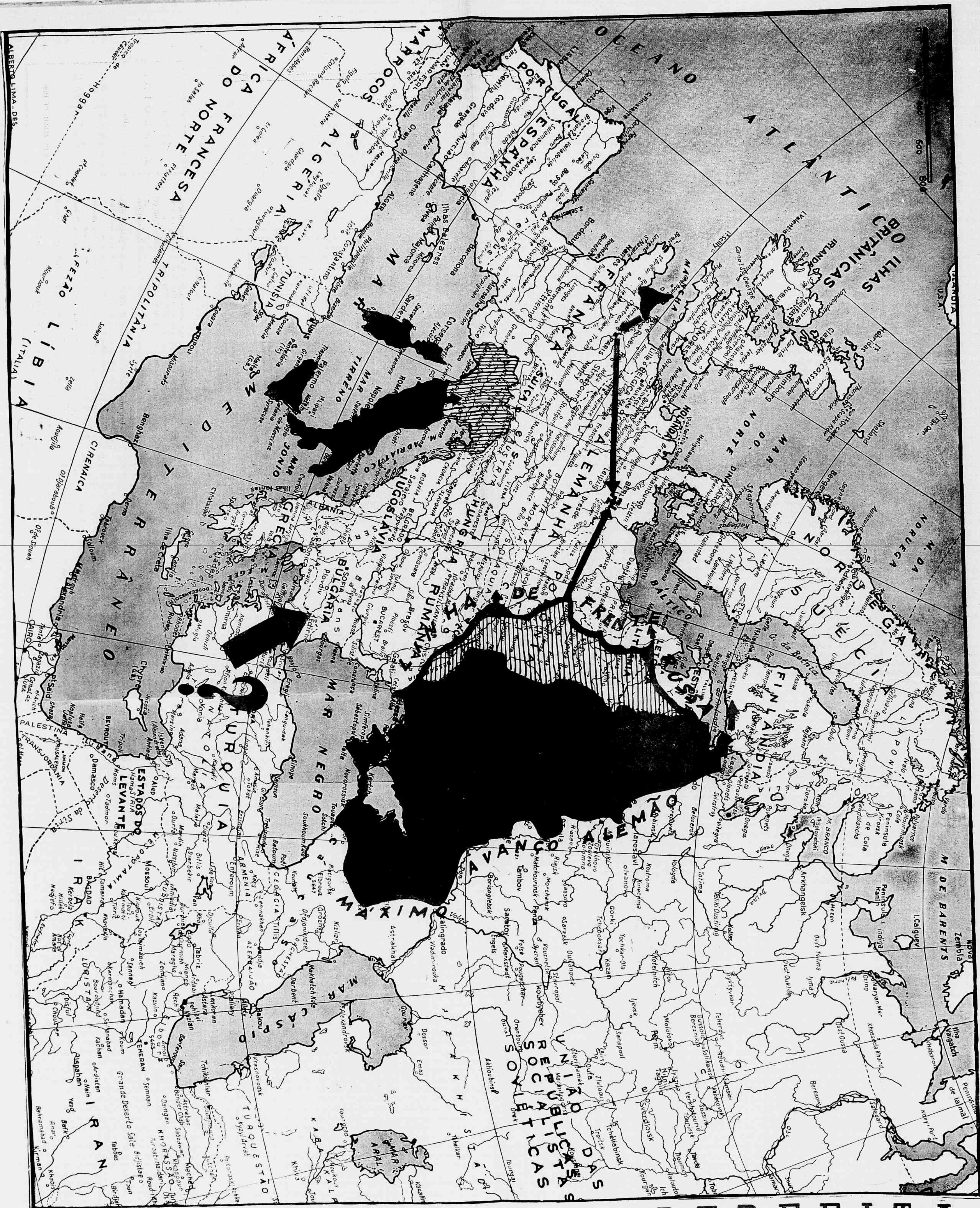
Cia de Cigarros
SOUZA CRUZ

Record

REVISTA DA SEMANA

SUPLEMENTO DE GUERRA





UMA CAMPANHA PERFEITA

Apesar de obscurecida pelas campanhas mais espetaculares da Rússia e da Normandia, onde estão sendo lançados a luta uma quantidade muito maior de homens e de material, a empresa que vem sendo levada adiante, quase sem interrupção, pelos exércitos de Clark e Alexander é qualquer coisa de notável.

Esta batalha da Itália vem a ser um prolongamento na Europa das árduas lutas no deserto, desde El Alamein, quando Montgomery bateu habilidosamente as tropas então lideradas de von Rommel.

Se desde o início o Oitavo Exército tem encontrado di-

fículdades enormes, estas não diminuíram depois da conquista da Sicília e consequente invasão da península.

O terreno escarpado, prestando-se admiravelmente a uma guerra defensiva, deveria retardar os movimentos dos atacantes, numa guerra em que as forças blindadas e a aviação desempenham um papel decisivo.

As linhas defensivas que os nazistas veem de há muito preparando enfraqueceram-se aos assaltos aliados uma após outra, e os exércitos alemães de Kesserling vão sendo empurrados inexoravelmente para o norte da Itália.

E' assim que o Oitavo Exército já se encontra à vista de Florença, cuja queda é esperada a qualquer momento.

Menos de nove semanas são transcorridas desde a libertação de Roma e posições importantíssimas dos alemães caíram em poder dos Aliados.

Pisa está ameaçada e o exército de Alexander aproxima-se da linha Gótica, a última linha defensiva dos nazistas, antes que sejam atingidas as grandes cidades industriais do norte da Itália, cuja libertação determinará o fim da campanha.

Provavelmente o avanço aliado terá o seu ritmo diminuído quando chegarem aos Apeninos, barreira natural de que certamente saberão se aproveitar os nazistas.

Entretanto, apesar de todas as dificuldades, esta campanha vem sendo levada a efeito com invulgar brilhantismo e segurança.

Para nós brasileiros este setor da luta adquire extraordinária importância, uma vez que nossos irmãos breve estarão derramando seu sangue, que alicerçará um mundo melhor.

A chapada em cinza representa o território russo reconquistado. A parte em "gris" horizontal mostra o avanço russo além das fronteiras. O "gris" vertical representa o território italiano conquistado pelos Aliados.

ITALIA

A completa restauração do porto de Cherburgo promete para breves dias acontecimentos sensacionais.

M E D I T E R R A N E O

ITALIA